UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E
CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

O ESPAÇO DO CARNAVAL NA PERIFERIA DA CIDADE DE SÃO PAULO

Nanci Frangiotti

SÃO PAULO
Maior/2007

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E
CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

O ESPAÇO DO CARNAVAL NA PERIFERIA DA CIDADE DE SÃO PAULO

Nanci Frangiotti

Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como exigência para a obtenção do grau de Mestre.

Orientadora: Prof^a Dr^a Glória da Anunciação Alves

SÃO PAULO
Maio/2007

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E
CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

Nanci Frangiotti

O ESPAÇO DO CARNAVAL NA PERIFERIA DA CIDADE DE SÃO PAULO

Dissertação apresentada ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como exigência para a obtenção do grau de Mestre.

Orientadora: Profª Drª Glória da Anunciação Alves

A banca examinadora da Dissertação em sessão realizada em
____/____/_____, considerou a candidata:

1) Examinador: Profº Dr. Mario Chamie

2) Examinador: Profª Dra. Rita de Cássia Ariza da Cruz

3) Presidente: Profª Dra. Glória Anunciação Alves

SÃO PAULO
2007

DEDICATÓRIA

Silêncio, o sambista está dormindo
Ele foi, mas foi sorrindo
A notícia chegou quando anoiteceu
Escolas, eu peço silêncio de um minuto
O Bexiga está de luto
O apito de Pato N'água emudeceu
Partiu, não tem placa de bronze
Não fica na história
Sambista de rua morre sem glória
Depois de tanta alegria que ele nos deu
Assim um fato repete de novo
Sambista de rua, artista do povo
É mais um que foi sem dizer adeus.

Salve Geraldo Filme,
Irmãozinho e Sambista eterno!

AGRADECIMENTOS

- À Prof^a Dra. Glória Anunciação Alves pela confiança, paciência e dedicação.
- À Prof^a Dra. Rita de Cássia Ariza da Cruz pelo incentivo de longa data.
- À Prof^a Dra. Ana Fani Alessandri Carlos pelo choque intelectual de suas aulas e por despertar em mim um grande interesse pelo estudo da Geografia Urbana.
- Ao presidente da Valença Perus, Cláudio, e os seus componentes que sempre foram muito receptivos com a pesquisa.
- À presidente da UESP, Léia, amiga e também batalhadora contra as penúrias culturais dessa cidade.
- À amiga e companheira Angela Garcia pelas fotos cedidas e longas trocas de idéias sobre o tema, além da participação nas quadras de Escolas de Samba.
- Aos amigos Cristina Garcia, Shirley Salazar, Thiago Calil pela grande contribuição na formatação e finalização do trabalho.
- Aos meus amigos da Geografia orientandos da Prof^a Glória e Prof^a Ana Fani por todas as trocas de idéias, risadas e preocupações compartilhadas.
- Aos meus amigos da Ouvidoria Geral do Município, Maria Inês Fornazaro e equipe que colaboraram muito com a compreensão e paciência.
- À minha mãe Lydia, minha irmã Tânia e meus sobrinhos Gabriel e Jair pelo incentivo e participação em vários momentos da pesquisa.
- A todos(as) sambistas dessa cidade, anônimos artistas que lutam pelo direito à festa.
- E a todos aqueles que em vários momentos estiveram envolvidos no trabalho.

Muito obrigada!!!

SUMÁRIO

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES	7
ÍNDICE DE FOTOS	8
RESUMO	9
ABSTRACT	10
INTRODUÇÃO	11
1. A CONSTRUÇÃO DO EVENTO E A SUA OCUPAÇÃO ESPACIAL NA PERIFERIA DE SÃO PAULO.....	17
1.1 – A FORMAÇÃO DA PERIFERIA DA CIDADE DE SÃO PAULO E O DISTRITO DE PERUS.....	20
1.1.1 – Aspectos geográficos, sociais e de lazer do distrito Perus.	23
1.2 – BREVE HISTÓRICO DA ESCOLA DE SAMBA VALENÇA DE PERUS.....	39
1.3 – AS ATIVIDADES DO VALENÇA E A COMUNIDADE LOCAL.	49
2. A CIDADE DE SÃO PAULO E O CARNAVAL PAULISTANO: EVOLUÇÕES E INVOLUÇÕES	63
3. A ESPETACULARIZAÇÃO DA FOLIA E A ALIENAÇÃO DA FESTA	90
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	109
GLOSSÁRIO CARNAVALESCO.....	114
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	120

INDÍCE DE ILUSTRAÇÕES

Tabela 1. Espaços Públicos de Lazer/Regiões.....	14
Figura 1. Anúncio da revista Architectura e Construções (1929).....	19
Tabela 2. Rendimento Chefes de Família.....	24
Mapa 1. Distrito de Perus	25

ÍNDICE DE FOTOS

Foto 1. Vista aérea da localidade em Perus.....	28
Foto 2. Vista da rua principal do centro – Vila de Perus.....	29
Foto 3. Vista aérea do CEU Perus.....	31
Foto 4. Vista da quadra e do viaduto.....	37
Foto 5. Vista da entrada da quadra.....	38
Foto 6. Voluntários preparando o bolo da Festa das Crianças.....	47
Foto 7. Visão geral da Festa das Crianças.....	48
Foto 8. Desfile do Valença em Interlagos – Carro Abre-Alas.....	54
Foto 9. Desfile do Valença nas ruas de Perus.....	56

Resumo

No estudo apresentado, buscou-se compreender alguns aspectos que ocorrem no processo de urbanização da cidade de São Paulo. Há análise do uso do espaço e a sua apropriação, especialmente na periferia, tendo como mediação a produção do Carnaval e as relações sociais decorrentes.

Abordam-se aspectos da formação urbana de São Paulo a partir da forte industrialização que se deu dos anos 50 e da extensa periferia que se formou na metrópole, especialmente dos anos 70 (séc. XX) em diante. Esse processo é analisado por meio da bibliografia e depoimentos colhidos, mantendo o viés Carnaval como mediação do direito ao encontro, à festa, à cidade.

Analisa-se, ainda, a cooptação da festa pelo espetáculo-midiático e pelo poder público por meio do processo de alienação dos criadores da festa e dos resultados colhidos com o espetáculo.

Palavras-chave: Perus – São Paulo, Periferia, Carnaval, uso do espaço, urbanização, espaço.

Abstract

The Carnival Area in the suburb of São Paulo city

Throughout the presented study, aspects of the urbanization process of São Paulo City are looked into. It analyses the space use and appropriation, especially in the City's suburban outskirts having as mediation, Carnival production and the social relations deriving from it.

It goes into aspects of São Paulo's urban shaping by the strong industrialization period which took place during the 50s and the extensive suburban area growth on its outskirts beginning in the 70s. This process is analyzed by bibliography mean's and harvested depositions, keeping the bias Carnival as mediation of the right to the meeting, the party, the city.

It also analyzes the co-option of the party towards the media-show and government format, through the alienation process of the party creators as well as the results coming from the show.

Key words: Perus - São Paulo, Suburbs, Carnival, space use, urbanization, space.

Introdução

O tema proposto, da maneira que está brevemente apresentado, fundamenta-se pela relevância que a cidade de São Paulo tem no cenário nacional e mundial e a importância que o Carnaval adquiriu enquanto expressão cultural do povo brasileiro.

Entendendo a grande significância e contribuição que esse estudo pode oferecer, buscou-se analisar o uso do espaço e a sua apropriação a partir da pesquisa de como se produz o Carnaval na periferia e as relações sociais decorrentes. Dessa forma, tornou-se necessário compreender aspectos importantes que ocorrem no processo de urbanização da cidade de São Paulo.

O interesse por esse tipo de manifestação carnavalesca data do período de 1991 em que trabalhei como Gerente de Planejamento na empresa municipal Anhembi Turismo e Eventos da Cidade de São Paulo e, entre outras atribuições, coordenei o Desfile das Escolas de Samba e Blocos Carnavalescos Paulistanos.

Nesse ano, deu-se a transferência do desfile da Avenida Tiradentes para um espaço construído especialmente para eventos deste porte, ao qual popularmente atribui-se o nome de Sambódromo.

Naquele período, despertou-me um interesse particular em compreender como era possível aquelas pessoas dedicarem-se tanto a um evento que, aparentemente, durava, no conjunto todo, apenas quatro dias. À Escola que desfilava, dependendo do grupo¹ a que pertencesse, todo o seu empenho e esforço estariam reservados entre quarenta a sessenta minutos para a apresentação de seu desfile.

Com a visão puramente administrativa de quem participava do evento no papel do poder público, percebia-se apenas o resultado do processo, isto é, o evento em si, no qual os componentes das Escolas, visivelmente, chegavam com muito sacrifício pessoal. Muitas Escolas, tanto aquelas que desfilavam no Sambódromo ou nos bairros, apresentavam-se com fantasias simples,

¹ O regulamento do concurso determina o tempo de desfile que tem cada grupo, seguindo a lógica de quanto maior é a Escola mais tempo é necessário para se apresentar na Avenida.

confeccionadas com materiais muitas vezes improvisados (papel *crepon* ao invés de tecido, tampas de garrafas enfeitando as alegorias, etc)², com as pessoas desfilando descalças, pois não havia recursos para comprar sapatilhas ou algo semelhante. A minha lógica puramente racional quis, posteriormente, desvendar os segredos da festa e a sua representação, análise que é apresentada nesta pesquisa.

Marco de uma transformação estética que viria a ocorrer nas grandes agremiações, num processo de evolução para uns, involução para outros (questões abordadas ao longo dos três capítulos desenvolvidos), parte do Carnaval paulistano passa a ser um espetáculo de luxo e beleza com rigorosos critérios de qualidade estética exigidos por uma mídia que o projeta nacional e internacionalmente, alavancando, dessa forma, as vendas de publicidade e anúncios por somas exorbitantes. Para essa mídia e as articulações³ que envolvem a organização do Carnaval paulistano, o espetáculo passa a ser uma mercadoria rentável.

A maioria dessas agremiações passou a se profissionalizar, contratar artistas tornados famosos por essa mesma mídia para o desfile, cobrar pelas fantasias e destaques, praticando preços demasiadamente altos, o que afastou, em muitos casos, a própria comunidade de origem, em geral formada por uma classe social de baixa renda que não tem recursos suficientes para participar do desfile. Essas pessoas, na sua maioria residentes na periferia, muitas vezes, vão à busca de Escolas de Samba menores ou acabam por criar novas agremiações na localidade onde vive uma comunidade interessada pela festa carnavalesca.

² Atualmente, o reaproveitamento de materiais como garrafas de plástico, latinhas de alumínio, tampas de garrafas, entre outros, tem sido utilizado não apenas pela economia financeira que isso representa, mas também por uma consciência maior sobre a importância da reciclagem para a preservação ambiental.

³ Refere-se às empresas envolvidas, sejam de âmbito privado (cervejarias, hotéis, restaurantes, produtores de materiais utilizados nas confecções de fantasias, entre outras) como de âmbito público (prefeitura e estado).

Não se deve generalizar, uma vez que parte das alas ainda concentra a comunidade, como, por exemplo, a equipe responsável pela harmonia⁴, a ala das baianas, das crianças e a própria bateria. Não seria possível para a Escola sobreviver sem a presença da comunidade que gira em torno dela, pois nela se apresentam aqueles que realmente valorizam a participação nesses agrupamentos, ainda que seja apenas nos ensaios que ocorrem durante o ano inteiro. Para manter uma manifestação desse porte, não basta apenas vender fantasias e transformar-se num espetáculo midiático, é necessária a formação de uma estrutura orgânica e coesa, pois do contrário as tradições seriam dissolvidas ao fim da primeira geração de uma Escola, quando, em geral, essa tradição é passada de geração a geração.

Mas a festa não se resume ao espetáculo-mídia do Sambódromo, ela ainda percorre as ruas, seja por meio dos grupos das Escolas de Samba menores que desfilam nos bairros, ou, ainda, das Bandas Carnavalescas⁵ que se organizam por grupos de pessoas interessadas na forma voluntária e, durante o percurso do desfile pelas ruas, têm adesão espontânea do público.

Em São Paulo, simultaneamente ao denominado Carnaval-espetáculo⁶ e televisivo do sambódromo, no qual desfilam as Escolas maiores representadas pela LIGA – Liga das Escolas de Samba, ocorrem os desfiles dos grupos menores nos bairros, tais como: Vila Esperança, Vila Maria, Butantã e Autódromo de Interlagos (em 2007). Neles, o público presente fica em torno de 50.000 pessoas

⁴ Essa equipe é responsável por manter a formação da Escola durante o desfile, cuidando do tempo, coreografia, direção dos carros alegóricos etc.

⁵ As Bandas Carnavalescas desfilam por ruas da cidade no período que antecede os dias de Carnaval, não tendo a formação em alas. Em geral, são promovidas por grupos de amigos que se organizam livremente em torno da idéia de festejar o carnaval sem compromisso e vínculo com concursos. Não costumam ter letra de música própria, prevalecendo as marchinhas carnavalescas ou músicas típicas do Carnaval baiano, conhecidas como axé. Atualmente, para o acompanhamento de som, é freqüente a presença do trio-elétrico. Em São Paulo existem algumas bandas tradicionais que saem de determinados pontos da cidade como a do Candinho (bairro do Bexiga), a da Redonda (Av. Ipiranga), a Bantantã (bairro do Butantã) etc.

⁶ A partir dos anos 60, no Rio de Janeiro, algumas Escolas como o Salgueiro passam a ter como carnavalescos artistas plásticos entre eles Fernando Pamplona e Arlindo Rodrigues que começam a dar grande importância ao visual das fantasias e dos adereços, carregando-as de brilho e luxo. Não somente turistas nacionais e internacionais foram atraídos a esse espetáculo luxuoso fomentando os negócios turísticos, como também a mídia passou a se interessar pelo desfile, vislumbrando assim uma oportunidade bastante rentável por meio da venda de anúncios. A esse

por noite, de acordo com dados da UESP – União das Escolas de Samba Paulistanas, entidade representativa responsável pela organização desses desfiles nos bairros. Ainda que pareça contraditório, o evento é o mesmo, sendo organizado por duas entidades distintas, porém trata-se de um único concurso cujo objetivo é alcançar a sucessão de grupos até se chegar ao grupo especial e nele tentar se manter.

Esse Carnaval dos grupos das Escolas menores, ainda que mantenha os mesmos ou semelhantes critérios de organização do Carnaval-espetáculo, adquire formas e conteúdos diferentes, pois tem poucos recursos financeiros e infraestrutura precária, dependendo quase que exclusivamente da comunidade local, seja a da origem da agremiação carnavalesca, no que tange à organização, assim como daquela que a recebe na apresentação do evento nos dias de Carnaval.

Algumas ruas desses bairros ficam, em parte, tomadas pela festa por meio dos pequenos carros alegóricos, componentes e público assistente, o qual, em geral, participa ativamente formando alas espontâneas que dançam em paralelo às Escolas.

Assim, pensando na cidade, nas suas formas e conteúdos, em especial com relação à festa que se materializa por meio do Desfile das Escolas de Samba, buscou-se, na pesquisa, responder a questão de como se organiza espacialmente o Carnaval na periferia da cidade de São Paulo e o que ele representa para as suas comunidades, até mesmo como contribui ou não para o uso e apropriação do espaço.

As hipóteses previamente levantadas trataram das relações intrincadas no eixo espaço-comunidade-carnaval e foram assim apresentadas:

- As Escolas de Samba se organizam na periferia, em sua maioria, de maneira espontânea e voluntária. Ocupam espaços, em geral, sob a alçada do poder público, tais como baixos de viadutos ou terrenos abandonados, e, na ausência ou impossibilidade desses, a rua passa a ser o espaço.

processo de transformação alguns estudiosos como Brunhs (2000) e Ferreira (2004) utilizam-se da classificação de Carnaval-espetáculo.

- As Escolas de Samba na periferia estão inseridas num quadro de exclusão sócio-espacial, onde a falta de recursos e de infra-estrutura urbana é bastante expressiva. Essa situação de escassez favorece um ambiente de solidariedade e de ação comunitária durante o processo de organização do Carnaval.
- Essa apropriação espacial, seja na rua ou em ambientes adaptados à finalidade carnavalesca, favorece o encontro e propicia a sociabilização entre as pessoas da comunidade.
- O objetivo principal dos componentes da Escola de Samba, independentemente do Grupo ao qual pertença, é vencer o concurso e ascender até o Grupo Especial e nele permanecer, conquistando dessa forma o direito de desfilar no Sambódromo e da transmissão do desfile pela televisão e, conseqüentemente, o *status* e o reconhecimento social em sua comunidade. Assim, ainda que favoreça a solidariedade e a união de esforços, as Escolas acabam por se inserir na lógica da reprodução do capital aspirando chegar ao Carnaval-espetáculo. O que poderia representar resistência tende a ser capturado pela mercantilização e espetacularização da festa.

A pesquisa foi estruturada na investigação e análise do processo de uso do espaço urbano da periferia paulistana e do lugar que ocupa o Carnaval nesse processo.

Para a escolha da agremiação carnavalesca como estudo de caso, foram estabelecidos critérios de tempo de existência, localização em região periférica e envolvimento com a comunidade. Assim, de acordo com esses critérios, a opção foi pelo Grêmio Recreativo Clube Social e Escola de Samba Valença Perus, doravante denominada apenas Valença, localizada em Perus, distrito do município de São Paulo.

O levantamento de dados baseou-se em fontes primárias, tais como: registros documentais de poder público, coleta de documentos iconográficos e escritos, depoimentos orais de pessoas participantes do Carnaval, assim como de moradores de Perus, e, ainda, observação em campo. Como fontes secundárias

foram feitas pesquisas em livros, jornais, revistas e *internet*. Toda a pesquisa buscou informações sobre o processo de urbanização da periferia e, ainda, referentes ao Carnaval, como descrito na bibliografia.

A estrutura de redação seguiu o método narrativo-analítico, estando os capítulos distribuídos de maneira que no primeiro contenha um breve histórico de Perus e o processo de expansão da cidade em áreas periféricas. Esse capítulo aborda as questões referentes à construção do evento⁷, sua apropriação espacial na periferia onde se apresenta a pesquisa de campo em Perus e a discussão sobre as relações que se estabelecem no espaço.

No segundo capítulo, abordou-se o processo de urbanização da cidade de São Paulo e a contextualização do Carnaval como parte do mesmo. Ainda que se guarde um desejo de aprofundar-se mais no detalhamento da história dessa cidade e da festa que tem uma forte representação na cultura brasileira, optou-se pela brevidade narrativa, pois não constitui o foco principal dessa pesquisa.

No terceiro e último capítulo, pontua-se uma análise das contradições que se apresentam na construção do espetáculo, na sua forma e conteúdo. A contemplação e a realidade, passando pela discussão sobre a relação espacial do concebido (Sambódromo) e a representação do conquistado (a rua). Buscou-se aqui promover uma discussão sobre o uso da festa pela mídia como mercadoria que transfigura a realidade vivida pelas comunidades carnavalescas, assim como a importância que representa o uso do espaço na consolidação da festa e na promoção da vida por meio de suas convergências e conflitos.

⁷ Entende-se evento como uma atividade planejada para a reunião de pessoas com os mesmos objetivos.

1. A construção do evento e a sua ocupação espacial na periferia de São Paulo

Tem certos dias em que eu penso em minha gente
E sinto assim todo o meu peito se apertar
Porque parece que acontece de repente
Como um desejo de eu viver sem me notar
Igual a como quando eu passo no subúrbio
Eu muito bem vindo de algum lugar
E aí me dá como uma inveja dessa gente
Que vai em frente sem nem ter com quem contar
(..) E aí me dá uma tristeza no meu peito
Feito um despeito de eu não ter como lutar
E eu que não creio peço a Deus por minha gente
É gente humilde, que vontade de chorar⁸

A escolha pelo estudo de caso, entidade carnavalesca e sua localização, data do ano de 2000, quando, em outro estudo, o enfoque principal era a análise da construção do evento Desfile das Escolas de Samba e Blocos Carnavalescos da cidade de São Paulo por uma comunidade carente.

Num outro momento, em 2004, buscou-se um novo tema para a pesquisa, este relacionado à apropriação e ao uso do espaço. Percebeu-se que os dados colhidos anteriormente serviriam de base para a compreensão da importância do espaço no processo de desenvolvimento das relações sócio-culturais daquela comunidade estudada anteriormente. O estudo, nesse momento, passa a ser a análise do uso espacial mediado pelo Carnaval.

A determinação do estudo de caso se deu por meio de quatro critérios anteriormente adotados e que se mantiveram na pesquisa atual: a localização territorial numa região da cidade reconhecidamente carente tanto sócio-economicamente como também com relação à oferta de lazer; a situação de escassez econômica da entidade carnavalesca; o tempo de existência da entidade; a existência de um trabalho constante da entidade junto à comunidade.

⁸ Gente Humilde – Garoto, Vinícius de Moraes, Chico Buarque.

A entidade carnavalesca foi escolhida a partir do cruzamento de dados de pesquisas levantadas em fontes oficiais mais o resultado da pesquisa feita sobre o universo das Escolas de Samba existentes na capital de São Paulo.

O primeiro critério de escolha, quanto à localização territorial da entidade carnavalesca, teve como base os dados fornecidos pela SEMPLA – Secretaria Municipal de Planejamento Urbano de São Paulo, a partir dos quais se puderam identificar as regiões mais carentes da cidade. O levantamento foi feito junto ao *sítio* oficial da prefeitura municipal, no qual se encontram dados estatísticos atualizados sobre a cidade de São Paulo.

Quanto aos espaços públicos de lazer, foram considerados na análise: casa de cultura, parques, centro desportivo municipal, unidades educacionais esportivas e CEU⁹ – Centro Educacional Unificado. Considerando os dados demográficos divididos por regiões, a Zona Norte se revelou, entre as zonas periféricas, como a que possui menos oferta de espaços de lazer.

Com relação ao segundo critério, relacionado ao universo das entidades carnavalescas, referiu-se à distribuição da subvenção da prefeitura. A opção se fez por uma entidade associada à UESP, a qual recebe menor subvenção do poder público. Com poucos recursos financeiros provenientes da subvenção, e, evidentemente, por ser menor e ter menos visibilidade, oferece poucos atrativos a um possível patrocinador da iniciativa privada. Nesses casos, a entidade busca maior apoio junto à comunidade, pois depende quase que totalmente dela para garantir a sua sobrevivência. Assim, a inter-relação Entidade – Comunidade firma-se em alicerces de voluntariedade e interdependência.

O terceiro critério foi em relação ao tempo mínimo de existência da entidade, isto é, de três anos, supondo assim o alcance de uma relativa maturidade e uma credibilidade maior junto à comunidade carnavalesca, por já ter passado pela fase de acesso e ser aceita na entidade representativa, neste caso a UESP.

⁹ CEUs – Centro Educacionais Unificados. Esses complexos educacionais, construídos pela Prefeitura do Município de São Paulo no período de 2003 a 2004, incluem creche, Escola de Educação Infantil, Escola de Ensino Fundamental, *playground*, centro comunitário, teatro, cinema, biblioteca, quadras esportivas, piscina, vestiários, *ateliês*, estúdios para oficinas de vídeo, TV, rádio e fotografia, telecentro.

TABELA 1: Espaços Públicos de Lazer/Regiões – São Paulo (SP) - 2007.

ZONA	População	Espaços Culturais	Espaços Esportivos e de Recreação	Parques Municipais	CEUs	Total NA	Total %	EPL¹⁰ Per capita
Leste	4.004.585	33	219	6	9	267	38%	0,006
Oeste	945.993	16	55	5	1	77	11%	0,008
Norte	2.183.729	14	80	8	4	106	15%	0,005
Sul	3.380.151	30	179	9	7	225	32%	0,007
Centro	381.063	12	21	4	0	37	5%	0,010
Capital sem espec.	4039	-	-	-	-	-	-	-
Total	10.899.560	105	554	32	21	712	100%	0,006

Fonte: Prefeitura do município de São Paulo – Secretaria Municipal de Planejamento Urbano/Sempla - Departamento de Informações/Dipro¹¹
Organização: Nanci Frangiotti (2007).

Por fim, o quarto critério baseou-se na existência de um trabalho efetivo e constante da entidade carnavalesca junto à comunidade, por meio da realização de atividades de lazer e de ações sociais.

O primeiro momento da pesquisa deu-se em agosto/2000 com os primeiros contatos com a diretoria do G.R.C. Blocos Unidos Valença de Perus¹², que naquela época era Bloco Carnavalesco. A escolha dessa entidade foi feita a partir de consultas realizadas junto à direção da UESP, estando no perfil dos critérios estabelecidos, ou seja:

1. Está localizada no distrito de Perus que é um dos mais carentes sócio-economicamente da cidade de São Paulo;
2. Pertence à região norte da cidade que, segundo levantamento realizado, é a que tem menor número de espaços públicos de lazer;
3. Foi fundada em 1992;

¹⁰ EPL – Espaço Público de Lazer – o cálculo tem como base a percentualização da população e quantidade de espaços não considerando a capacidade dos mesmos.

¹¹ Consulta no site www.prefeitura.sp.gov.br em 08.01.2007

¹² No trabalho estaremos nos referindo à entidade apenas como Valença.

4. Tem um trabalho contínuo (social, cultural, lazer) junto à comunidade local.

A partir de agosto/2000, realizou-se o trabalho de campo, o qual perdurou pelo período de um ano e foi estruturado pelos seguintes instrumentos de análise:

- Observação *in-loco* durante a realização de atividades festivas, filantrópicas e de trabalho no barracão;
- Aplicação de entrevistas junto aos componentes da escola (qualitativo);
- Aplicação de entrevistas com o público presente na realização de um evento promovido pelo Bloco (qualitativo).

Para o novo enfoque da pesquisa, a coleta de dados continuou sendo feita por meio de observações *in-loco* e contatos com os membros da entidade e pessoas da comunidade, no período de 2005 a 2007.

1.1 – A formação da periferia da cidade de São Paulo e o distrito de Perus.

É a partir dos anos 50 que a cidade de São Paulo é “imersa num processo de *implosão-explosão* para as periferias” (SEABRA, 2004:271). Marcada por um forte crescimento industrial, que se estendia principalmente ao longo das ferrovias, a cidade atraía cada vez mais os fluxos migratórios que vinham em busca de trabalho e por uma aparente melhora de vida.

Continuamente em crescimento no período entre as décadas de 1950 a 1980, a cidade se mostra dispersa e acentuadamente segregada. De acordo com Caldeira:

A partir dos anos 40 o padrão de urbanização tem quatro características principais: 1) é disperso em vez de concentrado – a densidade populacional caiu de 110 hab/há em 1914 para 53 hab/há em 1963 (F. Villaça citado por Rolnik 1977:165); 2) as classes sociais vivem longe uma das outras no espaço da cidade: as classes médias e alta nos bairros centrais legalizados e bem-equipados; os pobres na periferia, precária e quase sempre ilegal; 3) a aquisição da casa própria torna-se regra para a maioria dos moradores da cidade, ricos e pobres; 4) o sistema de transporte

baseia-se no uso do ônibus para as classes trabalhadoras e automóveis para as classes média e alta.¹³ Esse padrão de urbanização consolidou-se ao mesmo tempo em que a cidade tornou-se o centro industrial do país, com a expansão de indústrias pesadas em substituição às manufaturas têxteis e de alimentos (uma mudança associada à implantação da produção de automóveis), e quando a cidade recebeu um grande fluxo de migrantes do Nordeste do Brasil. (CALDEIRA, 2003: 218 – 219)

Na busca pela conquista de moradia própria, a classe trabalhadora partiu para as áreas distantes do centro da cidade e desprovidas de quase todo o tipo de infra-estrutura: saneamento básico, iluminação, ruas asfaltadas (inclusive, muitas vezes, sem a delimitação de ruas), transporte público etc.

De acordo com Langenbuch essas áreas são definidas como periferias:

O termo periferia tem sido empregado num sentido quase literal, auto-definitório, do vocábulo, indicando parte da cidade localizada em suas bordas, dependendo do modo como isso for encarado.(...) No Brasil, o termo vem sendo utilizado com forte conotação social, reportando-se quase sempre a porções de qualquer aglomeração urbana, não necessariamente grande, localizadas via de regra em porção próxima aos limites externos da área edificada, onde predomina a ocupação residencial pelas camadas mais pobres da população, estabelecida ali de modo bastante precário. Em tais espaços urbanos é comum haver uma elevada densidade demográfica acarretada pela extrema ocupação dos lotes por várias casas humildes, muitas vezes com paredes sem reboco, apenas lajes na cobertura, quando não por construções que podem ser qualificadas como casebres ou barracos, sendo as vezes difícil visualizar a transição para favela. (LANGENBUCH, 1981:89)

Com recursos escassos, essa população ficou à mercê de especuladores imobiliários que negociavam terras griladas ou fraudadas, caracterizando uma ocupação ilegal da terra. Ao construírem as suas casas, deram continuidade ao processo de irregularidade e falta de planejamento, pois se viam diante da dificuldade em obterem registros dos imóveis e, ainda, sem recursos para financiar

¹³ Nota do autor: A análise que se segue é baseada em: Brant *et al.* (1989), Caldeira (1984), Camargo *et al.* (1976) e Langenbuch (1971).

o projeto da edificação e legalizar o imóvel junto à prefeitura. Dessa forma, as construções seguiram o padrão intuitivo, isto é, cada um construiu do jeito que podia e conseguia, seja pela questão econômica dos custos envolvidos ou pela habilidade em edificar um imóvel.

De acordo com Maricato a respeito do processo de autoconstrução:

A importância quantitativa (e qualitativa) da autoconstrução junto ao proletariado das grandes cidades dos países capitalistas dependentes mostra que os programas e políticas oficiais estatais de habitação popular são muito menos importantes na produção da habitação popular do que querem fazer crer os relatórios técnicos oficiais. É principalmente através da autoconstrução que a maioria da população trabalhadora resolve o problema de habitação, trabalhando nos fins de semanas, ou nas horas de folga, contando com a ajuda de amigos ou parentes, ou, contando apenas com a própria força de trabalho (marido, mulher e filhos). (MARICATO, 1982:73)

Com poucas técnicas e disponibilidade financeira para a construção das moradias, a paisagem da periferia torna-se homogênea onde “(...) o que predomina é uma sucessão infindável de bloco e laje, bloco e laje, bloco e laje.” (SEABRA, 2004: 274). Ao percorrer a periferia nas várias regiões da cidade, a impressão que permanece é a de que já se viu algo parecido. As casas mal construídas e quase sempre inacabadas, as ruas estreitas, automóveis velhos, tipo de comércio muito semelhante (bares, açougues, farmácias, casas de móveis e de roupas).

Com relação a essa paisagem arquitetônica predominante na periferia, Maricato comenta:

(...) dada a articulação rígida de todos os elementos que se compõem na determinação do produto (casa popular): o lote, de dimensões pequenas, os materiais baratos, simples, de manipulação fácil e largamente conhecidos, a mão de obra não especializada e intermitente, a técnica rudimentar, poucas ferramentas, nenhuma máquina, e a disponibilidade parcelada de tempo e dinheiro, o que determina a construção por etapas. A casa começa a deteriorar-se antes de receber o material de acabamento, dado o largo tempo de uso que precede ao mesmo. (MARICATO, 1982:91)

Em São Paulo esse processo “de proletarização do espaço, essa ocupação pobre, extensiva e horizontalizada que ganhou apelidos de “inchamento”, “cinturão de pobreza”, se acentua com o que podemos chamar de segunda etapa da industrialização do país em meados da década de 50”. (MARICATO, 1982:83).

1.1.1 – Aspectos geográficos, sociais e de lazer do distrito Perus.

Apesar de, na atualidade, a maior parte da paisagem de Perus se assemelhar muito com a maioria da extensa periferia formada na cidade de São Paulo a partir dos anos 50, pode-se considerar que a formação do distrito de Perus se deu em três períodos migratórios¹⁴.

O primeiro foi marcado a partir de fevereiro de 1867 quando foi inaugurada a Estação Perus, pertencente à Estrada de Ferro Santos – Jundiaí, dando início ao processo de urbanização daquela região conhecida como Fazenda Ajuá. Os grandes marcos desse período foram a instalação da Companhia Melhoramentos de São Paulo (1890), o Hospital Psiquiátrico do Juquery e sua Fazenda (1898), a Estrada de Ferro Perus-Pirapora e ainda a Fábrica de Pólvora instalada a uns duzentos metros da Estação de Perus, da qual ainda restam alicerces. Novos moradores foram atraídos a Perus, haja vista que o acesso foi facilitado pela ferrovia.

A segunda leva migratória se deu a partir do ano de 1926 quando teve início as atividades da Companhia de Cimento Portland, primeira indústria do ramo no país, cujo empreendimento envolveu empresários brasileiros, canadenses e americanos. Com isso, a oferta de trabalho atraiu operários e seus familiares que se fixaram na região, formando as vilas Triângulo e Portland, dentro do perímetro da fábrica, e as vilas Inácio, Operária e Hungareza, fora da empresa.

¹⁴ Esse relato histórico que segue foi baseado no texto do historiador Elcio Siqueira disponível no site www.prefeitura.sp.gov.br/subprefeituras/sppr/organizacao/0002 - acesso em 07/09/2005 às 13h17min

É importante ressaltar que, nesse período, na cidade de São Paulo, tem início um grande processo de industrialização e urbanização¹⁵ criando a necessidade de material voltado à construção. Dessa forma, a Fábrica de Cimento utilizou-se de grandes anúncios em revistas especializadas, como a *Architectura e Construções*, para divulgar o seu produto, como mostra a imagem da publicidade a seguir:

FIGURA 1: Anúncio da revista *Architectura e Construções* – 1929

¹⁵ Sobre esse assunto será discorrido no capítulo 2 deste trabalho.

De acordo com Langenbuch, a ferrovia teve grande importância para a Companhia de Cimento:

(...) fábrica de cimento instalada junto à estação de Perus, que lhe emprestou o nome. Sua localização é expressiva. Junto à ferrovia Santos – Jundiaí, que assegurava o transporte da produção a São Paulo, obtinha a matéria-prima mineral dos arredores sítos a Oeste. Para tanto construiu uma pequena ferrovia com bitola de 60 centímetros. Esta pequena ferrovia local era, até há alguns anos, franqueada ao uso público, e nas primeiras décadas do século (XX) havia sido muito utilizada por romeiros que se dirigiam a Pirapora que da estação terminal em diante seguiam a pé. (LANGENBUCH, 1971:107)

Em entrevista com Julieta Pacheta Nelli¹⁶, a Dona Nena, moradora há 80 anos de Perus, ela conta que “no início do que eu me lembro aqui tudo eram goiabeiras, umas casas e a estação de trem”.

Em 1933, os trabalhadores dessa fábrica criaram um sindicato que incluía os operários da fábrica, da EFPP e das pedreiras de calcário em Cajamar. Esse Sindicato de Perus teve um papel importante na luta sindical do país, de acordo com Siqueira:

Em 1958 foi o ano em que ocorreria a primeira grande greve operária na Cimento Perus. O sindicalismo peruense-cajamarense merece atenção tanto pela sua originalidade (é reconhecido internacionalmente como um importante núcleo do movimento da não-violência) como pelas conquistas que trouxe para o conjunto dos trabalhadores brasileiros: a primeira regulamentação do salário-família, a presença do Sindicato nos atos de contratação e demissão de mão-de-obra, o reconhecimento da legalidade das greves por atraso de pagamento; esta última obtida numa greve realizada em 1967, em plena Ditadura Militar.¹⁷

A história de Perus também foi marcada por outras lutas e conquistas organizadas, tais como a da Sociedade Amigos de Perus (SADIP) que em 1954

¹⁶ Entrevista concedida em 14/02/2007.

¹⁷ Texto de Elcio Siqueira, www.prefeitura.sp.gov.br/subprefeituras/sppr/organização/0002 acesso em 07/09/2005 às 13h17min.

conseguiu a ligação de rede elétrica para todo o bairro e não apenas restrita à Fábrica de Cimento. Outra vitória se deu em 1970 quando, através de denúncias do Sindicato, o Complexo Cimenteiro sofreu intervenção e confisco federal (1973) para ressarcimento de dívidas decorrentes de impostos atrasados. Pelos mesmos motivos, os trabalhadores conseguiram que o Sítio Santa Fé, hoje o Parque Anhanguera, fosse alvo de confisco federal em 1979. Mais recentemente, em 2001, a comunidade local participou ativamente do manifesto contra a instalação do aterro sanitário e industrial próximo ao Parque Anhanguera¹⁸.

Outro fator que deve ser considerado na formação de Perus e a presença da Fábrica de Cimento, é o fato de que, além desta, outras indústrias não foram atraídas para aquela região. Um dos motivos foi a ocupação das terras rurais locais para a extração de matéria-prima, conforme relata Langenbuch ao se referir às áreas próximas à ferrovia Santos – Jundiaí, nesse caso, lado Jundiaí:

Note-se que as indústrias locais, Melhoramentos (papel) e Perus (cimento), passaram a estruturar a zona rural circundante em áreas fornecedoras de matéria-prima. Desta forma, grandes extensões territoriais achavam-se já economicamente ocupadas, e deixaram de ser oferecidas à expansão metropolitana de cunho urbano. No mesmo sentido funcionou o Hospital de Alienados do Juqueri, que possui extensa gleba de terras. Este fato e as condições topográficas adversas não favoreceram igualmente a suburbanização residencial que, como se verá aí, foi pouco intensa¹⁹. Tal circunstância provavelmente também explique a pequena atração de indústrias pela área, pois não houve aí a formação de expressiva reserva de mão-de-obra. (LANGENBUCH, 1971:183)

A presença da fábrica de cimento trouxe a oportunidade de emprego, mas também conseqüências nefastas para a localidade, especialmente pelo pó de cimento que era emitido por suas chaminés. Além dos graves prejuízos causados à saúde dos habitantes, também propiciou a desvalorização dos terrenos existentes na região. De acordo com Dona Nena:

¹⁸ Este assunto será novamente mencionado mais à frente, dentro da abordagem das atividades da Escola de Samba estudada.

¹⁹ Fato esse que tomou novos rumos a partir dos anos 70, após a publicação do estudo realizado por Langenbuch.

“Na época da Fábrica de Cimento, caía muito cimento nas casas, os telhados era tudo branco, a roupa né, pegava na roupa, precisava chacoalhar tudo, nossa caía cimento aqui da gente ajuntá (sic) com pá e era sempre, sempre.”²⁰

Porém, apesar da degradante situação criada pela emissão de pó por parte da Fábrica, foi o que, em meados dos anos 60, atraiu a terceira leva migratória para a região, isto é, a desvalorização imobiliária que ocorreu em função da referida situação em que se transformou aquela região.

Curioso apontar que, nesse período dos anos 60, ocorreram diversos movimentos para a emancipação de alguns subdistritos, como São Miguel Paulista, Itaquera, Guaianazes, Santo Amaro, Pirituba e também em Perus. De acordo com Langenbuch:

Contudo em todos estes casos a população se manifestou maciçamente contrária à emancipação. Este resultado é de causar espanto no caso das sedes de distritos (São Miguel Paulista, Itaquera, Guaianazes, Perus), pois estes subúrbios sempre foram dos mais esquecidos pela administração pública, achando-se em inferioridade nítida, em matéria de serviços públicos(...). Não obstante, compreende-se a decisão da população, em função das vinculações funcionais e sociais extremamente fortes existentes neste caso com a sede do município, que é a própria cidade de São Paulo. A isto se acrescenta o fato de grande parte da população suburbana ser originária do interior ou de outros estados, para a qual “morar em São Paulo” constitui um mito de ascensão social, que seria destruído se o respectivo núcleo suburbano se tornasse autônomo. (LANGENBUCH, 1971:231-232)

Compreende-se que, nesse caso, em Perus tenha ocorrido uma rejeição, uma vez que a atividade econômica local era quase exclusivamente movimentada pela Fábrica de Cimento e decorrência, não havendo motivação maior da população em tornar o distrito independente e sem muitas perspectivas de recolhimento de receitas provenientes de impostos.

²⁰ Dona Nena em 14/02/2007.

Na década de 70, destaca-se a presença da Rodovia dos Bandeirantes, inaugurada em 1973, cuja construção resultou na desapropriação de centenas de moradores, os quais, na maioria, não possuíam o título de posse da propriedade e, portanto, não foram indenizados e, ainda, aqueles que tinham a titularidade de propriedade levaram 20 a 25 anos para recebê-la, o que motivou o surgimento das primeiras favelas em Perus.

Encerradas as atividades da Fábrica de Cimento (1986), desativada a linha ferroviária Perus-Pirapora (1983), Perus passa a não ter atividades econômicas significantes, motivando os moradores a se deslocarem grandes distâncias para trabalhar.

O distrito de Perus, criado em 1944, pelo decreto-lei 14.334/44, integra a Zona Norte, mais precisamente a região Norte 2 da cidade e sua área geográfica, na atualidade, abrange 23,9km². De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE – Censo Demográfico de 2000²¹, sua população é de 85.704 habitantes e conta com 28.109 domicílios, sendo que 93% são casas térreas das quais 76% dos moradores são os proprietários. Desse total de casas próprias, 47% possuem apenas um dormitório e 38% possuem dois.

Do total de domicílios, em 65% habitam entre 3 a 5 moradores, estando a concentração da renda familiar situada na faixa de 0 a 10 salários mínimos. O total de favelas presentes em Perus é de 25, o que representa 1,24% da distribuição de favelas no município.

Os rendimentos dos chefes de família também indicam uma acentuada faixa de baixa renda, conforme demonstrado na tabela:

²¹ Todos os dados numéricos (absolutos e estatísticos) que estão aqui apresentados são baseados no Censo Demográfico 2000 do IBGE e elaborados pela SEMPLA – DIPRO – Secretaria Municipal de Planejamento – consultados no site www.prefeitura.sp.gov.br (município em dados) no dia 15-01-2007.

TABELA 2: Rendimento Chefes de Família²²

Rendimento	Perus (%)	Município (%)
Sem rendimento	13,61	10,43
Até 5 salários mínimos	63,55	47,55
Mais de 5 até 10 salários mínimos	22,17	32,58
Mais de 10 salários mínimos	0,67	9,44
Rendimento médio (R\$)	560,16	1.325,43

Fonte: IBGE – Censo Demográfico 2000

A rede elétrica contempla 98,6% dos domicílios e, ainda, 35% não possuem rede de esgoto. Quanto à coleta domiciliar de lixo, 5% dos domicílios não são atendidos, estando atrás apenas do distrito de Parelheiros que não tem coleta em 6%. Esse último número nos chama a atenção e chega a ser até irônico, considerando que o maior aterro sanitário da cidade encontra-se no distrito de Perus e o próprio é o 2º no *ranking* dos que possuem mais domicílios sem coleta de lixo. De acordo com informações da Subprefeitura de Perus²³, isso ocorre porque muitas casas estão em áreas de ocupação irregular, várias delas em locais de risco e de difícil acesso.

Conforme relato em entrevista de Simone, moradora de Perus:

Perus é uma região com muita carência, seja de saúde, educação, lazer, mas principalmente de cultura. É um bairro dormitório, as pessoas somente dormem aqui, mas tem que se deslocar para o centro da cidade para trabalhar e estudar. Não temos um grande atrativo na região, mas temos um grande Parque Municipal o Parque Anhanguera que é subutilizado. Os moradores da região vão ao Parque nos fins de semana, fazem churrasco, jogam bola, as crianças brincam, mas falta cultura.²⁴

²² Fonte: site da Prefeitura do Município de São Paulo – acesso: www.prefeitura.sp.gov.br em 04/01/07 às 14h.

²³ Informações colhidas em visita na Subprefeitura em 14/02/2007.

²⁴ Entrevista respondida em 02/03/2007.

MAPA 1: Distrito de Perus

Bairros do distrito de Perus

- 1 - Vila Santa Cruz
- 2 - Vila Flamengo
- 3 - Sítio Joá
- 4 - Jardim Adelfiore
- 5 - Vila Malvina
- 6 - Vila Fanton
- 7 - Vila Caiuba
- 8 - Vila Perus
- 9 - Jardim Camargo
- 10 - Jardim dos Manacás
- 11 - Vila Inácio
- 12 - Jardim do Russo
- 13 - Vila Aurora

Fonte: Sempla – Secretaria Municipal de Planejamento - 2007
Elaboração Thiago Calil

A paisagem do distrito de Perus se compõe das ruas do bairro central - Vila de Perus, estreitas e íngremes, as calçadas apertadas, o trânsito difícil na rua principal onde os carros se espremem em busca de passagem.

É nesse bairro, próximo da estação ferroviária, que se encontram as casas dos moradores mais antigos, sendo que muitas delas aparentam possuir um médio poder aquisitivo. São casas maiores, com acabamento, garagens para automóveis e quintais.

Ao seu redor, a paisagem constitui-se de casas fixadas nos diversos morros, em sua maioria de alvenaria, de tijolos e blocos aparentes e sem acabamentos, que expressam a simplicidade e precariedade dessas moradias e apontam o processo de autoconstrução comumente presente na periferia da cidade. Esses amontoados dessas casas e as suas ruelas irregulares, ou apenas com uma escadaria ao longo da encosta como o único acesso, indicam uma ocupação sem planejamento e, possivelmente, irregular.

Um dos meios de transporte mais utilizados pela população local e o mais antigo é o ferroviário, tornando, assim, o lugar onde se encontra a estação de trem um dos mais movimentados do bairro. É lá que está a maior parte do comércio. Também é em frente à estação de trem, embaixo do viaduto que atravessa a linha férrea, que a Escola de Samba Perus Valença, conhecida como Valença, se estabeleceu.

Considerado um dos distritos mais carentes e violentos do município, Perus mantém, estranhamente, certo “clima” de cidade interiorana, na qual as pessoas vivem mais próximas e partilham de uma vida comum. Porém, nessa periferia distante, não se encontram em sua centralidade local, além do comércio citado, igrejas antigas, praças, monumentos históricos, enfim elementos urbanos característicos de várias cidades do interior

Esse aspecto interiorano e mais antigo, são resíduos que caracterizaram os momentos da formação de Perus, a partir de 1867 até os dias de hoje. Pode-se dizer que há vários elementos presentes: algumas casas antigas, a presença de um comércio mais variado na centralidade, a existência de uma classe média. Ao

mesmo tempo, tem-se a presença de todos os elementos que compõem a periferia: carência econômica, casas inacabadas, falta de saneamento básico, qualidade de vida muito aquém do razoável, entre outros problemas.

Perus surge como um bairro-operário quando os trabalhadores foram atraídos pela instalação de algumas fábricas, mas principalmente a partir do ano de 1926 com a presença da Companhia de Cimento. Por todo o processo histórico exposto anteriormente, no bairro, especialmente a partir dos anos 70, há uma forte desvalorização imobiliária e, ao mesmo tempo, uma especulação por parte de loteamentos clandestinos atraindo assim um grande contingente de pessoas de baixa renda em busca de moradia. Dessa forma, ocorre uma expansão urbana na região com toda sorte de carência e falta de infra-estrutura características do processo de periferização da cidade.

Nota-se, também, que é muito comum, quando se está conversando com os moradores ou com as pessoas que trabalham ali, a alusão a São Paulo como uma outra cidade, por exemplo, ao se referirem ao deslocamento para lá como “quando eu vou para São Paulo” dá-se a idéia de ir para outro município.

De acordo com a moradora Simone, se “a pessoa vai para Pirituba que é distrito vizinho não se refere à outra cidade, mas se ela for para a Freguesia do Ó ou para a região do centro de São Paulo, por exemplo, ela fala como se fosse outra cidade”²⁵.

Para Dona Nena, porém, há lugares violentos ali perto, mas naquela região em que mora, no centro de Perus, não é assim:

Bom, antigamente, você podia ficar com a porta aberta e não tinha perigo nenhum, mas hoje você não pode, né. Você fica presa e os ladrão fica soltos. Mas por aqui não, pouca coisa a gente vê, é mais lá pro Russo, pra aqueles lados lá pra baixo e ali também nos Humildes²⁶ é violento.

²⁵ Entrevista com Simone moradora de Perus em 02/03/2007.

²⁶ Ela se refere ao Jardim Russo e Recanto dos Humildes, bairros que fazem parte do Distrito.

FOTO 1: Vista aérea da localidade em Perus²⁷

Autor: Angela Garcia – abril/2005

Em frente à estação há uma praça pequena e em estado de descuido. Caminhando alguns metros, encontra-se a quadra do Valença. Ainda, na mesma rua bem próxima, em 2003, foi construída pela Prefeitura uma unidade do CEU – Centro Educacional Unificado – conjunto arquitetônico que integra escola com espaço de lazer e cultura, cuja aparência e visual imponente destoa do entorno precário e pobre.

Pode-se afirmar que ali está a centralidade daquela região: a presença de uma concentração de comércio e de serviços bancários, as linhas de ônibus que transitam pela região passam todas por lá, a presença da estação de trem e uma grande movimentação de pessoas.

Essa centralidade no distrito forma, caracteristicamente, um subcentro da metrópole, isto é, lá se encontram vários bancos, comércio de alimentação,

²⁷ Vista parcial incluindo parte do CEU Perus.

inclusive pequenos restaurantes, a Subprefeitura do distrito. De acordo com a análise de Sposito:

(...) até meados da década de 70, as cidades brasileiras até um determinado porte tinham praticamente um centro único e monopolizador, com forte concentração de atividades comerciais e de serviços. O crescimento populacional destas cidades levava estas áreas centrais a um processo de expansão. (..) Nas cidades maiores, sobretudo aquelas de escala metropolitana, este processo de expansão do centro foi acompanhado da emergência de subcentros, face ao seu crescimento territorial e à conseqüente impossibilidade de permanência de um único centro cumprindo o papel comercial e de serviços, por causa do aumento da distância ao centro principal e da ineficiência do sistema viário e de transporte coletivo, dificultando o acesso a ele. Tais subcentros podem ser caracterizados como áreas onde se alocam as mesmas atividades do centro principal com diversidade comercial e de serviços, mas em escala menor, e com menor incidência de atividades especializadas. (SPOSITO, 1991: 9-10)

FOTO 2: Vista da rua principal do centro – Vila de Perus

Foto da autora – São Paulo – Perus – janeiro/2007

Como parte integrante dessa paisagem do centro do bairro, cabe-nos tecer um breve comentário sobre a presença do CEU²⁸ na comunidade local.

A implantação desses conjuntos na cidade foi destaque das obras realizadas pela então prefeita Marta Suplicy (2000 – 2004). Obra relativamente questionada, em particular, pela imprensa maestrada por partidos políticos da oposição, sobretudo em relação ao alto custo (R\$ 18 milhões cada) de sua implantação e, ainda, na significativa quantia de R\$ 500.000,00 mensais (valor por unidade) necessária para a manutenção desses conjuntos²⁹.

Um dos principais argumentos utilizados ao aventamento da real necessidade da realização dessas obras foi o não aproveitamento adequado dos Centros Educacionais Esportivos existentes na cidade e que por muito tempo ficaram à mercê do acaso. De acordo com a matéria do jornal O Estado de São Paulo:

Com quase metade do que gasta para construir um único Centro Educacional Unificado (CEU), a Prefeitura reformou 42 Centros Educacionais Esportivos (CEEs), 28 dos quais com Escolas Municipais de Educação Infantil (Emeis) e de Educação Fundamental (Emefs). Rebatizados pela Secretaria Municipal de Esportes como Clubes da Cidade, os "avós" dos CEUs existem há quase 40 anos e, nesses 28 endereços, congregam clube municipal - muitas vezes de ótima qualidade, com piscinas, ginásios de esporte, vestuários e quadras poliesportivas -, escolas, bibliotecas, postos de saúde e creches públicas. Somente no ano passado, com todos os CEUs já concluídos ao custo de R\$ 18 milhões cada, a Secretaria da Educação resolveu investir R\$ 10 milhões na recuperação dos clubes, abandonados por várias administrações. (OESP, 2004)

Os valores financeiros que a reportagem apresenta em termos comparativos de custos também impressionam:

(...)os clubes também têm manutenção mais barata. Custam por mês bem menos que os atuais centros. Para se ter uma idéia, os custos da parte esportiva somam apenas R\$ 2.400,00 mensais nos clubes. A biblioteca consome outros R\$ 1.356,00 de

²⁸ CEU – Centro Educacional Unificado.

²⁹ Fonte: jornal O Estado de São Paulo – OESP - de 18/08/2004.

manutenção e operação, segundo cálculo do gabinete do vereador Ricardo Montoro (PSDB), baseado no orçamento da Prefeitura. Os gastos das escolas entram na conta geral da Educação. Os CEUs têm custo total de R\$ 500 mil mensais, o que inclui as escolas de educação infantil, fundamental e especial, instalações e atividades como teatro, cinema e esportes e folha de pagamento. O orçamento sai todo da Secretaria da Educação. Nos clubes, as despesas são divididas entre três secretarias: Esportes, que cuida do clube propriamente dito, Educação, responsável pelas escolas, e Cultura, responsável pelas bibliotecas, telecentros e outros equipamentos. (OESP, 2004)

Em algumas oportunidades, conversando com pessoas na quadra da Escola de Samba, intrigou uma frase ouvida de uma senhora quando perguntada sobre o que representava o CEU ali em Perus, se trouxe benefícios. Ela respondeu: “não mudou nada, a vida continua a mesma, pobreza e tudo”³⁰.

FOTO 3: Vista aérea do CEU Perus³¹

Autor: Angela Garcia – abril/2005

³⁰ Diálogo informal realizado em setembro de 2004.

³¹ Legenda: 1 – CEU Perus; 2 – Escola de Samba Perus Valença; 3 – Estação Ferroviária.

A resposta esperada não era a de que a vida pudesse ter mudado por conta de um conjunto educacional, mas de qualquer maneira causou surpresa a resposta, uma vez que, à época da implantação do CEU, foi muito divulgada a idéia de um projeto com forte ênfase na inclusão social.

Em outra ocasião, em conversa³² com um membro do Valença, o Macarrão, perguntei-lhe sobre o que ele achava do CEU e a resposta foi:

“É muito bom, tudo o que o governo faz pela comunidade é bom. A pena é que eles não divulgam as atividades que acontecem lá, ninguém fica sabendo e acaba não indo, não vai quase ninguém. Eles botam uma faixinha na frente do portão e pronto, acham que já é o suficiente. Se você não passa lá em frente, ou está distraído, não fica sabendo. Às vezes tem coisa boa lá pra assistir, mas o povo não sabe. Tinha que divulgar melhor pra comunidade, no comércio, na Escola de Samba, sei lá, aonde o povo vai”.

Para a moradora Dona Nena³³ “é legal ter o CEU para os alunos, tem a piscina pro pessoal brincar, de vez em quando tem um teatro. Eu já fui num teatro aí, mas como eu não ouço direito, aquilo pra mim não adiantou nada porque eu não ouvi, mas todo mundo disse que foi bonito.”

Sem querer entrar no mérito de um julgamento maniqueísta - se esse tipo de projeto público é bom ou ruim - o que se aponta como questionamento é até que ponto obras como essa, cujo interesse é político, tido como a “marca do governo tal”, e que se sobrepõe ao público, traz custo-benefício significativo à comunidade, uma vez que, não gerido diretamente por ela, a sua continuidade conceitual depende da vontade política dos governos que se sucedem, podendo se transformar naquilo que popularmente se denomina de “elefante branco”, isto é, obras caras de aspecto monumental que são implantadas e não utilizadas adequadamente.

Uma reportagem do jornal O Estado de São Paulo³⁴ sobre a administração do prefeito³⁵ (2005 – 2009) subsequente à administração da prefeita Marta,

³² Diálogo informal em 05/11/05 na quadra da Escola feita com Macarrão, membro da entidade pesquisada.

³³ Em entrevista no dia 14/02/2007.

³⁴ Fonte: jornal O Estado de São Paulo de 01/01/2006 – Caderno Metrópole – pág. C1.

idealizadora dos CEUs, denominada “Prefeito desmonta bandeiras de Marta”, confirma essa prática:

Os Centros Educacionais Unificados (CEUs) e os uniformes escolares são exemplos de criações petistas³⁶ que vão ganhar cara nova. O arquiteto que criará os escolões tucanos³⁷ já foi contratado. (...) O funcionamento dos CEUS passou por mudanças. O novo prefeito pôs em prática em seis meses o período integral de aula, mas ainda há CEUS que estão com oficinas culturais para a comunidade paralisadas. Não é por falta de monitores. Muitos foram contratados, mas para tornar viável o período integral, que atende hoje 190 mil alunos (17% do total). (OESP, 2006)

Em uma passagem pelo CEU Perus no período de fevereiro/2006, num sábado, o complexo estava quase vazio, havia algumas pessoas no telecentro e nenhuma divulgação de atividades artísticas. Em outra ocasião, um funcionário³⁸, questionado sobre as atividades realizadas no local, informou que, além das educacionais e a piscina, nos finais de semana, que é aberta³⁹ à população que possui a carteirinha, não têm ocorrido outras atividades artísticas e culturais. Às vezes, o teatro é emprestado para o ensaio de dois grupos teatrais da região, mas não são realizadas mais peças teatrais. Em alguns domingos, também, a garotada da região faz o Show dos Talentos que é uma espécie de imitação de músicas da moda (conhecido como Karaokê).

Na opinião da presidente da UESP, Edleia dos Santos, conhecida como Léia, o poder público poderia ganhar muito mais, inclusive com o CEU, se tivesse uma parceria com as Escolas de Samba:

Uma Escola de Samba conhece bem a linguagem da periferia, do povo, ela poderia ajudar muito mais o poder público se ele tivesse

³⁵ Neste caso, José Serra, que em seguida (2006) se elegeu governador sendo substituído pelo vice-prefeito Gilberto Kassab.

³⁶ Refere-se ao PT – Partido dos Trabalhadores legenda da administração anterior.

³⁷ Refere-se à legenda da administração atual – PSDB – Partido Social Democrata Brasileiro. Os componentes desse partido são popularmente denominados por tucanos.

³⁸ Inácio em conversa informal no dia 14/02/2007.

³⁹ Naqueles dias, a piscina não estava aberta, pois de acordo com o funcionário: “como alguns dias antes ocorreu uma enchente na redondeza, as bombas queimaram e aguardavam manutenção”.

esse entendimento do núcleo do CEU para implantar em alguns locais, em diversos lugares a Escola de Samba é esse núcleo, precisaria ter um entendimento maior entre eles. As Escolas conseguem fazer projeto pra criança, faz pro adolescente, pro jovem, pra terceira idade, o que mais você precisa de núcleo social, a Escola de Samba é isso⁴⁰.

A paisagem, em Perus, vai revelar de modo inquestionável a contradição entre dois níveis: o plano da vida que diante da ausência vai criando lugares de uso e, de outro lado, a racionalidade administrativa que se impõe como política pública infligindo novos espaços - o que revela um conflito. As novas formas arquiteturais “expressam” outra dinâmica que aquela da periferia, que é necessário desvendar.

1.2 – Breve histórico da Escola de Samba Valença de Perus

Ô pandeiro, ô viola,
Cantarolando é que a nossa tristeza vai embora,
Pra curar melancolia,
A tristeza de quem chora
O remédio é um pandeiro, luar e um terreiro
E viola⁴¹

A história do Valença teve início em 1989, por meio de um time de futebol de várzea, localizado, na época, na rua Tabuleiro de Valença, daí o nome Valença. Segundo relato do presidente da Escola, Cláudio de Oliveira de Messias, ele foi convidado a jogar no time de futebol, tornando-se mais tarde presidente do time. No ano de 1990, durante a sua gestão, o time cresceu, ganhou novos sócios, a sede social passou a ter equipamentos e atividades de entretenimento, como jogos de damas, xadrez, mesas de pebolim e sinuca, música e dança. Em entrevista, o presidente comenta:

⁴⁰ Léia em entrevista concedida no dia 10/04/2007.

⁴¹ Pandeiro e viola - Gracia de Salgueiro

Durante as partidas de futebol, era muito comum formarem-se rodas de samba, e aí, o pessoal começou a falar em montar uma Escola de Samba para desfilar pelas ruas de Perus no carnaval. Chamamos o pessoal do samba aqui de Perus e nos reunimos na sede da Praça do Samba⁴², que existia na época e naquela reunião votamos na diretoria e eu fui eleito novamente presidente, agora da Escola de Samba que, na época, chamávamos de Unidos de Perus⁴³.

O primeiro desfile do Valença, naquela época Unidos de Perus, foi em 1992 e, na época, não pertencendo a nenhuma entidade representativa, seu desfile não foi oficial. Portanto, não concorreu ao concurso de carnaval da cidade.

Naquela época o Valença não tinha sede. Os trabalhos do barracão⁴⁴ eram feitos na casa do presidente e os ensaios da bateria na rua em frente à sua casa. Os carros alegóricos eram de madeira e bem simples, mas, sendo uma novidade no bairro, a população prestigiava participando do desfile e da platéia. Para o carnaval de 1994, o empenho foi maior e os gastos também. Segundo o relato do presidente da entidade, ele teve que vender o carro, telefone e colocar todo o seu dinheiro disponível para montar a Escola⁴⁵.

Em 1996, filiou-se à UESP – União das Escolas de Samba Paulistanas⁴⁶ e passou a ser regulamentado como Bloco Carnavalesco. Naquele ano, o Bloco foi campeão do Grupo de Acesso, passando para o Grupo I de Bloco.

Foi também nesse período que os integrantes do então Bloco Perus Valença ocuparam e instalaram-se na área localizada embaixo do viaduto Mora Guimarães, onde permanecem até hoje. Essa área pertence à prefeitura e,

⁴² A Praça Vigário João Gonçalves de Lima é conhecida como a Praça do Samba, pois era comum grupos de amigos se reunirem lá para tocar samba. De acordo com alguns moradores do arredor, por alguns anos, essa praça ficou em estado de abandono e passou a não ser mais freqüentada por esses grupos e sim por traficantes de drogas. Recentemente, a praça foi reformada e voltou a abrigar diversos tipos de eventos.

⁴³ Entrevista concedida em 23/03/2001.

⁴⁴ Vide o significado no glossário carnavalesco na página.

⁴⁵ Esse fato, apesar de parecer surpreendente, não é incomum entre as escolas de samba. Grandes sacrifícios são feitos por componentes para colocar a escola de samba na rua. Conta-se na UESP – União das Escolas de Samba Paulistanas, entidade representativa de alguns grupos de escolas, que uma associada construiu um carro alegórico dentro da sala da casa do presidente. Na hora em que foram retirá-lo, não passava pela porta: não tiveram dúvida, quebraram a parede da casa e tiraram o carro.

⁴⁶ No próximo capítulo será abordada a organização das Escolas de Samba em torno das entidades representativas.

portanto, é de interesse público. De acordo com os membros da entidade, a Subprefeitura utilizava a área para depósito de entulhos e estacionamento de caminhões. Como não havia cercamento, nem preocupação em ordenar a área, ali também muitas pessoas jogavam lixo, o que estimulava o aparecimento de insetos e ratos. Também por estar isolada da rua, servia de ponto de encontro entre traficantes e usuários de drogas.

A princípio, ainda que em condições precárias, eles construíram a sua quadra e sede social. Aproveitaram a via mais baixa do viaduto como uma laje improvisada e levantaram paredes ao seu redor formando dois espaços fechados. Em um deles, eram guardados os instrumentos musicais e alguns outros pertences do Bloco. O outro era utilizado para vários fins, tais como vestiário, sala de reunião, depósito da mesa de *ping-pong*⁴⁷ e, durante o período da produção das alegorias e fantasias, transformava-se no barracão.

Outro local construído logo no início da ocupação desse espaço é o bar denominado Botequim, localizado na entrada da quadra, em cuja laje foi improvisado um pequeno palco.

No restante do espaço, cerca de 2.500m² de área aberta, são desenvolvidas as atividades da Escola de Samba e, em muitas ocasiões, em caráter de empréstimo, é utilizado por outras entidades e grupos como católicos, evangélicos e espíritas e pela própria Subprefeitura como área de apoio (estacionamento de ônibus e veículos) quando ocorrem eventos no CEU.

A apropriação desse espaço representou para a entidade carnavalesca uma evolução. A partir de então a entidade cresceu, ganhou mais apoio e participação da comunidade, passando de Bloco Carnavalesco para Escola de Samba do Grupo III em 2002.

A diretoria do Valença é composta pelos cargos de presidente, vice-presidente, secretário, tesoureiro, diretor de patrimônio, diretor de eventos e diretor de relações públicas. Além dessa composição da direção, existem os

⁴⁷ A mesa de *ping-pong* é montada todos os dias no final de tarde e, nos finais de semana, o dia inteiro. Qualquer pessoa pode jogar nesse período.

colaboradores que são os chefes de harmonia, o pessoal de apoio, o chefe de barracão e os voluntários para os trabalhos em geral.

FOTO 4: Vista da quadra e do viaduto

Autor: Angela Garcia – Perus – São Paulo – 05/11/2005

No carnaval de 2005, tendo se classificado como vice-campeã, passou para o Grupo II. Para a entidade, representou maior compromisso tanto em relação ao regulamento do concurso, que a cada grupo aumenta o nível de exigência, como também junto à comunidade, pois, com o maior grau de complexidade, mais dependência se tem da participação comunitária para desenvolver um bom desfile.

Isso refletiu também na forma e conteúdo dessa ocupação. No ano de 2006 foram feitas diversas construções na área, tais como: banheiros; um novo espaço para os trabalhos do barracão e outras atividades; a transformação das antigas salas em oficinas de instrumentos, marcenaria e serralheria; uma sala onde abriga uma entidade filantrópica que cuida de crianças excepcionais, a qual também é

dirigida pelo presidente do Valença, além da reforma do botequim e do palco. Também foi feito um cercamento na área, colocando-se um grande portão, o que demonstra uma maior preocupação com a segurança e estabelecimento de limites de uso da área, com isso, efetivamente, é necessário o consentimento da direção do Valença para qualquer tipo de uso.

FOTO 5: Vista da entrada da quadra

Autor: Angela Garcia – Perus – São Paulo – 05/11/2005

De alguma forma, a comunidade carnavalesca do Valença se apropriou da área pública se impondo às indecisões do poder público sobre o que fazer ou não com as suas imensas áreas inutilizadas e que, muitas vezes, acabam sendo apropriadas para uso irregular de exploração comercial e particular, assim como com fins de moradia imprópria.

Sobre a legalização da apropriação dessa área, o presidente da entidade disse que a solicitação foi encaminhada à Subprefeitura, porém não houve nenhuma decisão com relação ao uso.

Assim mesmo, a direção da entidade resolveu investir nas reformas e construções no espaço. “Isso tudo é para a comunidade, fizemos tudo com as pessoas, com o empenho delas. Quem faz uso disso tudo aqui é a comunidade. Se a prefeitura resolver tirar a gente daqui, quem perde é o povo. Se precisar sair, a gente sai e arruma outro lugar”.⁴⁸ O que remete à idéia de que se trata de uma apropriação do espaço e não da propriedade privada formal do espaço.

Sobre a questão da apropriação de áreas pertencentes ao domínio público por entidades privadas, como é o caso do Valença, é necessário fazer uma reflexão do que ocorre numa cidade como São Paulo.

É comum, ao caminhar pelas calçadas da cidade, esbarrar - ou mesmo ser impedido de transitar - em cadeiras e mesas que são colocadas pelos bares, em vendedores informais com suas barracas e toda sorte de exploração comercial que se faz do espaço público em benefício de interesses privados.

Em algumas situações há a concordância do poder público na cessão e exploração dessas áreas, em outras, o próprio interesse privado se impõe ao se apropriar de áreas sem a permissão e, muitas vezes, sem o conhecimento do agente público.

Em reportagem do jornal O Estado de São Paulo⁴⁹, constata-se uma situação de permissividade da apropriação de áreas públicas por diversos tipos de entidades de cunho privado, cuja reciprocidade pelo uso da área chega a ser questionável. Como principais focos da reportagem estão os grandes clubes de futebol como Corinthians, Palmeiras, São Paulo e, ainda, clubes sociais como Clube Regatas Tietê, Clube Espéria, Círculo Militar de São Paulo e tantos outros.

De acordo com a reportagem, em levantamento feito pela Secretaria de Gestão do Município, “a capital tem 573 áreas públicas efetivamente cedidas a

⁴⁸ Entrevista com um membro da diretoria em 05/11/05, dia da reinauguração da quadra.

⁴⁹ Reportagem no Caderno Metrópole de 15/01/2006 p. C1 e C3 intitulada “Serra vai cobrar aluguel de clubes”.

particulares e outras 2.729 cujo uso atual ainda não foi diagnosticado pela Prefeitura”. Levando-se em conta o valor venal dos terrenos ocupados por esses vários clubes⁵⁰, de aproximadamente R\$ 160 milhões, percebe-se que a contrapartida deveria ter uma real equivalência de uso social desse espaço. Porém não é o que ocorre segundo declaração do secretário Montone dada à reportagem:

O secretário citou dois exemplos do modo “frouxo” pelo qual as contrapartidas foram estabelecidas na maioria dos contratos de concessão, décadas atrás. “No caso do Mackenzie⁵¹, cujo contrato venceu em 2005, eram dadas apenas 22 bolsas de estudo para servidores municipais.” Ele também disse que, durante uma reunião feita com representantes de clubes, um deles evocou como contrapartida o fato de ter revelado a tenista Maria Ester Bueno.

A proposta, de acordo com a reportagem, a ser feita por meio de decreto do prefeito atual é o de pagamento de aluguel pelo uso do terreno cujo valor equivale de 1% a 1,5% do valor venal.

A questão mostra-se polêmica, haja vista que a administração anterior já havia feito menção em explorar, mas desistiu por causa da disputa que foi levada à esfera judicial por meio de ações junto ao Ministério Público Estadual em que a prefeitura foi derrotada.

É de conhecimento público que esses clubes citados na reportagem e todos os outros cobram taxas, luvas, mensalidades, assim como pelas atividades que são oferecidas, muitas vezes com valores bastante elevados. Além de, no caso dos clubes futebolísticos, existirem outros tipos de comércio como a venda de passe de jogadores, exploração de *merchandising*, etc. Pode-se entender que esse tipo de atividade comercial seja bastante rentável, uma vez que se cobra por

⁵⁰ Na reportagem são apresentados 15 clubes que além dos citados estão: Associação dos Oficiais da PM; Associação Atlética São Paulo; Associação Portuguesa de Desportos; Associação Atlética Goodyear; Clube Esportivo da Penha; Clube Alto de Pinheiros; Ipê Clube; Clube Adamus de Voleibol; Clube Atlético Juventus.

⁵¹ Mackenzie é uma universidade privada tradicional na capital, cujo campus principal localiza-se na região da Consolação, na rua Maria Antonia.

todo tipo de serviço prestado, sem ter os custos daquilo que é mais valorizado numa metrópole: o espaço.

Ainda, nessa mesma reportagem, são citadas as Escolas de Samba, cuja maioria ocupa terrenos pertencentes ao poder público. Sidnei Carrioulo, presidente da Águia de Ouro, Escola pertencente ao Grupo Especial e que ocupa um terreno embaixo do Viaduto Pompéia na Zona Oeste, declarou à reportagem:

“Se tirarem a gente de lá, vamos ter que ensaiar no meio da rua, atrapalhando o trânsito e atormentando os vizinhos.” Segundo ele, todas as Escolas de Samba paulistanas vivem pressionadas pela prefeitura. “Vire e mexe vem um boato de que vamos ter de desocupar a área”, afirmou Carrioulo, para quem as autoridades ignoram o trabalho social dos sambistas. Ele teme ainda outro efeito da cobrança pelo uso da área: o de que a escola vire um negócio.

Nesse caso, ele se refere a ter que mudar a forma de gerir a Escola de Samba, isto é, cobrança de taxas por meio da promoção de associação, o que não ocorre na atualidade, e, ainda, cobrança de ingressos para os ensaios com valores altos.

Dessa forma, as Escolas menores, como a deste estudo de caso, buscarão outras formas de apropriação do espaço, por exemplo, a própria rua e outros espaços públicos como debaixo de viadutos, o que é muito comum na realidade paulistana. Essas Escolas, como mencionado anteriormente, não têm a mesma atratividade e competência no âmbito comercial e organizacional que têm as maiores e mais tradicionais e, portanto, não teriam condições de atrair associados financeiros e cobrar ingressos para os ensaios.

Outra recente reportagem publicada no Jornal da Tarde trata de ocupação semelhante a essa de várias Escolas de Samba, porém concedida e até mesmo estimulada pelo poder público:

A famosa academia de boxe criada pelo lutador Nilson Garrido, 49 anos, nos baixios (sic) do Viaduto do Café, Bela Vista há dois anos como instrumento para incluir morador de rua, ex-presidiário e ex-drogados, vai abrir em breve uma

filial na Mooca, debaixo do Viaduto Alcântara Machado, altura da Rua Piratininga. A idéia surgiu quando subprefeito da Mooca, Eduardo Odloak, resolveu dar destino melhor àqueles 12 mil m², então ocupados por carros apreendidos da CET e invasões. Após demoradas tratativas, o espaço está desimpedido e pronto para suas novas funções.

Na verdade, ali será instalado um amplo complexo poliesportivo (10 a 15 quadras) do qual fará parte a academia (...). “Estamos prontos” avisa Garrido. “É a Prefeitura mandar o caminhão para levar os equipamentos, os livros para a biblioteca e os computadores para o povo aprender informática”⁵²

Nessa reportagem não é mencionada a origem dos recursos para instalar e manter essas estruturas, mas, independentemente desse detalhe, podem ser consideradas como louváveis essas ações, afinal contribuem e se unem ao poder público em atividades que este, diante de tantas outras carências como saúde e educação, praticamente não consegue contemplar a sociedade.

É importante nessa reflexão constatar a diferença entre o valor de uso e o valor de troca quando da apropriação de áreas públicas. Para os clubes, os bares, os ambulantes, o espaço apropriado representa a possibilidade de fomentar os negócios e dessa forma reproduzir o capital. Se aquele espaço que está sendo apropriado num determinado tempo tornar-se inviável, procura-se outro sem muito prejuízo na relação com a comunidade local. Se o Clube de Futebol Corinthians sair do espaço que ocupa no bairro Tatuapé e for para Itaquera, que é o plano do clube, não haverá muito prejuízo com relação à sua tradição e popularidade.

Para entidades como as Escolas de Samba, principalmente as menores, essa apropriação espacial representa a possibilidade de desenvolver as suas atividades de maneira a garantir a sua sobrevivência e popularidade junto àquela comunidade em que está inserida. Pode-se supor que seja possível, por exemplo, a Escola de Samba Nenê da Vila Matilde mudar desse bairro e ir para outro, ou ainda, a Mangueira mudar do morro e ir para a zona Norte do Rio de Janeiro. Uma mudança espacial dessa certamente representaria um abalo na estruturação da

⁵² Reportagem do Jornal da Tarde do dia 24/04/2007 página 2A.

Escola, pois o vínculo com a comunidade é intrínseco à sua tradição, popularidade e organização.

Entre várias Escolas de Samba que enfrentam problemas com a questão do uso do espaço público, uma delas é a tradicional Vai-Vai. De acordo com a reportagem do jornal O Estado de São Paulo⁵³:

A Vai-Vai brigará este ano para obter duas vitórias, uma com os juízes do carnaval 2007 e outra com os juízes do Tribunal de Justiça. Alegando incômodo e barulho, uma pequena parte da vizinhança do bairro do Bexiga, berço da escola de samba, está recorrendo à Justiça para fechar a quadra da Vai-Vai, instalada na tradicional região central de São Paulo há 77 anos. Segundo o presidente da escola, Edmar Thobias, após uma mobilização de vizinhos que se sentem incomodados com o samba, a escola não terá autorização para interditar três ruas do bairro no próximo carnaval.

Conflitos semelhantes, entre aqueles que participam e promovem o Carnaval e os moradores ao redor do local onde são feitos os ensaios, são muito comuns na cidade. Diante da difícil intermediação entre os interesses, o poder público tende a “empurrar o problema”, uma vez que a Escola de Samba não irá encerrar as suas atividades por causa desses motivos, podendo até transferi-las para alguma outra localidade e, possivelmente, gerar novos conflitos.

⁵³ Reportagem do Portal do Estadão de 16/02/2007 no site www.estadao.com.br/ultimas/cidades/carnaval2007/noticias/2007/fev/16/256.htm

1.3 – As atividades do Valença e a comunidade local.

Em geral, nos finais de semana, são realizados eventos que vão desde pequenas rodas de samba, até os chamados “grandes eventos” que são festas com temas diversos (Dia das Crianças, Dia das Mães, Apresentação da sinopse do enredo) e concursos (Escolha do Samba-de-Enredo, Rainha da Bateria, Festival de *Funk*) programados uma vez ao mês, durante todo o ano. Nesses eventos, são promovidas brincadeiras para as crianças, shows musicais e apresentação de danças. Segundo a diretoria do Valença, nos eventos maiores a participação do público é entre 3.000 a 5.000 pessoas. Como, entretanto, não há qualquer critério para contagem de público, este dado carece de precisão. Os ensaios do Valença, a partir da escolha do samba enredo (setembro a outubro), são realizados nas 4^a, 6^a feiras e aos domingos, às 20h. Até o momento da observação de campo, as atividades eram abertas ao público gratuitamente.

Nas grandes festas comemorativas, como dias das mães, das crianças e de Natal, são distribuídos gratuitamente bolos, doces, cestas básicas e presentes. Estes dois últimos itens em geral são provenientes de doações do comércio e, ou, conforme declaração do presidente do Valença, também do seu orçamento pessoal. Em algumas ocasiões, políticos da região também doam presentes, mas isso é mais difícil de ocorrer e, evidentemente, só acontece em período eleitoral. Nessas festas, como nas outras, são realizadas atividades musicais, danças e brincadeiras.

A participação do Valença no dia-a-dia da comunidade não se refere, porém, apenas à promoção de eventos e ações carnavalescas. Há também um trabalho de ação social⁵⁴ junto à comunidade.

A entidade é cadastrada em programas do Governo do Estado como ponto de distribuição de leite doado. Segundo Edna Jacomini⁵⁵, a distribuição é feita

⁵⁴ Pode-se dizer que o conceito correto seja o de assistencialismo, pois no geral muitas ações estão ligadas a programas assistenciais do poder público os quais não têm o propósito da transformação da sociedade, mas sim o de amenizar situações de pobreza. Porém, visto que a intenção desse estudo não é o de aprofundar a análise do papel social desempenhado pela entidade carnavalesca e sim qual a importância do uso do espaço na periferia da cidade, adotar-se-á a expressão de ação social que no nosso entender reflete melhor a realidade.

duas vezes por semana e entregue para famílias carentes cadastradas. Cada família tem uma carteirinha em que se registra o recebimento de quatro litros de leite por semana. Se a família não for buscá-lo por três vezes consecutivas, estará automaticamente desligada do benefício. O presidente do Valença solicitou a participação no programa, cedendo o espaço da quadra, pois no bairro existem muitas famílias carentes e a Escola, estando num local central, facilita o acesso das pessoas. O leite é recebido por ela e armazenado no *freezer* do Botequim.

Além disso, há a distribuição de verduras, frutas e legumes doados pelo Ceagesp uma vez por mês, os quais são retirados com um caminhão que a Escola consegue entre os voluntários. Outros itens são distribuídos entre as famílias mais carentes. De acordo com a declaração do presidente:

Nós distribuímos algumas cestas básicas, agasalhos, cadeira de roda, remédios, algumas coisas, pois não adianta a gente falar que faz tudo, porque nós fazemos uma parte. Muitas dessas coisas vêm de doações e a gente não tem condições de suprir todas as necessidades. A demanda é muito grande, mas nós não temos como atender a todo mundo. Às vezes, até mesmo bloco de construção e cimento a gente ajuda a comprar, enfim, o que está em nossas condições de ajudar. As pessoas da região vão lá na quadra ou mandam cartas pedindo ajuda e o que possível a gente faz. (Entrevista em 23/03/02).

Em 2001, a Escola participou ativamente do movimento dos moradores e comerciantes da região contra a instalação do aterro sanitário e industrial⁵⁵ próximo ao Parque Anhanguera.

⁵⁵ Entrevista feita na quadra em 2001, porém essa prática permanece ativa até o momento atual.

⁵⁶ Esse empreendimento, denominado Aterro Bandeirantes, foi proposto pela empresa Ecolar – Ecologia, Ambiente e Resíduos Ltda à Secretaria Estadual de Meio Ambiente e indeferido através do parecer técnico que concluiu pela não autorização, considerando diversos aspectos. Entre eles estão: a proximidade do terreno com as áreas urbanizadas; alterações das condições hidrogeológicas e hidrológicas da região; canalização de parte do Córrego das Laranjeiras, que poderia provocar inundações na zona urbana de Perus; supressão e interferência em Área de Preservação Permanente, na várzea do Rio Juqueri, e a presença de animais ameaçados de extinção no local que seria ocupado pelo aterro. Além do parecer desfavorável, a Secretaria ainda levou em consideração a manifestação contrária da população em relação ao projeto. (Fonte: www.ambiente.sp.gov.br - 18/09/01)

Durante as visitas que foram feitas na Escola, observou-se por meio das atividades de organização do carnaval, assim como das festas⁵⁷, o dia-a-dia da comunidade do entorno.

Uma festa que se destaca é a do Dia das Crianças⁵⁸ pela sua peculiaridade na organização em relação à participação da comunidade e dos membros do Valença.

A festa na qual se fez a observação *in-loco*, estava marcada para ter início às 17 horas, porém, a partir das 15 horas, as famílias foram chegando e, enquanto os pais ficavam em torno do Botequim conversando nas rodas de amigos, as crianças corriam e brincavam pela quadra. O clima era amigável e descontraído, causando a impressão que, de alguma forma, grande parte das pessoas se conheciam há algum tempo. Com relação a essa sociabilidade, aparentemente pré-existente, Magnani, em seu estudo sobre lazer e cultura na periferia de São Paulo, comenta:

... a periferia dos grandes centros urbanos não configura realidade contínua e diferenciada. Ao contrário, está repartida em espaços territorial e socialmente definidos por regras, marcas e acontecimentos que os tornam densos de significação, porque constitutivos de relações.(...) pode-se avaliar a importância que o “pedaço”⁵⁹ representa para as camadas de rendas mais baixas.(...) uma população sujeita às oscilações do mercado de trabalho e as condições precárias de existência, é mais dependente da rede formada por laços de parentesco, vizinhança e origem. Essa malha de relações assegura o mínimo vital e cultural que assegura a sobrevivência, e é no espaço regido por tais relações onde se desenvolve a vida associativa, desfruta-se o lazer, trocam-se informações, pratica-se a devoção – onde se tece, enfim, a trama do cotidiano. (MAGNANI, 1998:117)

O evento teve início à tarde com apresentações de danças, músicas mecânicas, brincadeiras e à noite houve exibição da bateria. Crianças e adultos, no geral, cantavam e dançavam alegremente. No início da noite, a excitação foi geral com a distribuição de brinquedos e doces comprados e arrecadados pela

⁵⁷ Não há cobrança de ingresso em nenhuma festa promovida pela Escola.

⁵⁸ A pesquisa de campo foi realizada *in-loco* no dia 12/10/2001, porém ela tem sido realizada todos os anos em moldes semelhantes, até o fechamento da pesquisa.

⁵⁹ Magnani define o “pedaço” como “o espaço intermediário entre o privado e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares”.(1998:116)

entidade, assim como dos 50 metros de bolo que foi produzido e confeitado por voluntários da própria comunidade (a farinha é doada por uma padaria da região e

FOTO 6: Voluntários preparando o bolo da Festa das Crianças

Foto da autora – São Paulo – Perus – 12/10/2001

as fôrmas de bolo são preparadas pelo padeiro, sendo a montagem final executada por várias pessoas que vão chegando e colaborando nos confeitos).

Destaque-se que, apesar da ansiedade e da prolongada espera, a organização estabelecida entre as pessoas para receberem um pedaço de bolo foi incrivelmente ordenada.

O mesmo não ocorreu na distribuição dos 3.000 presentes, pois, apesar de terem sido distribuídas senhas anteriormente, houve grande aglomeração. Com relação à aquisição dos presentes distribuídos, o presidente do Valença declara:

Na verdade, eu arrecado poucos brinquedos porque, para esta época do ano, são muitas entidades que pedem também. Eu consigo, às vezes, arrecadar 1.000 brinquedos durante o ano, mas quando chega na festa eu mesmo compro, faturei em três vezes, porque é um compromisso que eu tenho, então eu me viro

e vou lá e compro. Só teve uma vez que eu não precisei comprar porque ganhei de um deputado que doou 5.000 brinquedos(...) quem compra sou eu, pois o resto da diretoria do Valença não tem condições financeiras. Não que eu tenha também, mas é que a minha família já se acostumou em tirar do orçamento para investir na comunidade. (Entrevista concedida em 23/03/02).

Após a distribuição dos presentes, iniciou-se o ensaio da bateria, que se prolongou até as 23 horas. Observa-se, como em outros eventos noturnos promovidos pela Escola, que a concentração de público vai mudando conforme o

Foto 7: Visão geral da Festa das crianças⁶⁰

Foto da autora – São Paulo – Perus – 12/10/2001

avancar das horas, isto é, as famílias e as crianças vão se retirando e permanecem os mais jovens, predominando os homens.

De acordo com a direção do Valença, o público presente nesse evento, entre adultos e crianças, foi em torno de 5.000 pessoas.

⁶⁰ Nota da autora: Compare-se com a foto 4, mais atual, onde a direita da quadra está ocupada com construções recentes.

No envolvimento com a festa, a vida vai revelando o cotidiano das relações no bairro. A arrumação do espaço para a comemoração: enfeites pendurados, a mesa arrumada com o bolo, a afinação do som, as brincadeiras, músicas e conversas animadas das quais participam crianças, jovens e adultos e, ainda, a preocupação com os presentes dos que os recebem e dos que os distribuem.

No lugar se estabelece o plano do vivido que, de acordo com Carlos:

Por outro lado a metrópole não é o “lugar”, ela só pode ser vivida parcialmente, o que nos remeteria à discussão do bairro como o espaço imediato da vida das relações cotidianas mais finas – as relações de vizinhança, o ir as compras, o caminhar, o encontro com os conhecidos, o jogo de bola, as brincadeiras, o percurso reconhecido de uma prática vivida/reconhecida em pequenos atos corriqueiros, e aparentemente sem sentido que criam laços profundos de identidade, habitante-habitante, habitante-lugar. São os lugares que o homem habita dentro da cidade que dizem respeito a seu cotidiano e a seu modo de vida onde se locomove, trabalha, passeia, flana, isto é, pelas formas através das quais o homem se apropria e que vão ganhando o significado dado pelo uso. Trata-se de um espaço palpável – a extensão exterior, o que é exterior a nós, no meio do qual nos deslocamos. (CARLOS, 1996:21)

Assim como nas grandes festas, a familiaridade e solidariedade na Escola são muito perceptíveis durante os trabalhos no barracão que, em geral, se iniciam a partir de dezembro. Ali, ninguém - com exceção do carnavalesco, serralheiro e escultor - é remunerado pelo trabalho desenvolvido na confecção das fantasias e adereços. Com relação às pessoas que trabalham no barracão⁶¹, relatou Clélia Oliveira de Messias⁶², a responsável pelo mesmo: “O pessoal que trabalha com a gente em geral é tudo amigo, cresceu junto. Aqui não temos problemas com marginalidade e nem drogas. Nunca some nada daqui, nem uma tesoura sequer”.

São noites e dias de trabalho contínuo e exaustivo das duas equipes que se revezam: a do dia que em geral são mulheres, na sua maioria donas de casa ou

⁶¹ O trabalho no barracão, em geral, se inicia no final de dezembro e início de janeiro se estendendo até o final do Carnaval.

⁶² Em entrevista concedida em 13/01/01.

autônomas; e a da noite, formada em geral por rapazes. Nos finais de semana essas equipes costumam trabalhar juntas.

Lá mesmo eles fazem as refeições⁶³. Em geral, os voluntários da noite saem das suas jornadas de trabalho e vão direto para o barracão. Esses, durante a semana, ficam até um determinado horário da noite e vão para casa descansar. Nos finais de semana costumam ficar a noite e o dia inteiro confeccionando as fantasias. Quando o cansaço supera a vontade, deitam em colchonetes e descansam por um pequeno tempo.

Não há rigidez nos horários e nas funções, cada um trabalha como quer e pode. Existe a coordenação do carnavalesco e da chefe de barracão, mas o trabalho das pessoas é espontâneo, cada um desempenha as tarefas de acordo com as suas habilidades. Muitos não sabem fazer ornamentos, aprendem ali mesmo e começam a executá-los. As regras são estabelecidas informalmente por essa coordenação, não existindo rigor quanto ao trabalho e comportamento. Ninguém é obrigado a estar ali e, portanto, quando quer ir embora, vai. “Quando eu quero sair e ir beber vou e nem volto mais naquele dia que é para não atrapalhar o trabalho dos outros”⁶⁴.

O ambiente é insalubre e desconfortável⁶⁵. A precariedade da entrada de luz e ventilação natural torna-o escuro e quente. A fiação elétrica é exposta e com diversas extensões improvisadas. Nas bancadas onde são feitas as fantasias ficam os restos de tecidos, papel, lantejoulas, espumas e outros materiais utilizados para a confecção das mesmas. De tempo em tempo, algum dos voluntários faz uma faxina no local.

Mesmo nessas condições, o empenho e a dedicação das pessoas são quase ilimitados. São poucos aqueles que, tendo se prontificado a ajudar, desistem antes de terminar a montagem do Valença. De acordo com a chefe de barracão:

⁶³ Os alimentos são comprados pelo presidente do Bloco e/ou doados por alguém da comunidade. No geral, constituem-se de arroz, feijão, carne de vaca ou frango ou ovos e algumas vezes macarrão. Além disso, ele também compra cigarros e, outras vezes, cervejas para distribuir à equipe do barracão.

⁶⁴ Declaração de um voluntário, em entrevista no barracão, 20/01/01.

⁶⁵ Recentemente foi realizada a reforma na quadra, melhorando as instalações da área que é dedicada aos trabalhos do barracão, porém mesmo assim as condições de precariedade não mudaram muito.

Eu venho aqui porque gosto mesmo. Pra mim isso aqui é uma terapia. Você começa a trabalhar aqui e esquece do mundo, passam os problemas. Você fica entretida naquilo que está fazendo e passa o tempo. Se eu tivesse que trocar o Carnaval para fazer outra coisa ia ser muito difícil, não trocaria. Faço isso desde que começou o Valença há dez anos.⁶⁶

Outro voluntário também afirma:

Adoro ficar aqui trabalhando, a gente esquece do mundo. Fico esperando o ano inteiro para o barracão começar. Ninguém me chama para vir aqui, mas próximo ao final do ano eu já sei quando está chegando a hora. Daí eu desço pra cá e começo a ajudar nos trabalhos. Faço isso todos os anos. Não é uma obrigação, é vontade mesmo.⁶⁷

Várias pessoas que trabalham no barracão são casadas e têm família. Quando chega esse período da montagem, avisam nas suas casas que estão no Valença e não têm hora para voltar. “Os familiares não se incomodam, pois sabem que está tudo bem e, se precisam de alguma coisa, vêm aqui e, às vezes, trazem comida pra gente”⁶⁸.

É difícil estabelecer com precisão quantas pessoas fizeram parte dessas equipes de trabalho, pois algumas não aparecem com frequência. As que trabalharam constantemente são em torno de 12.

É dentro do barracão que os contornos da fantasia começam a ser concretizados. O que pertencia à imaginação de um grupo de pessoas, passa a ser retratado pelo carnavalesco através dos figurinos e, ali dentro do barracão, começa a tomar formas. O amor pelo Carnaval e o encantamento que ele representa passa a ser o dia-a-dia daquelas pessoas que trabalham sem medir esforços. Em referência a esse envolvimento com o Carnaval, um voluntário fala:

⁶⁶ Entrevista com a chefe do barracão em 13/01/01.

⁶⁷ Declaração dada em 20/01/01.

⁶⁸ Declaração dada pela chefe de barracão, em entrevista realizada em 13/01/01.

Antes eu assistia o desfile pela televisão. Eu achava aquilo tudo lindo, aquele brilho todo. Desde criança eu queria desfilar. Quando surgiu a oportunidade, foi aqui no Valença, eu desfilei. A primeira vez eu não tinha fantasia, desfilei de sunga vermelha mesmo. Nós montamos o carnaval na garagem da casa do Cláudio. Foi daí que eu comecei. Não parei e não paro mais⁶⁹.

A chefe de barracão também comenta seu envolvimento:

No começo eu não queria desfilar, só ajudava a montar a Escola. Não sei dizer, mas não tinha vontade. Um dia precisavam de uma bruxa num carro alegórico e, olha só, aí eu fui e agora não quero mais sair de lá. Todo ano desfilo como destaque em algum carro do Valença⁷⁰.

As tarefas do barracão só acabam após o desfile, pois, terminado o evento, é hora de colocar o espaço em ordem, guardando equipamentos e materiais para serem utilizados no próximo Carnaval, isso quando é possível em função do espaço. Neste caso estudado, há essa possibilidade porque eles ocupam a área do viaduto, porém muitas entidades carnavalescas não tendo local apropriado, guardam o que é possível nas casas dos componentes e o que não é, joga-se fora, o que representa um desperdício de esforço e dinheiro.

Festas, trabalho, confecção de fantasias, reivindicações, solidariedade, competição, troca, conquistas, construção de sonhos, desilusões, derrotas, tudo isso é vivido naquele espaço que foi apropriado e conquistado pela Escola de Samba. Inserir-se no espaço garante a sua representatividade e existência em meio à comunidade. Atribui-lhe direitos, como os da manifestação de desejos e necessidades.

E qual é a reação do poder público naquele espaço, já que é um espaço público? Convivência, ainda que, no geral, não amigável. Ameaças por parte da Subprefeitura para retomar o espaço em prol do “bem-público” pairam muitas vezes no ar. Afinal, não saberia o Estado, detentor do poder de decisão, o que é

⁶⁹ Componente da Escola, em entrevista concedida no barracão em 20/01/01.

⁷⁰ Em entrevista concedida em 20/01/01.

melhor para os seus cidadãos? Não construiu a poucos metros dali um gigantesco complexo denominado CEU – Centro Educacional Unificado, onde, quando mantém uma programação cultural, esportiva e educacional a escolha é determinada por sua administração, imaginando o que tem de “melhor” para aquela comunidade?

Aquele espaço ocupado por essa Escola de Samba, anteriormente abandonado, se personificou porque as pessoas deram vida a ele. Ali, uma parte da comunidade se encontra e compõe uma fantasia e sonho comum: a construção do carnaval, da beleza, da alegria, da arte, da vida.

Como uma obra de arte plástica pintada ou esculpida por um artista, o Carnaval é a própria retratação da fantasia e expressão da alegria de determinados grupos de pessoas⁷¹. Nas manifestações carnavalescas, a fantasia toma formas concretas reproduzindo a cultura de determinadas sociedades e, desta forma, materializa-se nas vestimentas, músicas, danças e figuras. Aquele que compõe esse conjunto transforma-se momentaneamente em outro ser, uma vez que, por meio da festividade, extrapola e enriquece o seu cotidiano, a sua história pessoal. Cox afirma que, por meio da concretização da fantasia, o indivíduo se transforma:

A fantasia revela, com a festividade, a capacidade do homem ir além do mundo empírico do aqui e agora. Mas a fantasia excede a festividade. Por ela, o homem não só revive e antecipa, ele refaz o passado e cria futuros totalmente novos. A fantasia é como que um húmus do qual brota a habilidade do homem de inventar e inovar. A fantasia é a fonte mais rica da criatividade humana. (COX, 1970:63).

O Valença, por meio da promoção de suas festas, auxílio à comunidade, reivindicações, torna-se um agente de transmutação. Ocupando um espaço físico inóspito - os baixos do viaduto – transformou-o em um espaço de lazer e cultura. Nesse mesmo espaço, possibilita e oferece ajuda aos que necessitam. É também

⁷¹ A referência se faz não só ao desfile das Escolas de Samba e Blocos Carnavalescos de São Paulo e Rio de Janeiro, mas também a outros tipos de carnavais como os de Salvador, Recife, Olinda, São João Del Rei e tantos outros espalhados pelo Brasil e pelo mundo.

ali que a comunidade se concentra para as suas atividades reivindicatórias e de outros fins, como, por exemplo, os religiosos. Nesse sentido, o espaço tomado e mantido pelo Valença adquire uma grande importância para o cotidiano daquelas pessoas.

FOTO 8: Desfile do Valença em Interlagos – Carro Abre-Alas

Foto: Angela Garcia. 2006

A idéia de pertencimento ao lugar une as pessoas em objetivos e conquistas comuns. Na metrópole, aquele é o lugar do encontro para muitas pessoas que freqüentam esse espaço. De acordo com Carlos:

O lugar é a base da reprodução da vida e pode ser analisado pela *triade habitante-identidade-lugar*. A cidade, por exemplo, produz-se e revela-se no plano da vida e do indivíduo. Este plano é aquele do local. As relações que os indivíduos mantêm com os espaços habitados se exprimem todos os dias nos modos do uso, nas condições mais banais, no secundário, no acidental. É o espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo. (CARLOS, 1996:20)

Apesar de seu aspecto de improviso e precariedade, esse espaço que o Valença transformou em quadra e sede social tornou-se uma referência para a comunidade. Lá se divertem com os eventos, brincadeiras e jogos, encontram-se com os amigos e familiares, trocam informações sobre trabalho e oportunidades, transmitem valores positivos para uma vida melhor.

O espaço se democratiza à medida que, mesmo sendo ocupado por uma Escola de Samba que é uma entidade privada cujo fim principal é fazer o Carnaval, está totalmente inserido na vivência de uma parte da comunidade.

O local da apresentação e participação do Valença no concurso oficial organizado pela entidade representativa, UESP, e promovido pela Prefeitura de São Paulo é determinado de acordo com o grupo⁷² o qual a Escola pertence. No caso do G.R.C.E.S Valença de Perus, por fazer parte do grupo 2 no ano de 2006 e 2007, foi no Autódromo de Interlagos, mas esse local pode variar a cada ano, dependendo da classificação alcançada pela Escola e, ainda, por determinação da UESP.

Porém, independentemente do concurso, todos os anos, na noite da terça-feira de Carnaval, o Valença desfila pela rua principal do centro de Perus. A população prestigia o desfile e se aglomera nas calçadas e ruas adjacentes. Mesmo sem ser oficial, é esperado pelo público como um compromisso do Valença com a comunidade. A presença de policiamento é praticamente inexistente, assim como do órgão controlador de trânsito a CET – Companhia de Engenharia do Tráfego. A iniciativa de manter o desfile em Perus é do Valença, não havendo a participação do poder público.

Na observação realizada em 2006, notou-se uma ordem na desordem, isto é, a organização na rua é totalmente informal, sendo improvisada pelos membros do Valença. Para o som, foi contratado um pequeno trio elétrico onde ficaram os “puxadores do samba”⁷³ e um pequeno grupo de músicos. À frente do caminhão desfilou a porta-bandeira e o mestre-sala e atrás vieram a bateria, as outras alas e

⁷² A abordagem sobre a organização das Escolas e as suas divisões encontra-se com mais detalhes no capítulo seguinte.

carro-alegórico. O estado das fantasias e adereços estava prejudicado, pois, tendo sido deslocados até Interlagos e voltado para Perus dentro de ônibus (cedidos pela UESP) e caminhões estragaram-se muito. Porém, isso não impediu que se fizesse a apresentação no bairro com muita alegria e orgulho por, de alguma forma, estar representando aquela comunidade.

FOTO 9: Desfile do Valença nas ruas de Perus

Foto: Angela Garcia, 2006.

Esses desfiles em algum dia no período de carnaval, nos bairros de origem das Escolas, não são incomuns na cidade, especialmente os promovidos pelas pequenas entidades. Isso ocorre como uma retribuição ao empenho da comunidade, para trazer um pouco da festa a ela, uma vez que, em geral, a maioria dessas pessoas não acompanha a Escola no desfile oficial. A distância

⁷³ Vide significado no glossário carnavalesco na página .

entre o bairro de origem das diversas Escolas e aquele onde é promovido o desfile oficial é um dos grandes obstáculos.

Com as grandes Escolas, esse tipo de desfile no bairro é praticamente inexistente por vários motivos: muitos componentes que desfilam não são daquele bairro e, portanto, não têm interesse; o compromisso dos componentes com a Escola é muito menor, visto que vários desfilam uma vez apenas por curiosidade e desejo de passar pela passarela principal; o tamanho da formação da Escola (alas, carros alegóricos, etc) torna-se um impeditivo para desfilar em outro lugar que não seja o apropriado (Sambódromo). Mesmo assim, algumas Escolas como a Nenê da Vila Matilde, costumam, na terça-feira de carnaval à tarde, descer a sua bateria na avenida principal do bairro (Vila Matilde).

Essas formas e conteúdos que parte da festa carnavalesca foi adquirindo, da folia de rua desprestigiada ao estabelecimento de normas e regras de um concurso, assim como a urbanização da cidade de São Paulo que tomou vultos gigantescos no qual prevalecem pequenas ilhas de riqueza nas áreas centrais cercadas por uma vasta, miserável e distante periferia, fazem parte de um processo segregador no qual se fundamenta e reflete a reprodução do capital e cuja discussão será feita nos próximos capítulos.

2. A cidade de São Paulo e o Carnaval Paulistano: evoluções e involuções

Vou colorir toda a cidade
Com as cores da bandeira mais querida
Em verde e branco vou mostrar
Sutilmente recordar
São Paulo que engrandece o meu país
Deu início e expansão, com a industrialização
E a resistência de uma classe operária
Manifesto, paralisações por melhores condições
E passo a passo tudo se mordenizava
Esse trevo me leva, faz o povo cantar
Do Largo da Banana vou lembrar
Foi o berço do samba (celeiro de bamba)
No embalo deste trem vou balançar
Oh! Quanta saudade
Dos velhos tempos de cordão
Pois a nossa Escola é força e raça
É o samba pé no chão(....)⁷⁴

Necessário é refletir, ainda que brevemente, sobre o processo que se deu na urbanização da cidade de São Paulo a partir de seu grande marco, isto é, o final do século XIX, para que se possa analisar as peculiaridades ocorridas, ao longo dos anos, na manifestação carnavalesca paulistana, tratando-se aqui do desfile das Escolas de Samba.

Os sinais de uma urbanização mais intensa da cidade de São Paulo só começaram a surgir no final do século XIX. De acordo com Segawa:

São Paulo no final do século XIX já assumia os ares da “Metrópole do Café”. Adormecida em seus três primeiros séculos de existência, a acanhada capital da Província despertou de sua sonolência colonial ao barulho do trem. A ferrovia já anunciava o novo ritmo da cidade, e o tijolo, a nova maneira de construir. Da substituição da taipa como sistema construtivo e a importação de materiais e técnicas, surge a nova cidade”. (SEGAWA, 2004:21)

⁷⁴ Samba enredo da G.R.E.S.M Camisa Verde e Branco – No reinado da folia o povo quer ver: minha história, 50 anos de glórias brindando a São Paulo da garoa com você!!! – autoria: Turko; Silvinho; Maradona; Didi. – Carnaval 2004 – comemoração dos 450 anos da cidade de São Paulo.

Com a presença da burguesia crescente na cidade de São Paulo, da qual se destacaram os ricos fazendeiros denominados barões do café, importara-se, a exemplo da cidade do Rio de Janeiro, hábitos e vestimentas européias. As ricas festas promovidas, as participações em peças teatrais e óperas, as freqüências vespertinas nas confeitarias e casas de chá seguiam os padrões europeus. Naquela época, pelas facilidades que oferecia, a capital foi eleita por essas famílias como local da residência principal. De acordo com Prado Jr.:

As estradas de ferro ainda tiveram um efeito considerável sobre São Paulo. Facilitando as comunicações, tornando-as mais rápidas, elas atraíram para a capital as camadas abastadas da população paulista, os fazendeiros, grandes proprietários, que antes habitavam ou nas suas fazendas, ou nas cidades mais próximas a elas. Com as estradas de ferro puderam estes fazendeiros, ao mesmo tempo que se mantinham em contato estreito com suas propriedades, aproveitar a vida mais confortável de um grande centro. (PRADO JR., 1983:36)

Nesse período, a cidade demonstra sinais de grandes transformações urbanas. Chácaras são loteadas e dão lugar a novos bairros, ou ainda, transformam-se em fábricas. Antigos imóveis são demolidos e dão lugar ao alargamento de ruas ou a novas e elegantes construções. (PORTO, 1992).

Também a vida econômica tomou fôlego nesse período de acordo com Saes:

...] certamente, a principal atividade produtiva que a anima [a cidade de São Paulo] até 1930 é a cafeeira, do mesmo modo que a partir dessa data, a produção industrial assume a mesma função de núcleo dinâmico da economia paulistana. No entanto, essas imagens podem ocultar a complexidade da vida econômica urbana de São Paulo, pois certamente, o fato de os fazendeiros virem morar na Capital não significa que ali eles tivessem apenas o seu local de residência. Além de sede da administração – provincial e depois estadual - a Cidade assumiu funções comerciais e financeiras – em parte desenvolvidas por fazendeiros que vieram morar na Capital – constituindo um núcleo urbano que demandava crescente fornecimento de mercadorias e serviços. Assim encontramos na capital do Estado uma ampla e complexa gama de atividades que a faz muito mais do que o simples local de residência dos fazendeiros. Do mesmo modo, a metrópole

industrial não é apenas o espaço de localização de estabelecimentos fabris: ali, atividades comerciais, financeiras e os mais diversos tipos de serviços se articulam, direta ou indiretamente, com a produção industrial. (SAES, 2004:215)

Ainda, de acordo com Scarlato:

Na primeira década do século XX acentuou-se o processo de verticalização da cidade, surgindo inicialmente edifícios de, em média, oito pavimentos. Eles testemunham a modernidade da cidade criada pelo café e revelam, pelo estilo e pelas técnicas construtivas, a dependência em relação ao exterior e à presença de mão-de-obra do imigrante europeu. (SCARLATO, 2003:443).

Para a realização dessas novas moradias, intervenções públicas foram arquitetadas no espaço urbano, como explica Saes:

Essa expansão – e também a transformação – do espaço urbano era reafirmada pela ação da própria Prefeitura: os prefeitos Antonio Prado (1899 – 1910) e Barão de Duprat (1911 – 1914) promoveram amplas intervenções na Cidade. Na gestão de Prado, além da instalação do bonde elétrico, houve a abertura e a retificação de ruas (como XV de Novembro e Álvares Penteado), reformas de várias praças, ampliação do saneamento e da pavimentação e da construção do Theatro Municipal. Raimundo (o Barão de) Duprat abriu a avenida São João, construiu o viaduto Santa Ifigênia e promoveu o saneamento e urbanização do vale do Anhangabaú (até então ocupado por chácaras). (SAES, 2004:229)

De acordo com Fausto, também nesse período, na cidade de São Paulo, o processo de urbanização se apresenta de maneira expressiva:

Todas as cidades cresceram, mas o salto mais espetacular se deu na capital do estado de São Paulo. A razão principal desse salto se encontra no afluxo de imigrantes espontâneos e de outros que trataram de sair das atividades agrícolas. A cidade oferecia um campo aberto ao artesanato, ao comércio de rua, às fabriquetas de fundo de quintal, aos construtores autodenominados “mestres italianos”, aos profissionais liberais. Como opção mais precária,

era possível empregar-se nas fábricas nascentes ou no serviço doméstico. (FAUSTO, 2003:284).

Essa mão-de-obra operária⁷⁵ habitava próximo às fábricas ou às casas das famílias mais abastadas que ofereciam trabalho, principalmente porque os seus rendimentos eram muito baixos e, ainda, pela precariedade do transporte público que nesse período era feito por bondes e cuja ampliação implicava muitos investimentos. Agregado a isso, o fato de naquele período não existir qualquer tipo de legislação que protegesse o trabalhador da intensa exploração capitalista, acarretava em jornadas de trabalho na média de 14 ou mais horas diárias, o que também inviabilizava deslocamentos distantes e demorados.

O cortiço⁷⁶ era, até a década de 50, a forma mais comum de moradia para essas pessoas. De acordo com Ant e Kowarick:

O cortiço desponta e expande-se em decorrência de uma nova relação de exploração, na qual o trabalhador precisa adquirir, com o salário que auferir, os meios de vida para sobreviver. Mão-de-obra livre, não pode mais viver acorrentada em senzalas, não tem condições de adquirir ou alugar uma casa, pois o custo da mercadoria habitação transcende em muito o preço da força de trabalho. (ANT E KOWARICK, 1994:74)

Com esse quadro social de desigualdades, é importante salientar que nesse período havia uma grande necessidade da elite e do governo em tornar a cidade atraente para o estrangeiro, buscando-se reconhecimento político para o regime republicano e, dessa forma, fortalecer as relações político-econômicas necessárias à reprodução do capital. Para isso as principais cidades do país, especialmente o Rio de Janeiro e São Paulo, precisavam ter o aspecto limpo, saneado e moderno. Grandes obras de saneamento foram feitas nesse período,

⁷⁵ A exploração da mão-de-obra operária se dava indistintamente entre homens, mulheres e crianças.

⁷⁶ Tipo de moradia onde casas são divididas em cubículos, muitas vezes sem janelas, que abrigam muitas pessoas num mesmo espaço, tornando o habitar insalubre e de condições higiênicas extremamente precárias.

inclusive a retirada da população pobre dessas áreas reurbanizadas, criando-se espaços urbanos segregados. (REIS FILHO, 1994).

Quanto ao Carnaval, do *entrudo*⁷⁷ ao corso, aos ranchos e cordões, a folia carnavalesca presente nesse processo de formação da cidade vai adquirindo forma e conteúdo fragmentado nos mesmos moldes que a vida e o habitar na cidade. O período de festa era apropriado por todos, ainda que houvesse permissividade ou não e, principalmente, cada qual em seu “canto”.

Para as elites a festa era uma maneira de diversão e de exibição de seus dotes nas Grandes Sociedades ou Sociedades Carnavalescas que realizavam bailes de máscaras ao estilo europeu (Veneza). E, ainda, promoviam o corso, onde, primeiramente, as carruagens e depois o automóvel eram adornados e saíam em desfile pelas avenidas Paulista, Angélica e Brigadeiro Luiz Antonio, jogando confetes sobre o povo que era mero espectador (CRECIBENI, 2000).

Ainda, de acordo com a observação crítica feita por Moura:

...o “corso” zumbindo, ligeiramente, um ruído agoniado de ceticismo, procurando evidenciar, aos olhos da plebe acotovelando-se nas calçadas, o desperdício, no jogo de serpentinas policrômicas, na ostentação de esvaziar o bolso, com alarde, do muito ouro, da nababesca riqueza. (MOURA, 1980:245)

Os imigrantes, especialmente espanhóis e italianos, profissionais liberais menos abastados⁷⁸ saíam pelas ruas em desfiles chamados de rancho cuja característica era de uma marcha com ritmos musicais movidos, principalmente, pelos instrumentos de sopro, sem exibir um tema cantado. As vestimentas não

⁷⁷ De acordo com Queiroz: ...o termo significa “entrada”, segundo dizem, sendo celebrada para festejar a entrada da primavera; muito antes do cristianismo, cobria o mesmo período do ano e era precedida por várias comemorações esparsas no calendário, que a anunciavam. Com a implantação do cristianismo, passou a se realizar do Sábado Gordo à Quarta-feira de Cinzas. Essas festas tinham como características brincadeiras, tais como: espirrar farinha, água ou muitas vezes urina uns nos outros, correrias, muita comilança, danças e alguns grupos de jovens se mascaravam e saíam pelas aldeias fazendo o maior barulho possível com tamborins, sinetas, cornetas, ou até mesmo panelas e outros utensílios de metal... (QUEIROZ, 1999:30)

⁷⁸ Pode-se intitular de representantes da classe média da época.

mantinham uma diversidade de fantasias sem muitos adornos. (CRECIBENI, 2000).

A parte da população mais pobre, entre eles predominantemente negros e mulatos, formava os cordões carnavalescos, no seu princípio, semelhantes aos ranchos e que foram os embriões das Escolas de Samba na maneira como se conhece na atualidade. De acordo com Crecibeni:

... um desfile em forma de procissão durante suas andanças pela cidade e uma organização semelhante aos “ranchos”, os cordões não tinham enredo, apenas um tema, e desfilavam com abre-alas, balizas, porta-estandarte, rei, rainha, um grupo feminino e ao som de conjuntos instrumentais de corda e sopro e ao ritmo do batuque. Com predomínio de instrumentos pesados, foram certamente os antepassados das Escolas de Samba. Alguns relatos dão conta de que os grupos desfilavam com animação, até encontrar um grupo rival, quando então era travada violenta pancadaria. (CRECIBENI, 2000:20).

Vale ressaltar que, naquele período, esses grupos eram violentamente reprimidos pela polícia, pois muitos dos componentes eram considerados vadios como afirma Jangada (1977): “a polícia achava que diversão carnavalesca era privilégio de rico, o povo negro e o pobre só tinha mesmo de trabalhar”⁷⁹.

No âmbito das autoridades, os negros, na maioria ex-escravos, não estando mais sob a tutela de um branco que não tivesse uma ocupação explícita, era um vadio e, portanto, passível à penalidade.

De acordo com Trindade (2004), após o fim da escravidão os negros buscaram novas formas de trabalho:

Tornam-se vendedores ambulantes do trabalho informal, procuram os recursos de sua cultura de origem, organizam grupos musicais, locais de encontro e constroem casas de cultos de origem africana. Porém, os que negam os serviços braçais, o servilismo ou a tutela do apadrinhamento são considerados vadios. A vadiagem torna-se delito social, estando sujeitos à punição policial todos aqueles que não tiverem emprego fixo, oficialmente definido. Inscrevem-se na categoria de delito público, desde a primeira

⁷⁹ Crecibeni (2000:20) apud Jangada (Última Hora, 06/01/1977)

década do século XX, a prática dos cultos afro-brasileiros, a capoeira e o ritmo africano. (TRINDADE, 2004:108)

Essa repressão policial era motivada por muitos brancos pertencentes às elites mantenedoras de residências e negócios na área central da cidade e que rejeitavam as manifestações desses grupos carnavalescos. O historiador Domingues aponta em sua pesquisa sobre o racismo presente na época:

Mas muitos brancos não apreciavam os desfiles dos cordões carnavalescos. Por volta de 1930, segundo testemunho de Geraldo Filme, a repulsa dos brancos àqueles desfiles na São João foi tão violenta que chegou a ponto de jogarem cândida e cimento branco nos cordões⁸⁰. Já nos primeiros anos do século XX, os proprietários dos corsos geralmente não aceitavam que negros desfilassem para os populares que comemoravam o carnaval nos festejos na avenida Paulista. (DOMINGUES, 2004: 172)

Em depoimento feito ao programa de televisão Ensaio⁸¹, o sambista Geraldo Filme fala sobre os grupos de sambistas, neste caso não necessariamente os Cordões que festejavam o Carnaval pelas ruas do centro:

Primeiro saía da Barra Funda, depois dava uma paradinha obrigatória na Praça do Patriarca que ali tinha uns clubes de negros enjoados, cheios de tantas coisas, era a classe A da elite negra. Eram uns clubes de negros enjoados, cheios de coisa, aí de lá ia para a Rua Direita e aí começava. Ia fazendo samba nas latas de lixos, tinha o Bar e Café Viaduto e enquanto eles tocavam valsa vienense a gente tocava samba na lata do lixo do lado de fora e chegava na Sé e João Mendes e aí armava a roda de samba e a tiririca. E aí naquela época em São Paulo não podia fazer samba, era fazer e ia em cana. A gente já saía com umas moedas no bolso que era para pagar a carceragem (FILME, 1992).

Na realidade, a repressão aos grupos que estavam à margem das elites permaneceu por muitos anos, até o final da década de 60, quando o poder

⁸⁰ Nota do autor: Depoimento de Geraldo Filme apud José Geraldo Vinci de Moraes, Sonoridades Paulistanas. A música popular na cidade de São Paulo: fim do século XIX ao início do século XX.

⁸¹ Programa gravado pela Fundação Padre Anchieta – TV Cultura – em 1992 dirigido por Fernando Faro.

público, de alguma forma, foi se apropriando e normatizando a festa e, ainda, o capital privado vislumbra a possibilidade de ganhos, o que será narrado adiante.

Reverendo um pouco da história dessa manifestação carnavalesca, Cordões e posteriormente Escolas de Samba, registra-se que, em 1914, o negro Dionísio Barbosa funda o primeiro “Grupo Carnavalesco Barra Funda”, ganhando o apelido popular “Camisa Verde”, ficando ativo até 1939. Ressurge novamente por meio de Inocêncio Tobias, em 1952, como Cordão Carnavalesco denominado Grêmio Recreativo Mocidade Camisa Verde e Branco e que nos dias atuais é uma das maiores Escolas de Samba paulista. O “branco” foi incluído por exigência das autoridades para evitar confusões com os “integralistas” membros de uma corrente política fascista que vestiam camisas verdes. (MORAIS, 1978:21 - 34; CRECIBENI, 2000:20)

A marcha sambada desse primeiro Grupo Carnavalesco trazia os seguintes versos, os quais revelam uma relação forte com o lugar de origem e convidavam a comunidade para participar da festa:

Minha gente saia fora
Da janela venha ver
O Grupo da Barra Funda
Está querendo aparecer!
Cantamos todos
Com a voz aguda
Trazendo vivas ao Grupo da Barra Funda
(Dionísio Barbosa – Luiz Barbosa, 1914)

Naquele período, até meados de 1930, outras manifestações populares alimentavam a formação de grupos de cordões: as rodas de tiririca, também conhecidas como pernada (dança com grande influência da capoeira), e de samba, famosas no Largo da Banana⁸², no bairro da Barra Funda e na Praça da Sé, assim como a umbigada⁸³ praticada na cidade de Pirapora do Bom Jesus.

⁸² O referido largo, próximo à estação ferroviária da Barra Funda, não existe mais, tendo sido essa região ocupada pela construção do complexo Memorial da América Latina e a estação de metrô Barra Funda.

⁸³ Coreografia onde os dançarinos se aproximam ou batem o ventre ao som de tambor.

Sobre esses encontros na Barra Funda, Geraldo Filme comenta:

Lá no Largo da Banana na Barra Funda, a rapaziada, o ordenado, o soldo era pequeno. Eles ganhavam, para um tanto de cachos de bananas carregados, um. Então eles colocavam lá na praça pra comércio e na hora quando folgava um pouquinho eles armavam um samba. A gente era moleque e eles não deixavam a gente entrar no samba. E a gente ficava apreciando muita coisa e guardou muita coisa e deu continuidade. Pra mim, era 1937, a gente tinha 10 anos de idade e entregava marmitas e depois de entregue a gente corria pro Largo da Banana pra ver a negrada. (FILME, 1992)

É importante perceber que as classes sociais menos favorecidas, nelas incluindo, em especial, os negros, exerciam a resistência por meio dos seus ritmos, como demonstram os versos da canção Batuque de Pirapora do sambista paulistano Geraldo Filme:

“Eu era menino
Mamãe disse eu vou-me embora
Você vai ser batizado
No samba de Pirapora
Mamãe fez uma promessa
Para me vestir de anjo
Me vestir de azul celeste
Na cabeça um arranjo
Ouviru-se a voz do festeiro
No meio da multidão:
Menino preto não sai
Aqui nessa procissão!
Mamãe, mulher decidida
Ao santo pediu perdão
Jogou minha asa fora
E me levou pro barracão!
Lá no barraco
Tudo era alegria
Negro batia na zabumba e o boi gemia!
Iniciado o neguinho
No batuque do terreiro
Samba de Piracicaba, Tietê e Campineiro
Os bambas da Paulicéia
Não consigo esquecer
Fredericão na zabumba
Fazia a terra tremer
Cresci na roda de bamba

No meio da alegria
Eunice puxava o ponto
Dona Olímpia respondia
Sinhá caía na roda gastando a sua sandália
E a poeira levantava
Com o vento das sete saias! ”

Essa música, muito lembrada nas rodas de samba atuais que proclamam as raízes do samba, declama a busca da aceitação da sociedade da época, porém, diante da negação, o encontro com os iguais por meio da festa.

A gente não tinha instrumento, ficava lá com a palma da mão, lata de lixo, caixa de engraxate até os homens (policiais) chegar, e quando chegavam acabavam com a roda. A Barra Funda era próxima do centro, mas ela tinha uma característica bem de bairro, periferia. Então aquelas casas mais humildes onde morava os negros (FILME, 1992)⁸⁴.

Nesse mesmo período, década de 30, o curso na Avenida Paulista foi se extinguindo, motivado pela crise econômica de 1929 e o surgimento dos automóveis fechados. O foco do Carnaval paulistano começa a se deslocar para a região central da cidade por meio das batalhas de confetes e lança-perfume, nas praças da República e do Patriarca, e os desfiles dos Cordões que também ocorriam nos bairros. Por esta época, cresce o número de Cordões, constituindo-se neste período em torno de 20 grupos (CRECIBENI, 2000:20).

Surge ainda, por volta de 1933/34, o bloco das “Baianas Paulistas”, também conhecido como “Baianas Teimosas” que desfilava com ritmo de samba⁸⁵, tal como explica Moraes:

⁸⁴ Programa gravado pela Fundação Padre Anchieta – TV Cultura – em 1992 dirigido por Fernando Faro.

⁸⁵ O ritmo musical do Samba teve origem no Rio de Janeiro nos encontros de boêmios, músicos e cantores, que eram denominados pagodes. Nesses pagodes eram puxados pontos de orixás, marchas-de-rancho, maxixes, chulas e, especialmente, renova-se o clima dos lundus (danças e cantos executados pelos negros nas senzalas), com umbigadas e ritmo marcado nos pés e na mão. A primeira composição denominada como Samba, cujo nome é Pelo Telefone, surgiu num desses pagodes realizados na casa da Tia Aciata e foi composto por Donga e Mauro de Almeida em 1916. (COSTA, 2000: 17-28)

O bloco desfilava com samba e era composto de pouco mais de vinte pessoas. No seu acompanhamento musical estava o conjunto “choro” e alguns instrumentos de couro, dos quais só conseguimos registrar a presença do surdo⁸⁶. A responsabilidade da dança cabia quase que exclusivamente às mulheres, ficando o ritmo inteiramente a cargo dos homens. Seu ponto de localização era a Rua Tamandaré, na Liberdade. (MORAIS, 1978:55).

Destaca-se esse grupo, pois ele traz um elemento, hoje considerado tradicional e uma das regras na formação da Escola de Samba - as baianas - mas que naquela época não apareciam em destaque nos Cordões. Porém, o papel das Tias já demonstrava grande importância nos agrupamentos carnavalescos, haja vista que nas casas delas é que as pessoas se encontravam para as rodas de samba.

Nesse período, em 1935, na gestão do prefeito Fábio da Silva Prado (1934-37), foi promovido pelo poder público o primeiro desfile. De acordo com Crecibeni:

...o grande acontecimento do carnaval foi o concurso dos blocos, grupos, cordões e ranchos, organizado pelo jornal Correio de São Paulo e patrocinado pelo Centro de Cronistas Carnavalesco e pela Comissão Oficial. O local do desfile foi um trecho da Rua Líbero Badaró (entre a Praça do Patriarca e a Rua José Bonifácio), onde foi armado um palanque oficial em frente à redação daquele jornal. (CRECIBENI, 2000:22).

De alguma maneira, essa foi talvez a primeira tentativa do poder público “enquadrar o conflito⁸⁷” transformando-o em competição, iniciando, ainda que temporariamente, um longo processo de normatização da festa.

No final dos anos de 1930, começam a surgir as primeiras agremiações denominadas como Escola de Samba⁸⁸, muitas das quais provenientes de antigos

⁸⁶ O tipo de instrumentos utilizados é controverso, pois, em alguns relatos entre eles o de Seo Chicle – José Jambo Filho (entrevista concedida à autora em 29/10/06), que fez parte da agremiação Vai-Vai e dela foi presidente por 19 anos, afirma que os Cordões usavam apenas instrumentos pesados, feitos de couro e madeira, cuja batida soava forte. Influência direta do interior de São Paulo, onde se destacava o que se denominou samba rural, produzido pelos negros que trabalhavam nas fazendas, principalmente na região de Piracicaba, Tietê e Campinas. Portanto, isso leva a crer que a utilização de instrumentos de sopro e cordas teria relação direta com a formação dos grupos.

Cordões. Uma das primeiras agremiações carnavalescas denominada Escola de Samba, e ainda atuante, a Lavapés⁸⁹ foi fundada em 1937 por Chico Pinga e Madrinha Eunice, que era uma das Baianas Teimosas. Iniciou-se então a introdução de mudanças nas apresentações como, por exemplo, a existência de um samba-enredo, o que não acontecia nos Cordões. Diversas outras mudanças, tais como o ritmo de samba no lugar da marcha e instrumentos de percussão como tamborim, cuíca, agogô, foram sendo inseridas nas Escolas de Samba. (MORAIS, 1978).

A partir da década de 40, a cidade é marcada por um forte crescimento e expansão da ocupação territorial e a festa segue o mesmo ritmo.

A intensidade da transformação urbana é tão expressiva que, de 130 km² que possuía em 1940, passa para 420 km² em 1954. O sistema ferroviário, ao longo de seu percurso, permite o surgimento de grandes bairros industriais e operários, como a Barra Funda, Brás, Mooca e Ipiranga (SCARLATO, 2003).

A expansão da festa carnavalesca acompanhou a expansão industrial e demográfica da cidade. Os bairros de que se tem registro dos desfiles são aqueles em que a indústria foi se instalando juntamente com a expansão da estrutura urbana.

Barra Funda, Campos Elíseos, Lapa, Pompéia, Brás, estendendo-se até a Vila Esperança e Vila Matilde, foram palcos da alegria de muitos dos grupos que surgiram na época (URBANO, 2006:79).

Os versos do samba refletem a dicotomia do sentimento paulistano da época, entre a nostalgia e o orgulho pelo crescimento e “progresso” da cidade:

⁸⁷ Além da festa na rua, muitas vezes, o encontro desses grupos carnavalescos resultava em conflitos.

⁸⁸ Fato interessante a registrar na história do Carnaval no Brasil é o surgimento da denominação “Escola de Samba” no Rio de Janeiro em 1928. Uma versão diz que um primeiro grupo instalou-se ao lado de uma Escola primária, adotando assim o nome “Escola”. Outra versão diz que naquele período falava-se muito sobre a reforma de ensino. Ainda em outra argumenta-se que, devido à competência dos organizadores daquela primeira instituição, eram chamados de “professores do samba”, surgindo assim o nome Escola de Samba. Eneida (1958:298-9).

⁸⁹ Esta Escola hoje pertence ao Grupo 2 de Escolas de Samba filiada à UESP – União das Escolas de Samba Paulistanas.

São Paulo antiga
Era tão linda era tão bela
Quanta saudade me traz
Dos bondes
E os lampiões de gás
E hoje
É um gigante que sobe depressa
Não é história nem promessa
Vem ver
Vem ver a São Paulo crescer!
(Madrinha Eunice-Chico Pinga, 1950 – Samba Tema)

Num período em que a vanguarda de arquitetos e engenheiros era regida pelo Modernismo - cuja proposta visava à funcionalidade e racionalidade urbana - a cidade de São Paulo foi sofrendo ao longo do processo de expansão, ainda presente nos dias atuais, diversas intervenções e operações urbanas. Essas, por sua vez, buscavam criar novas formas para a reprodução do capital, preocupando-se com o espaço físico em detrimento ao espaço social. Porém, por meio do Plano do Discurso⁹⁰ da elite, para a população em geral, o progresso é a via redentora “que destrói coisas belas”⁹¹ ainda que este a “empurre” cada vez mais para longe dele.

Observa-se que nesse período, além do centro, novas centralidades despontavam na cidade, tais como a Lapa, destacando-se como centro comercial, e, dessa maneira, torna-se importante atrair o público. O Carnaval, como festa popular, podia ser um bom atrativo e uma identificação simbólica para aqueles que seriam os consumidores em potencial. Conforme relato do Seo Chiclé⁹²:

Eu sempre presto homenagem à Lapa, porque a Lapa sustentou o Carnaval de São Paulo anos e anos. Não tinha verba e então a Associação de Lojistas da Lapa é que dava verba para Escola de Samba. Desfilava lá na Doze de Outubro, olha de 50 (anos 1950)

⁹⁰ Termo utilizado por Ermínia Maricato quando se refere aos diversos planos urbanos que são elaborados no Brasil, mas que são cumpridos parcialmente, isto é, quando chegam na questão social, não saem do papel e passam a ser apenas discursos que “escondem a direção tomada pelas obras e pelos investimentos que obedecem a um plano não explícito” (MARICATO, 2002:138).

⁹¹ Verso da música Sampa de Caetano Veloso.

⁹² Em entrevista concedida à autora em 29/10/06.

para cima até os 60⁹³, tudo desfilava lá. E tinha a batalha de confete que era na Água Branca, era no Belém, era na Vila Esperança. Mas, o único desfile oficial mesmo que contava ponto era na Lapa.

Durante as décadas de 40, 50 e até final dos anos 60, os desfiles de Carnaval não recebiam verbas públicas e sim de entidades privadas como associações comerciais e/ou empresas jornalísticas. Por esse motivo, a folia dos Cordões e Escolas se deslocava de acordo com os interesses de quem financiava as verbas.

A partir de aproximadamente 1963, de acordo com Seo Chicle, o desfile oficial volta a ser no centro:

Houve diversas mudanças. Tinha hora que era embaixo do Anhangabaú, dava a volta, subia e ia pela avenida São João e ia no Paissandu, que é que ficava os jurados e essa coisa toda. Depois teve uma época que o Carnaval pegava uma parte da Prestes Maia e ia para o Anhangabaú. E depois teve uma época que vinha da Duque de Caxias e pegava a São João para o Paissandu. Houve três direção (sic) naquela época até vim para a Tiradentes. Também teve uma época que a gente participava do Concurso da Resistência⁹⁴, que era no Ibirapuera e promovido pela Emissora Record.

Ao que descrevem as narrativas, sejam bibliográficas ou relatos orais, a trajetória do desfile de carnaval na cidade de São Paulo, a partir da formação dos Cordões e das Escolas de Samba na forma de concurso, seguiu uma lógica estabelecida pela proveniência do dinheiro, isto é, quem desse algum tipo de verba levava a festa para o local de sua conveniência. Também, compreende-se que a relação espaço – tempo tornou-se mais linear à medida que o poder público passou a subsidiar regularmente o evento por meio do repasse anual de verbas, e, dessa forma, o subordina a determinadas normas.

⁹³ Esse período não é preciso, pois o entrevistado não recordava precisamente as datas, e sim as aproximações dos períodos.

⁹⁴ Esse concurso era promovido anualmente e consistia em casais que dançavam por três dias ao som de samba. Vencia o casal que conseguisse resistir por mais tempo.

Esse processo tem como marco o ano de 1967, na então gestão do prefeito José Vicente Faria Lima (1965-69), quando as agremiações paulistanas começaram a se regularizar em torno de uma entidade jurídica, surgindo então a Federação das Escolas de Samba e Cordões Carnavalescos, o que possibilitou o recebimento de subvenção dos órgãos oficiais a partir de 1968. O desejo de ser reconhecido e auxiliado financeiramente pelo poder público era tão forte que foram criados, a partir daí, regulamentos e normas para o concurso. Esses, pela falta de registros sobre as agremiações paulistanas e organização em torno das mesmas, se inspiraram quase que integralmente nos do Rio de Janeiro. A partir de então, ocorreu o que se pode considerar um acultramento carioca⁹⁵, um aceite da padronização do outro, com inserção de elementos que não pertenciam à composição das Escolas paulistanas, como por exemplo, a comissão de frente no lugar das balizas, a bandeira acompanhada pelo mestre-sala no lugar do estandarte, a obrigatoriedade da ala das baianas⁹⁶. (MORAIS, 1978)

Em 1973, por problemas internos, a Federação deixou de existir⁹⁷, surgindo então três entidades representativas: União das Escolas de Samba de São Paulo - UESP, Associação das Escolas de Samba de São Paulo e a Coligação Regional das Escolas de Samba do Município de São Paulo.

Em 1975, por imposição da prefeitura, houve uma fusão das três entidades, ficando apenas a União das Escolas de Samba de São Paulo.

Para entender os caminhos que o desfile vai ocupando na cidade é importante destacar que, na década de 70, ocorreram diversas intervenções urbanas na região central da cidade de São Paulo. Entre elas, o início da

⁹⁵ A expressão aqui utilizada não quer significar subordinação, mas sim uma acomodação a aquilo que já foi criado.

⁹⁶ Ainda hoje, talvez em consequência dessa atitude, costuma-se comparar o Carnaval paulistano com o carioca, passando-se, inclusive, a fazer julgamentos, tais como de que o primeiro é mais “desanimado” que o segundo. Ocorre que, com todas as suas características e diferenças, inclusive históricas, geográficas e culturais, o Carnaval de São Paulo e o do Rio de Janeiro passaram a ter muitas semelhanças na formação do conjunto da Escola de Samba. Essa tendência cresceu a partir da transmissão do canal de televisão Rede Globo que passou a homogeneizar o espetáculo, chegando muitas vezes a confundir o público que, desconhecedor de todo o processo, acredita que o primeiro imita o segundo.

construção do Elevado Costa e Silva – “Minhocão” (em 1971 na gestão do então prefeito Paulo Maluf) e a implantação dos calçadões em diversas ruas centrais (durante a gestão de Olavo Setúbal 1975-1979).

Seguindo essa lógica urbanística, a partir de 1977, o desfile foi transferido para a Avenida Tiradentes na tentativa de desobstruir o trânsito da Avenida São João e das ruas próximas por onde circulavam os veículos. Conforme relato de Seo Chicle:

Mudaram da São João por causa do problema de trânsito. Porque quando terminava o Carnaval, estrangulava o trânsito todinho. E aí a passarela foi feita na Tiradentes. Mas mesmo assim, lá a reclamação começava a ser muito grande, porque o pessoal largava o carro alegórico, largava isso e aquilo lá e chegava na quarta-feira de cinzas o trânsito ficava parado. E aí foi indo, foi indo e então se criou o Anhembi.⁹⁸

Também é preciso destacar que, a partir da década de 70, as entidades passam de Cordões para Escolas de Samba, criando-se uma estrutura maior na apresentação do desfile, e, portanto, necessitavam de uma rua mais larga, com fiações elétricas mais altas e, no caso, a Avenida Tiradentes apresentava estas condições.

Em 1986, houve uma separação na entidade, surgindo a Liga Independente das Escolas de Samba, que congrega as maiores agremiações, isto é, o Grupo Especial e Grupo de Acesso das Escolas de Samba. As demais agremiações continuaram associadas à UESP – União das Escolas de Samba Paulistanas.

Importante salientar que essa divisão ocorreu motivada, principalmente, por interesses econômicos, pois nesse período a mídia, por meio da televisão, já demonstrava interesse em transmitir os desfiles paulistanos, mas não estava disposta a pagar o direito de transmissão a todas as Escolas. De acordo com

⁹⁷ De acordo com Crecibeni (2000:29), a Federação que era responsável pelo recebimento do dinheiro da subvenção da Prefeitura não prestava conta com regularidade, o que foi motivo de intervenção até 1973. Consta ainda que esta entidade foi, simplesmente, abandonada.

⁹⁸ Entrevista concedida em 29/10/06.

relatos de diversos sambistas que vivenciaram esse período⁹⁹, a emissora de televisão Rede Globo sugeriu aos dirigentes das maiores Escolas a separação dos grupos, passando a televisionar apenas eles e, conseqüentemente, desobrigando-se de pagar direitos de imagens às outras Escolas, o que de fato ocorreu.

Esta divisão permanece até os dias de hoje, sendo que a primeira entidade congrega vinte e quatro Escolas que pertencem ao Grupo Especial e ao Grupo de Acesso e a outra reúne um total de sessenta e três¹⁰⁰ agremiações entre Escolas de Samba e Blocos Carnavalescos que se distribuem nos Grupos I, II e III e de Acesso das Escolas, Grupo Especial de Blocos e Grupo I de Blocos.

A diferença entre a Escola de Samba e o Bloco Carnavalesco está na sua formação, isto é, a primeira estabelece a cada ano um enredo do qual surge o samba enredo e os figurinos das fantasias que formam as alas e os carros alegóricos. O segundo tem uma formação mais simples e determina apenas um tema a ser apresentado, sem a obrigatoriedade em formar alas que sigam o tema rigorosamente. Atualmente, alguns Blocos se apresentam com um nível de complexidade que, muitas vezes, para o público em geral, fica difícil perceber a diferença entre um e outro, levando à confusão de que Bloco Carnavalesco é uma Escola de Samba menor.

Apesar de cada entidade representativa ter a sua própria organização e regulamento dos desfiles, o concurso é o mesmo, isto é, existe o acesso e o rebaixamento entre as Escolas, seguindo a mesma lógica.

Em 1990, a Câmara Municipal de São Paulo aprovou a Lei nº 10.381/90, que oficializou o Carnaval, tornando-o um evento oficial da cidade de São Paulo. Porém, como essa lei não foi, até o momento atual, regulamentada, na prática reflete apenas o pertencimento ao calendário oficial de eventos da cidade. Porém não o coloca na pauta orçamentária como obrigatoriedade municipal, levando os

⁹⁹ Esse assunto muitas vezes é comentado na sede da UESP por diversas pessoas que vivenciaram a separação das entidades, inclusive, o fato de que a Escola de Samba Nenê da Vila Matilde, na figura do presidente Seu Nenê, resistiu por alguns anos a se transferir para a Liga. Esses depoimentos informais foram colhidos através da convivência da pesquisadora junto à entidade UESP.

¹⁰⁰ Número das agremiações que efetivamente desfilaram em 2007. O número total de filiadas da UESP é muito maior, em torno de noventa, porém muitas estão sendo desativadas ou cumprindo penalização por não seguirem o regulamento da entidade.

dirigentes carnavalescos a, todo ano, “passar o pires”¹⁰¹ ao poder público, estando sujeitos às vontades e favores políticos.

Em 1991, o desfile de Carnaval foi transferido para o então inaugurado Pólo Cultural Grande Otelo, mais conhecido como Sambódromo, espaço destinado para os desfiles, construído pela então prefeita Luiza Erundina (1989 a 1992) em terreno pertencente à empresa municipal Anhembi Turismo e Eventos da Cidade de São Paulo.

É importante lembrar que nesse período, década de 90, houve um grande empenho na inserção de São Paulo como cidade mundial e a possibilidade de realizar grandes eventos fez parte desta estratégia: a construção do Sambódromo; reforma do Autódromo de Interlagos possibilitando a captação da etapa Brasil de Fórmula 1; a requalificação da região central, incluindo o Teatro Municipal e a construção da Sala São Paulo na Estação Ferroviária Júlio Prestes. Essas ações, entre outras, reforçaram a construção da imagem positiva e preparada para estar inserida no âmbito mundial.

Faz-se necessário refletir sobre essa sujeição econômica a que os dirigentes das Escolas se colocam. Para a montagem de uma Escola, respeitada a sua dimensão, são gastas volumosas quantias de dinheiro em compra de materiais para os adereços, fantasias e alegorias, assim como com a estrutura de quadra, barracão, mão de obra, entre outras despesas. Como já foi citado, no período dos Cordões, cuja estrutura era muito menor, já se buscavam verbas para participar do concurso, as quais eram utilizadas apenas para a compra do tecido das vestimentas dos componentes dos Cordões.

À medida que as entidades cresceram, mais dinheiro foi necessário para se adequar às novas exigências de investimentos. Isso aumentou a dependência de verbas não só do poder público, mas também de patrocinadores privados. Estes últimos estão mais interessados no retorno econômico que isso possa gerar, como por exemplo, como venda de anúncios publicitários (Rede Globo) e o próprio aumento das vendas de produtos e serviços (empresas privadas), do que,

¹⁰¹ Expressão muito utilizada pelos dirigentes das Escolas, “passar o pires” significa mendigar verba.

necessariamente, com a oferta de diversão ou, ainda, com a manutenção da cultura.

De acordo com Léia, presidente da UESP e membro da diretoria da Escola de Samba Nenê da Vila Matilde, não é sempre que se consegue um patrocinador:

Mas não é todo ano que se tem um patrocinador, que é uma coisa também que acaba destruindo um pouco a essência da Escola de Samba, porque primeiro você espera vir o patrocinador para depois escolher o enredo e aí acaba tendo que se curvar diante do marketing desse produto porque vai me dar um dinheiro. Então, histórias belíssimas, riquíssimas, que nós temos da nossa gente do nosso país acaba ficando de lado¹⁰².

Há aqui, uma explícita inversão de valores na qual a entidade carnavalesca - que representa a manifestação cultural de uma grande parcela de pessoas, na sua maioria provenientes de uma classe social com baixo poder aquisitivo – passa, de alguma maneira, a representar os interesses do capital que busca apenas uma oportunidade de se reproduzir. O Carnaval que, na sua essência, representa a festa e o despojamento do cotidiano é transformado numa mercadoria de consumo por meio da mediação para a venda de produtos e serviços.

Ainda de acordo com Léia:

Então o que acontece hoje é que as grandes Escolas, muitas vezes é puro comércio, então ao longo do ano ela não faz mais um trabalho pra ter a sua comunidade: fazer samba à noite, no final de semana um pagode, ela não incentiva mais isso. Ela só se prepara pro Carnaval. Então aquela coisa da comunidade acaba ficando só de época, depois do ano novo que é quando pega fogo e se dilui logo após o Carnaval. Elas não têm feito aquela manutenção pra ter a comunidade integrada o ano inteiro. Isso é um pouco preocupante, porque algumas não estão mais conseguindo aglutinar as pessoas, vira uma coisa de época. Algumas não, as mais tradicionais, a Nenê, a Vai-Vai, a Camisa Verde, a Peruche, ainda têm aquela coisa de pai para filho, netos, todos freqüentam a Escola, são poucas as Escolas grandes em São Paulo que têm uma comunidade efetiva ligada a ela que as pessoas batem no peito de orgulho dela¹⁰³.

¹⁰² Léia em entrevista concedida no dia 10/04/2007.

¹⁰³ Léia em entrevista concedida no dia 10/04/2007.

Para discorrer melhor sobre essas mudanças que culminaram no isolamento de parte das festas carnavalescas, em especial, a partir da construção do Sambódromo, é importante destacarmos o processo urbano ao qual a cidade de São Paulo foi submetida, como mencionado anteriormente.

Na atualidade, de acordo com censo do IBGE do ano de 2000, a cidade de São Paulo ocupa 1525 km² de área territorial e tem uma população residente de 10.899.560 habitantes, sendo que deste total 90% residem em área urbana. Esses números demonstram o alto grau de crescimento (mais do que o triplo) que ocorreu nos últimos 50 anos. Com esse crescimento, aumentaram diversos problemas da cidade, tais como poluição, enchentes, lixo e, ainda, sócio-econômicos como o desemprego que acirra a desigualdade e exclusão social¹⁰⁴.

A cidade, ainda que obra, passa a ter a sua dimensão de produto ampliada, transformada em mercadoria atendendo aos interesses da reprodução do capital com uma rapidez que é contraditória na percepção da sua forma e na abstração dos interesses de seu uso.

Os versos do samba-enredo da Escola de Samba Vai-Vai, tradicional agremiação localizada no bairro do Bexiga, anunciam poeticamente as transformações ocorridas na relação tempo-espaço:

“Quem nunca viu o samba amanhecer
Vai no Bexiga pra ver (bis)
O samba não levanta mais poeira
Asfalto hoje cobriu nosso chão
Lembrança eu tenho da saracura
Saudade tenho do nosso cordão
Bexiga hoje é só arranha-céu
E não se vê mais a luz da lua
Mas o Vai-Vai está firme no pedaço

¹⁰⁴ Alguns autores como Martins (1997) utilizam o termo inclusão precária ou perversa, porém nesse trabalho considerou-se que a expressão exclusão social é a mais adequada para se referir à população carente, por entender que a pobreza gera pobreza e a movimentação econômica dela advinda pouco representa ao grande capital. De acordo com Damiani, referindo-se à situação atual nas metrópoles: “as pessoas estão perdendo tudo – o emprego, especialmente o industrial; o espaço da moradia, são itinerantes dentro da cidade; a vida, com a violência – e estão inseridas perversamente no mundo do espetáculo, que lhes retira a identidade. Com o que ficam? Com a negatividade absoluta do processo moderno do sistema produtos de mercadorias: a miséria absoluta e a violência”. (DAMIANI, 2004:31)

É tradição e o samba continua
Quem nunca viu o samba amanhecer
Vai no bexiga pra ver (bis)”

Música: Vai no bexiga pra ver
Compositor: Geraldo Filme

Esses versos transitam entre as transformações ocorridas no espaço, mas também apontam para a resistência que a tradição cultural-social impõe ali (“Mas o Vai-Vai está firme no pedaço”), ainda que sujeita, ela própria, às mudanças.

De acordo com Carlos:

Espaço e tempo abstratos redefinem constantemente os usos, com isso os processos que criam a identidade e acabam destruindo as condições nas quais se gesta a memória coletiva. Nesse contexto a espacialidade das relações sociais se inscreve num espaço que se reproduz, tendencialmente, sem referências – este é o processo que está na gênese do que chamo de espaço amnésico. Um processo que enfoca a ruptura; uma mudança que não se apresenta como gradual, mas como produto de uma ruptura brutal, “era e não é mais”. Nesse quadro, os referenciais se diluem no espaço da metrópole e com ele os traços em que se baseiam a construção da identidade produzida pela vida de relações, no interior dos bairros. (CARLOS, 2004:80)

A aparente racionalidade imposta ao processo urbano destrói casas, várzeas e áreas verdes, cobrindo-as com avenidas, marginais, moradias verticalizadas, conjuntos habitacionais. De acordo com Carlos:

Os bairros apresentam características cada vez mais transformadas – derrubam-se casas para construir-se edifícios, com eles a verticalização da cidade. As praças dão lugar ao estacionamento, derrubam-se árvores que nascem em meio aos traçados das vias de trânsito que se quer ampliar(...) (CARLOS, 2004:82)

Tratando dessa racionalidade praticada e que se torna ideologia, Lefebvre escreve:

Um bom exemplo dessas ideologias totalizadoras, correspondendo a práticas mutiladoras, encontra-se nas representações do espaço econômico e do planejamento que, pura e simplesmente, fazem o

espaço urbano específico desaparecer, ao assimilar o desenvolvimento social ao crescimento industrial, ao subordinar a realidade urbana à planificação geral. A política do espaço apenas o concebe como meio homogêneo e vazio, no qual se estabelecem objetos, pessoas, máquinas, locais industriais, redes e fluxos. Tal representação fundamenta-se numa logística de uma racionalidade limitada, e motiva uma estratégia que destrói, reduzindo-os, os *espaços diferenciais* do urbano e do habitar. (LEFEBVRE, 2002:53)

Formaram-se extensos bairros periféricos carentes ou em situação precária com relação à infra-estrutura urbana: iluminação pública, transporte de massa, escolas, hospitais, áreas de lazer e/ou culturais. Ao mesmo tempo, observam-se regiões consideradas nobres e mais centrais com altos índices de qualidade de vida e padrões econômicos equivalentes a outras cidades do primeiro mundo.

O espaço é fragmentado, formando “ilhas” de riqueza e de pobreza que convivem, muitas vezes, lado a lado. Por exemplo, no bairro do Morumbi encontram-se mansões e edifícios de altíssimo padrão onde muros os separam da imensa favela de Paraisópolis. A contradição está presente na forma e conteúdo do cotidiano da cidade, do urbano.

Reportando à construção de um espaço próprio para o desfile de parte das Escolas de Samba¹⁰⁵, percebe-se que fez parte de um planejamento estratégico que, analogicamente, seguiu esse predominante raciocínio urbanístico.

Buscou-se, primeiramente, racionalizar os gastos financeiros com a montagem e desmontagem de infra-estrutura necessária ao desfile, que a todo ano exigia do poder público a execução de licitações e contratações de serviços que não eram permanentes, tais como arquibancadas, iluminação, entre outras.

Porém, mais do que isso, a transferência do local dos desfiles carnavalescos atendia a um anseio de parcela da população que transitava na região Norte da cidade, para a qual a Avenida Tiradentes é importante eixo de acesso aos bairros daquela região.

¹⁰⁵ O número de Escolas de Samba que desfilaram no Sambódromo em 1991, no seu primeiro ano, foi em média de 51, tendo ocorrido também desfiles nos bairros da Lapa com a participação de 33 Escolas e Ipiranga também de 33, totalizando 117 agremiações. Na relação tempo/espaço o Sambódromo não abrigaria esse número de apresentações. A realidade atual não difere muito, considerando que o número de agremiações gira em torno de 90.

Trafegar por essa avenida durante os preparativos que antecediavam o Carnaval era motivo de transtornos, pois ficava parcialmente interditada, o que ocasionava morosidade no trânsito de veículos. Soma-se a isso o fato de que muitas agremiações carnavalescas, após o desfile, largavam os seus carros alegóricos nas vias públicas da região causando mais aborrecimentos à população e intermináveis discussões entre o poder público e as Escolas sobre a responsabilidade da retirada dos veículos. Percebe-se, assim, que o slogan ufanista do 4º centenário do aniversário da cidade “São Paulo não pode parar” está intrinsecamente imbuído no “espírito paulistano”.

A rua não dá mais lugar à festa. A montagem, na Avenida Tiradentes, das arquibancadas e equipamentos necessários ao desfile carnavalesco nos dias que o antecediavam¹⁰⁶, ao contrário daquilo que representa a festa, isto é, alegria e descontração, gerava impaciência e irritação aos que circulavam pela avenida durante esse período pré-carnavalesco.

A rua torna-se apenas lugar de passagem. De acordo com Carlos (1996:96):

(...) preso a inúmeras coações que se compõem de repetições mecânicas no trabalho e dias sempre iguais a rua acaba reduzindo-se à função de passagem, de ligação entre lugares.

Para essa população que da avenida se utilizava como passagem, os contornos do Carnaval (estruturas de arquibancadas e adornos decorativos) que iam se formando não representavam a construção da festa, mas sim o sinal de mais um obstáculo a ser vencido no trânsito da cidade.

Mas esse não era um sentimento partilhado para muitos daqueles que esperavam e participavam da festa. De acordo com Léia:

Sou um pouco saudosista, por exemplo, do tempo da Avenida Tiradentes. O Carnaval era popular, porque mesmo quando encerrava a linha demarcatória (final do desfile na área de dispersão), a bateria continuava e as pessoas continuavam desfilando e aí, mesmo quem não tinha acesso

¹⁰⁶ Em média a montagem das estruturas para o desfile durava 30 dias.

à arquibancada e o preço era popular, podia ver o desfile na corda, porque a Escola continuava desfilando mais ou menos uns 300 metros ainda. Então todo mundo vinha no oba-oba¹⁰⁷.

Em documento, relatando o balanço de realizações¹⁰⁸, produzido pela administração pública da época, lê-se, no espaço reservado à Anhembi, empresa municipal responsável pela construção e administração do Sambódromo, o seguinte texto:

O grande feito da Anhembi Turismo e Eventos da Cidade de São Paulo foi a construção do Sambódromo, retirando o carnaval paulistano da Avenida Tiradentes e levando os desfiles para uma pista própria, de 530 metros, no Parque Anhembi, atendeu a uma reivindicação de 25 anos de sambistas e foliões de São Paulo.

Não constam relatos escritos sobre essa reivindicação histórica (25 anos) dos sambistas paulistanos, mas, considerando que o Carnaval carioca já tinha o seu espaço próprio desde 1984, presume-se que houvesse o desejo das Escolas de Samba paulistanas de que a cidade de São Paulo também possuísse o seu Sambódromo. Aliás, nos últimos anos, outras cidades, entre elas, Manaus, Florianópolis, Porto Alegre, também construíram espaços próprios para os desfiles carnavalescos e outras manifestações culturais.

Vale destacar que, com as novas condições deste espaço físico, isto é, a ausência de fiação aérea, o alargamento e embelezamento¹⁰⁹ da passarela, entre outras inovações, as Escolas paulistanas foram levadas e motivadas a elevar a qualidade da plasticidade artística do desfile, inclusive na sua verticalização¹¹⁰.

Ao possibilitar melhores ângulos para o foco de imagens, houve um interesse maior pela transmissão televisiva ao vivo do desfile principal (Grupo Especial) gerando um compromisso contratual de exclusividade de transmissão com a Rede

¹⁰⁷ Léia em entrevista concedida no dia 10/04/2007.

¹⁰⁸ Relatório Final de Governo – 1989-1992 – Prefeitura do Município de São Paulo, publicação produzida pela Assessoria de Imprensa do Gabinete da Prefeita e distribuída gratuitamente para a população.

¹⁰⁹ A passarela é pintada e decorada nos dias que antecedem os desfiles.

¹¹⁰ A ausência de fiação elétrica aérea possibilitou o crescimento vertical dos carros alegóricos.

Globo de Televisão¹¹¹. Por essa exclusividade, as Escolas do Grupo Especial da Liga recebem uma quantia monetária que para o ano de 2007 foi de R\$ 130.000,00 por Escola¹¹².

Essa exclusividade de transmissão de imagem pode, muitas vezes, gerar conflitos de interesses comerciais e econômicos. O Sambódromo é um espaço público gerido por uma empresa municipal. Porém, a venda de patrocínio para o evento fica restrita aos interesses da rede de televisão e não do poder público, uma vez que, inclusive, este último não participa do acordo contratual estabelecido entre a Rede Globo de Televisão e a Liga Independente das Escolas de Samba.

Ganha a rede de televisão, ganham as Escolas de Samba, ainda que pelo informado pareça muito aquém dos ganhos da Rede Globo, mas o ônus financeiro da manutenção do espaço e da preparação do espetáculo cabe ao poder público, que não tem nenhum direito de comercialização durante o evento.

Porém, se o confinamento do espetáculo passa a ser determinante nesse processo de fragmentação da festa, não é fato que o Carnaval transforma-se em mercadoria apenas nesse momento. Antes, mesmo quando ocupava a Avenida Tiradentes, cobravam-se ingressos do público, ainda que com valor menor que o equivalente aos atuais. Estando o evento confinado entre arquibancadas e grades na concentração e dispersão, tinha-se o patrocínio das empresas interessadas em fazer publicidade no desfile.

Pode-se dizer que esse processo de comercialização do Carnaval vem se acentuando há anos, transformando parte dele no que se denomina a “Indústria do Carnaval” numa analogia ao que se refere Adorno e Horkheimer classificando como a “Indústria Cultural”¹¹³, onde o capital se apropria do fazer a arte para vender a arte aos espectadores/consumidores¹¹⁴.

¹¹¹ De acordo com informações de alguns componentes dessas Escolas esse contrato está em vigor até 2014.

¹¹² Essa informação foi fornecida por um diretor financeiro de uma dessas Escolas cuja identificação foi preservada pela pesquisadora.

¹¹³ Conceito desenvolvido por Theodor Adorno e Max Horkheimer na década de 1950.

¹¹⁴ Numa referência ao cinema e ao rádio Adorno e Horkheimer escrevem: “O cinema e o rádio se auto definem como indústrias, e as cifras publicadas dos rendimentos de seus diretores-gerais tiram qualquer dúvida sobre a necessidade social de seus produtos. Os interessados adoram explicar a indústria cultural em termos tecnológicos. A participação de milhões em tal indústria importava métodos de reprodução que, por seu turno, fazem com que inevitavelmente, em

Para a realização do desfile das Escolas de Samba, estima-se que em 2007 foram faturados 30 milhões de reais, envolvendo diretamente centenas de profissionais na confecção de fantasias, adereços, carros alegóricos e, também, indiretamente, na venda de materiais utilizados e na prestação de serviços que abrangem esse contexto, gerando em torno de 25 mil empregos e, ainda, atraindo 23 mil turistas¹¹⁵.

A promotora do evento é a Prefeitura do Município de São Paulo, representada pela empresa municipal São Paulo Turismo – SPTURIS que contrata as duas entidades representativas das Escolas de Samba/Blocos Carnavalescos para a realização do evento.

É por meio desse contrato que se repassa a verba de subvenção, da qual são destinados 65% para a LIGA e 35% para a UESP que distribuem esses recursos às suas associadas de acordo com o grupo a que pertencem, sendo os percentuais deste repasse determinados internamente pelas entidades. Quanto maior for o porte do grupo de Escolas associadas, mais verba será destinada a esse grupo. Isso porque se entende que as Escolas maiores gastam mais para a montagem de os seus desfiles, o que de fato ocorre, uma vez que elas congregam um número maior de alas e carros alegóricos que ostentam um grande luxo.

Além da subvenção, o valor arrecadado na venda de ingressos no Sambódromo é destinado às entidades LIGA e UESP, de acordo com a receita gerada no dia do desfile de suas associadas. Nos bairros onde são realizados os desfiles organizados pela UESP é feita a troca de alimentos por uma camiseta. Esses alimentos arrecadados, ao final do Carnaval, são distribuídos para entidades filantrópicas previamente cadastradas, constituindo-se dessa maneira no que a UESP denomina de “Carnaval Social”¹¹⁶.

numerosos locais, necessidades iguais sejam satisfeitas com produtos standardizados.” (2002:9) Essa discussão será mais extensamente aprofundada no capítulo 3, quando então se fará uma análise do espetáculo (concebido) *versus* festa (vivido).

¹¹⁵ Dados fornecidos pela São Paulo Turismo – SPTURIS – publicados na revista Sociologia, ano I, n. 4. SP:Ed. Escala, 2007, p.32

¹¹⁶ Interessante a argumentação da entidade lembrando que, em geral, as campanhas de arrecadação de alimentos se dão apenas em momentos de catástrofes e de comoção social, portanto, invertendo essa prática, porque não doar nos momentos de alegria, de festa.

Dentro da programação dos desfiles nos bairros, a UESP reserva um espaço para o que ela denomina de “Samba na Rua”, isto é, as pessoas vestidas com a camiseta recebida na troca de alimentos podem desfilar atrás das Escolas/Blocos¹¹⁷, formando o chamado “Bloco dos Sujos”, isso porque, mesmo não pertencendo à agremiação, participam, naquele momento, do desfile. De acordo com a entidade, essa é uma maneira encontrada para que a população em geral, mesmo não pertencendo a nenhuma agremiação, possa se divertir na passarela que foi preparada para os desfiles e assim se apropriar da festa.

Compreende-se, por meio da discussão até aqui apresentada, o processo que levou parte da festa carnavalesca paulistana a representar o que é hoje: um concurso entre entidades, patrocinado pelo poder público e privado, cada qual com o seu devido interesse.

Essa manifestação carnavalesca na sua construção e realização está intrinsecamente ligada ao uso do espaço. Mas como isso é passado pela mídia ao seu público? Como a festa é transformada em mercadoria por meio do espetáculo? E ainda, como essa festa, especialmente em São Paulo, sobrevive ao esquecimento parcial da mídia e do poder público durante o seu período de preparação?

¹¹⁷ As Escolas/Blocos que desfilam no “Samba na Rua” pertencem à região do desfile e, nesse dia, o desfile é aberto tanto às entidades associadas à UESP, quanto à Liga.

3. A espetacularização da folia e a alienação da festa

Samba,
Agoniza mas não morre,
Alguém sempre te socorre,
Antes do suspiro derradeiro.
Samba,
Negro forte, destemido,
Foi duramente perseguido,
Na esquina, no botequim, no terreiro.
Samba,
Inocente, pé-no-chão,
A fidalguia do salão,
Te abraçou, te envolveu,
Mudaram toda a sua estrutura,
Te impuseram outra cultura,
E você nem percebeu¹¹⁸.

Sambódromo Paulistano, sábado, 24 de fevereiro de 2006. As arquibancadas estão cheias, todos na expectativa de um lindo espetáculo.

A espera pelo início é grande. Afinal, a festa só pode começar depois que a emissora de televisão que transmite o evento, a Rede Globo, passar o capítulo da novela das oito, o Globo Repórter, o Big Brother Brasil, as intermináveis propagandas e então, às 23h15min, finalmente, o Carnaval de São Paulo começa. Por que o de São Paulo começa depois das 23 horas e o do Rio de Janeiro às 21 horas?

Na opinião da Léia, essas imposições de transmissão em São Paulo se deram porque os sambistas paulistanos não souberam se impor com a mídia.

Acho que o sambista foi um pouco ludibriado pela televisão até pela ilusão de estar na TV, de aparecer, então não tem uma imposição do sambista em São Paulo, ele tem muito medo do desfile dele não ser transmitido. E aí o Carnaval parece da Globo e não é isso, o Carnaval é preparado por nós, é nosso.(...) No Rio de Janeiro eles são mais organizados, talvez consigam se impor mais¹¹⁹.

¹¹⁸ Agoniza mas não morre – autoria de Nelson Sargento.

¹¹⁹ Léia em entrevista concedida no dia 10/04/2007.

Outra razão, talvez plausível, é que o Carnaval do Rio de Janeiro tenha maior importância comercial para a Rede Globo, tanto em audiência¹²⁰ quanto em venda comercial de anúncios e, portanto, o próprio espetáculo se imponha com relação ao horário, diferentemente de São Paulo cuja audiência possa ser menor.

Tem início o desfile e a primeira Escola a entrar na passarela é a Rosas de Ouro com as suas cores verde e rosa. A platéia se levanta para ver a Escola. No setor de arquibancada C, que por sinal é o único que tem um espaço vazio, uma ruidosa torcida se agita com bandeirolas da cor da escola e uma faixa saudando a sua passagem.

Os locutores da televisão estão a postos dentro do que se chama de “bolha”, que é uma cabine de vidro suspensa que fica estrategicamente em frente ao recuo da bateria. Observa-se que, apesar de estarem no local que possibilita uma visão privilegiada, eles estão de costas para a passarela e olhando o desfile por meio de monitores de televisão. Estranho, mas afinal eles têm que transmitir aquilo que é apresentado pela emissora e não necessariamente o que se pode ter como visão.

Próxima a desfilar, Nenê da Vila Matilde. Escola tradicional que guarda as suas raízes na Zona Leste da capital é muito respeitada e aguardada no desfile.

Mais uma vez a platéia se levanta e uma ruidosa torcida no setor C se agita com bandeirolas, agora com as cores azul e branco e uma faixa saudando a Escola.

E assim continua na próxima Escola e então se percebe que aquela torcida do setor C é um grupo de pessoas preparadas para torcer por todas as Escolas. Estrategicamente colocadas num ângulo especial da câmera da TV, são captadas imagens dessa torcida de uma maneira que, para o público que assiste à transmissão do desfile pela televisão, a sensação que fica é que há várias torcidas vibrantes preparadas para receberem as suas Escolas preferidas.

¹²⁰ Essa informação, apesar de ter sido pesquisada diretamente com o Instituto de Pesquisa Ibope que mede a audiência, não foi obtida, pois ela apenas é fornecida aos clientes do mesmo.

Pura ilusão, as pessoas são as mesmas, só mudam as bandeirolas e a faixa. Ou seja, é uma torcida preparada pela emissora de televisão para manter a imagem e idéia de que o espetáculo é permanentemente vibrante.

Para o espectador que está sentado diante da TV, é necessário mostrar alegria e vibração constante, pois, do contrário, mostrando o que de fato ocorre, isto é, momentos oscilantes de manifestação da platéia, ele pode simplesmente mudar de canal.

Do espetáculo mostra-se o que se quer, seleciona aquilo que interessa e, ainda, forja a realidade para gerar novas imagens.

De acordo com Debord:

A alienação do espectador em favor do objeto contemplado (o que resulta de sua própria atividade inconsciente) se expressa assim: quanto mais ele contempla, menos vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos compreende sua própria existência e seu próprio desejo. Em relação ao homem que age, a exterioridade do espetáculo aparece no fato de seus próprios gestos já não serem seus, mas de outro que os representa por ele. É por isso que o espectador não se sente em casa em lugar nenhum, pois o espetáculo está em toda parte. (DEBORD, 1997:24)

Na TV aparecem fogos a cada entrada de Escola, luzes nas arquibancadas, nome na arquibancada, tapetes coloridos, logotipo dos patrocinadores etc. Em algumas dessas imagens, pode ser perceptível a produção de efeitos especiais, em outras não, como os fogos de artifícios, por exemplo, mas aquilo que retrata a pseudo-realidade a distorce e ilude o espectador. O real, que nesse caso envolve fantasias e adereços deslumbrantes, não é o suficiente para manter o espectador enfeitado. É preciso ir além do próprio espetáculo para, dessa forma sim, apresentar-lhe o espetáculo.

De acordo com Chauí (2006), os meios de comunicação de massa, neste caso a televisão, na condição de transmissores do espetáculo, acabam produzindo um inexistente, o qual passa a ser o objeto transmitido:

Espetáculo e especulação possuem a mesma origem e estão ligados à idéia do conhecimento como operação do olhar e da linguagem. A cultura está impregnada de seu próprio espetáculo, do fazer ver e do deixar-se ver. A questão, portanto, não se coloca diretamente sobre os espetáculos, mas com o que sucede ao espetáculo quando capturado, produzido e enviado pelos meios de comunicação de massa. (...) É este, cremos, o ponto que merece atenção, isto é, a passagem do espetáculo ao simulacro, a nulificação do real e dos símbolos pelas imagens e pelos sons enviados ao espectador. (CHAUI, 2006:14-16)

Ainda de acordo com Léia:

A transmissão que eu vejo da Globo, ela não passa a realidade do dia-a-dia da Escola de Samba. Hoje e como sempre a Escola de Samba enfrenta dificuldades para trazer aquele carnaval na rua. Geralmente, ela é de origem humilde, na periferia e é uma luta muito grande prá você fazer a fantasia, fazer as alegorias e a exigência da televisão acaba não deixando o Carnaval uma festa popular. A exigência, principalmente do visual, acaba tendo um custo muito alto, muito caro pra Escola de Samba. Nos carros alegóricos, cada dia exige um visual, carros muito grandes um custo maior da realidade que a Escola tem. Nas fantasias também a mesma coisa, acaba tendo que ter um visual luxuoso e as pessoas de menor poder aquisitivo acabam abandonando, não conseguem desfilar.¹²¹

Se para alguns críticos, muito além de uma manifestação cultural, o Carnaval em si, com a apresentação de fantasias, alegorias e adereços muitas vezes luxuosos, é um processo alienante da realidade de pobreza, falta de recursos básicos para a vida, entre outras necessidades do País, para a mídia esse espetáculo não é o suficiente. É preciso acrescentar outros efeitos especiais tecnológicos ou não, buscar e focar a imagem em celebridades¹²² e beldades que

¹²¹ Léia, em entrevista concedida no dia 10/04/2007.

¹²² Aqui o termo está em concordância com o autor Neal Gabler em seu livro *Vida, o Filme* em que descreve que, na atualidade, celebridade “parece ser menos uma função daquilo que a pessoa faz do que da maneira como essa pessoa é percebida.” (GABLER, 1999:140). No nosso estudo podemos afirmar que celebridade é quem a Rede Globo elegeu, por interesses próprios, para sê-lo.

estão na passarela ou nos camarotes, enfim o espetáculo não pode parar, chega-se à exaustão de imagens, sons, fantasias, realidades forjadas e distorcidas.

A transmissão da TV usa de recursos que não é próprio da Escola. E na verdade, quem são os ídolos da Escola quem são os verdadeiros artistas da Escola a Globo acaba não mostrando. Como exemplo, eu pego o mestre de bateria, muitas vezes ele é uma pessoa semi-analfabeta e ele consegue orquestrar 300 a 500 ritmistas sem nunca ter freqüentado uma escola, uma universidade de música e ele consegue saber quem está fora do compasso, quem está errando, é um autodidata, mas ninguém valoriza esta pessoa. Aquela senhora que tem 50 anos de Escola de Samba e hoje está na ala das baianas, também a televisão não mostra e eles são uma celebridade na Escola. A rainha da bateria que teria que ser da comunidade, hoje é quase que imposta também pela televisão, tem que ser uma artista ou uma apresentadora que não é da comunidade¹²³.

O espetáculo-imagem ignora a vida que existe por trás daquilo que se transforma em espetáculo. A captação de imagens tem que ser imediata, perfeita, única e exclusiva, sem desdobramentos. A vida representa uma história, ocupa um espaço, gera conflitos. A realidade é transformada em pano de fundo como parte de um cenário que não tem memória.

De acordo com Guy Debord:

O espetáculo apresenta-se ao mesmo tempo como a própria sociedade, como uma parte da sociedade e como *instrumento de unificação*. Como parte da sociedade, ele é expressamente o setor que concentra todo olhar e toda consciência. Pelo fato desse setor estar *separado*, ele é o lugar do olhar iludido e da falsa consciência; a unificação que realiza é tão somente a linguagem oficial da separação generalizada. (DEBORD, 1997:14)

A Escola de Samba Mocidade Alegre do Bairro do Limão – São Paulo e a Beija-Flor de Nilópolis – Rio de Janeiro, campeãs de 2007 das respectivas cidades, têm pertencimento aos lugares de origem, trazem consigo uma comunidade que vivencia a realização do Carnaval durante o ano inteiro, mas para

¹²³ Leia, em entrevista concedida no dia 10/04/2007.

o espetáculo-imagem isto não tem importância. As poucas imagens da festa da vitória que são transmitidas limitam-se ao âmbito da quadra da Escola campeã. O lugar, onde é o bairro, qual o seu modo de vida, são ignorados. Até porque, a festa de vitória da Escola campeã representa o fim do espetáculo que, a partir de então, será lembrado pela mídia apenas no próximo ano.

A vida e o que ela representa não interessam à mídia. O espetáculo que é construído no tempo e no espaço fica desprendido daquilo que se apresenta como Carnaval pela televisão e imprensa escrita.

Mesmo em reportagens realizadas pelo canal de televisão transmissor do evento, a Rede Globo, no período do final de janeiro até as vésperas do Carnaval em fevereiro de 2007, as quais intitularam-se *Meu Bairro, Minha Escola*¹²⁴, detiveram-se a descrever muito superficialmente personagens ligadas às Escolas do que propriamente o lugar de pertencimento das mesmas. Apresentações muito rápidas, poucas cenas dos bairros, mostravam apenas uma imagem romanceada do lugar, remetendo o espectador ao antigamente:

No Tucuruvi, velho e novo, antigo e moderno convivem pacificamente. “Ele tem uma lojinha aí, é o alfaiate, é antigo. Um alfaiate antigo daqui. Ali era o pomar, onde eu moro era o capinzal” (...) conta um membro da velha-guarda da Tucuruvi.¹²⁵

Ou, ainda, às belas paisagens do bairro e à dissimulação do lugar onde fica a Escola:

Parque da Água Branca, zona oeste. Área verde, mas ali do lado, sob o viaduto Pompéia, é tudo azul e branco (...) “Depois de onze anos que a gente ensaiava na rua, a gente veio para cá na quadra desde 87. É debaixo de um viaduto, mas a partir do momento que você entra na quadra você não se sente debaixo do viaduto”, explicou Mestre Juca, mestre de bateria.¹²⁶

¹²⁴ Série de reportagens curtas apresentadas no jornal local SPTV transmitido pela Rede Globo. Foi ao ar no período antecedente ao Carnaval 2007 relacionava as Escolas de Samba do Grupo Especial e o seu local de origem.

Até mesmo quando a história de formação da Escola tenha sido motivada pelo protesto às condições precárias do lugar onde se vive, a televisão ignora esse fato. Como no caso da Imperador do Ipiranga, que ocupa os baixos de um viaduto e surgiu dos encontros entre moradores dos bairros Vila Carioca e Vila Independência que se reuniam em torno de um problema grave da localidade: as enchentes. Montaram um desfile de carnaval precário para chamar a atenção das autoridades e com tempo, embalados pela idéia, acabaram formando a Escola. Na reportagem isso é apresentado rapidamente, e não se menciona se o problema das enchentes foi solucionado e o encerramento é feito com o seguinte texto:

O olhar atento numa promessa de futuro que, muitas vezes demora, mas que até pode se tornar realidade. “Espero que a Imperador seja campeã, logicamente”, diz um morador.¹²⁷

A Império, no Carnaval 2007, ficou em último lugar e foi rebaixada para o Grupo de Acesso da LIGA.

Para a mídia, noticiar sobre as Escolas de Samba, no período próximo que antecede o Carnaval, representa a preparação para o “seu grande” espetáculo. A imprensa escrita faz exaustivas reportagens das “celebridades” que serão eleitas as rainhas da bateria, tais como “As musas do Carnaval carioca”¹²⁸ na qual se relatam as intrigas e trocas de Escolas entre atrizes famosas da televisão numa disputa que parece ser o mais importante¹²⁹ na formação da Escola. Ou, ainda, “As musas das quadras”¹³⁰ que relata com grande destaque a aparição de atrizes em quadras de Escolas para se divertirem e que “caem no samba”.

Também, como prestadora de serviços, a mídia impressa dá as “dicas” aos seus leitores a respeito dos públicos que freqüentam os ensaios das Escolas do

¹²⁵ Programa apresentado em 13/02/2007, sendo o texto extraído do site www.globo.com/sptv em 14/02/2007.

¹²⁶ Programa apresentado em 08/02/2007 e extraído do site www.globo.com/sptv em 14/02/2007.

¹²⁷ Programa apresentado em 09/02/2007 e extraído do site www.globo.com/sptv em 14/02/2007.

¹²⁸ Jornal da Tarde, Ed. 13313 – Caderno Variedades – 04/02/2007.

¹²⁹ Se a presença da rainha da bateria fosse tão importante na composição da Escola, certamente seria um quesito de julgamento e constaria no regulamento do concurso, o que não é real.

¹³⁰ Jornal Destak, Ed. 122 – manchete e página 12 – 09/01/2007.

Grupo Especial, por exemplo a reportagem do Jornal da Tarde¹³¹ que traz a manchete: “Ensaio da balada: os tradicionais ensaios das escolas de samba atraem jovens de classe média e viram uma divertida opção de balada”.

A reportagem se estrutura com opiniões de frequentadores que declaram os motivos de suas preferências: “Aqui tem um pessoal legal e bonito” referindo-se à Rosas de Ouro. Na sequência são apresentadas quatro fotos do ensaio na quadra da Escola nas quais se destacam predominantemente jovens brancos que aparentam bom poder aquisitivo. O preço do ingresso cobrado para assistir ao ensaio da Rosas era R\$10,00 (dez reais), o mais caro de todas as outras das Escolas do Grupo Especial, que cobravam de R\$2,00 (dois reais) a R\$5,00 (cinco reais) ou a entrada era franca.

Na mesma reportagem, referindo-se às outras Escolas, outro depoimento:

“Os desfiles se tornaram uma coisa muito luxuosa, as fantasias são caras. Nos ensaios as pessoas estão mais à vontade. É lá que realmente se pula o Carnaval”, opina o funcionário público Júlio Araújo que gosta de frequentar escolas mais tradicionais, como a Vai-Vai e a Camisa Verde e Branco. “Há algumas escolas, como a Rosas e a X-9, que recebem muita gente de fora. Gosto mais de ir a ensaios onde a presença da comunidade é mais forte. São mais autênticos.”

Na reportagem não aparecem fotos das duas Escolas (Vai-Vai e Camisa Verde e Branco) mencionadas e de preferência do depoente, mas por observações da pesquisadora *in loco*, anteriores e em várias ocasiões, sabe-se que nas duas a frequência de público, predominantemente, é de negros e com uma mescla de idades (crianças, jovens e adultos).

Dessa forma, o jornal presta a informação para o leitor, o qual dependendo do seu perfil (etnia, renda, idade) identificará em qual dos ambientes poderá se sentir mais à vontade.

Léia comenta esse processo de exclusão que tem ocorrido em algumas Escolas:

¹³¹ Jornal da Tarde – Caderno Variedades – página 1C – 19/01/2007.

Numa Escola de Samba você convive com todo o tipo de gente, você tem criança, velho, adolescente, tem barrigudo, magricela, você tem de tudo (...) é delegado com infrator do lado, aidético junto com o médico, eu não conheço lugar que possa ser tão democrático. Essa é a essência do samba. E convive pacificamente. Algumas Escolas selecionam as pessoas e aí você já não tem mais uma comunidade do samba, você tem pessoas de um outro tipo de segmento. Começa um processo de exclusão, até mesmo a condição da quadra, isso quando ela tem uma, ela tem que continuar sendo Escola de Samba. Se você começa com muito requinte numa quadra, já é uma exclusão natural, aí você já pensa, mas eu vou naquela quadra, aí eu não tenho um sapato legal, uma roupa legal, então começa a exclusão. Aí também o preço, o ensaio a R\$ 20,00 também as pessoas não têm para pagar, vai comprar um refrigerante é R\$ 3,00, aí começa a sair as pessoas menos abastadas e vai ficando as de classe média para cima, quem pode pagar.¹³²

Nesse mesmo período, com relação ao Carnaval presente na periferia, desenvolvido e realizado pelas dezenas de pequenas Escolas e Blocos que lá estão, como é o caso do Valença, qual a postura da mídia?

Nenhuma, a mídia ignora essa parte do Carnaval. Para a mesma ele não corresponde aos requisitos indispensáveis do espetáculo-imagem: luxo, comercialização de cotas de patrocínio, apresentação das eleitas “celebridades”, enfim aqueles elementos necessários à formação do seu produto-fantasia, da sua realidade criada e efêmera, que ilude o espectador e morador da cidade a ponto de ele mesmo ignorar a existência de outro Carnaval senão o divulgado pela mídia.

Mas não é apenas esse Carnaval na periferia que é ignorado pela mídia tida como formadora de opinião. A vida é ignorada. As condições em que ela se dá e a falta de tudo: saúde, saneamento básico, educação, cultura, lazer, segurança e o mínimo necessário para que a vida seja digna.

A vida em Perus, assim como no restante da periferia da cidade, os seus habitantes, seus problemas e soluções são ignorados e inexistentes para a mídia, lembrada, excepcionalmente, no noticiário dedicado à violência, isto é, as chacinas, latrocínios, homicídios.

¹³² Leia, em entrevista concedida no dia 10/04/2007.

Observando-se os telejornais sensacionalistas, a impressão que se tem é de que todos participam do programa onde o estúdio é a Grande São Paulo, palco dos acontecimentos. A conjugação entre a violência comunicativamente consumida se funde muitas vezes em um único bloco quase sem contradições. A violência consumida através do telejornal faz parte e ao mesmo tempo é alimentada pela violência real que ronda as nossas cidades. (PATIAS, 2006:94)

Cria-se e vende-se a imagem de que nesse imenso território ocupado, em sua maioria, por uma população de baixa renda tem o direito apenas a lutar pela sobrevivência e, conseqüentemente, num ambiente de violência, onde o mais forte se sobrepõe ao mais fraco por meio da ameaça constante à vida, formando-se um palco para a “guerra urbana¹³³”. Não produz arte, cultura e, portanto, não dá importância a isso.

Distancia o que se vê do que se vive, como se vendo apenas na tela da televisão ou nos jornais escritos pudesse se salvaguardar das misérias e da própria responsabilidade e envolvimento com a realidade. O tempo e espaço vivido é deslocado do percebido, iludindo que o real é apenas o que se vê em imagens e notícias.

A partir do que é proporcionado pela mídia, o fazer a arte, a festa, é produzida apenas por aqueles que podem conquistar o desfrute de uma parcela de privilegiados que queiram pagar por isso, no caso, as grandes Escolas. Essas, por sua vez, também são esquecidas pela mídia, celebridades, baladeiros, modismos, e pela sociedade em geral, retornando ao palco apenas para o próximo espetáculo. O espetáculo em si parece uma ilusão que sobrevive a ele mesmo.

Se por um lado possa ser compreensível que a lógica comercial da televisão não se interesse pelos preparativos do Carnaval durante o ano todo, afinal ela busca novas e constantes emoções para o seu telespectador, por outro, causa estranheza que o poder público também não dê atenção.

De acordo com Léia não existe interesse por parte do poder público nas Escolas de Samba e no Carnaval:

As Escolas de Samba aqui em São Paulo não têm uma política voltada para elas, nós não estamos inseridos dentro da cultura dessa cidade. Não sei como eles tratam, se tratam como turismo, também não estamos inseridos no turismo, na cultura, também não estamos inseridos na política cultural dessa cidade. Então elas sobrevivem ao Deus dará, o único recurso que elas têm quando tem algum problema na sua região, porque parece que não, mas ainda são perseguidas, tem a Lei do Psiu¹³⁴ que acaba sendo um problema, elas estão na rua, fazem barulho, muitas vezes os vizinhos reclamam. Então elas trazem aqui para a UESP, aí a gente tenta junto com algum Órgão Público ou político para ajudar¹³⁵.

Mas a vida ocupa e faz uso do espaço. Ela está presente dia após dia nas comunidades carnavalescas. Está no recolhimento do que sobrou das fantasias e alegorias, na procura, muitas vezes, de um espaço para guardá-las, nas reuniões que irão definir qual o enredo do próximo ano, na escolha do samba-enredo, da rainha da bateria, nos ensaios, nas festas que serão promovidas, nas “trocas de idéias”.

Ter ou não um espaço de pertencimento implica na diferença de como se organiza e dinamiza a entidade. Se ela tem uma quadra, não importa se debaixo de um viaduto ou se num galpão, a possibilidade da comunidade se organizar e viabilizar melhor as suas realizações (as festas, os trabalhos, as trocas) é maior. Se não tiver esse espaço, a rua (para os ensaios) e as casas (para os trabalhos) dos membros da escola serão o seu espaço de pertencimento. E haverá sempre nas duas situações o conflito e a aceitação da comunidade de pertencimento.

Mas não é o que ocorre no restante do ano, como relata Léia:

Somos contratados pela prefeitura para fazer o Carnaval e depois passa o resto do ano ao Deus dará. Depois a gente mesmo sofre um processo de exclusão porque não tem onde guardar a alegoria, é ameaça de cortar a alegoria (por parte da prefeitura), toda hora a

¹³³ Essa expressão é comum nos noticiários da televisão.

¹³⁴ Lei Municipal nº 8106/1974 que dispõe sobre sons urbanos, fixa níveis e horários em que será permitida a sua emissão nas diferentes zonas de uso e atividades, e dá outras providências.

¹³⁵ Léia, em entrevista concedida no dia 10/04/2007.

Lei do Psiu dando multa. Mas como é que se faz o preparativo? A Escola de Samba depende do canto, da dança pra poder fazer um bom desfile, pra fazer o espetáculo acontecer, só que não pode ensaiar, não pode cantar e não tem o espaço físico também. É essa luta que a gente vem tendo há anos pra que se tenha um espaço físico, mesmo que seja (o governo) rigoroso nos critérios de cessão do espaço, mas que se contemplem as Escolas de Samba¹³⁶.

Mas a festa carnavalesca está presente, especialmente, na periferia e, como parte da vida, resiste trazendo consigo as suas alegrias, contradições, conflitos e conquistas.

O Valença em Perus, como já relatado, apropriou-se de um espaço público que pode, a qualquer momento, ser alvo de retomada do poder público. Um pedaço de sua história e do empenho de parte da comunidade da localidade foi construído naquele espaço, que fica sob o viaduto. O uso do espaço lhes propiciou a construção de uma sede na qual se assumiu responsabilidade de guarda dos seus pertences¹³⁷, a possibilidade de sociabilização entre os freqüentadores, um local com endereço para ser indicado e achado, um lugar que oferece a oportunidade de se fazer e ver ser feita a arte por qualquer um que queira participar.

De acordo com Damiani:

A realidade ordinária, cotidiana, que nasce no lugar e o constitui, feita de fatos e situações, que mantém a vida, pode e é o que torna a cotidianidade um tema a se examinar, compreendendo “o extraordinário no ordinário”, o “sentido do insignificante”.(DAMIANI, 2002:164)

Essa vida dentro das Escolas, esse cotidiano de atribuições do dia-a-dia que envolvem o preparo para o Carnaval e relações que dele sucedem não são vistos ou propagados pela mídia em geral, seja das grandes quanto das pequenas Escolas.

¹³⁶ Leia, em entrevista concedida no dia 10/04/2007.

¹³⁷ Nesse caso refere-se aos instrumentos musicais, materiais de confecção de alegorias e fantasias estocados, assim como elas próprias restantes do Carnaval passado.

Para a comunidade envolvida com a Escola, esse cotidiano está presente nas festas que são promovidas, nos trabalhos, sejam eles carnavalescos, de entretenimento ou de ação social, e no pertencimento ao lugar em que ele se dá. O lugar, o bairro, as ruas em que está presente passa a ser representada na vida da entidade, nas suas formas e conteúdos. “O cotidiano, como conjunto de atividades e relações, efetua-se num espaço e num tempo sociais: o lugar e suas temporalidades”. (DAMIANI, 2002:168)

O espaço é conquistado pela vontade de lutar pela festa, seja onde for conforme relata Leia:

Na verdade, não chega a 15% das entidades filiadas a UESP que têm espaço físico pra ensaio ou pra fazer algum evento. A maioria não, ensaia na rua, às vezes, em algum espaço alugado quando consegue sustentar esse espaço. Às vezes, ensaiam numa praça, ou terreno baldio, mas a maioria é na rua mesmo¹³⁸.

Carlos também define o lugar como:

O lugar se refere de forma indissociável ao vivido, ao plano do imediato. E é o que pode ser apropriado pelo corpo. (...) O lugar é o mundo do vivido, é onde se formulam os problemas da produção no sentido amplo, isto é, o modo como é produzida a existência social dos seres humanos. (CARLOS, 1996: 23;26)

Outra definição do lugar de acordo com Silva:

O lugar manifesta-se como área, região, território. Estes, são uma expressão do lugar. O espaço geográfico considerado por este caminho categorial não pode ser considerado isoladamente da população, quer se trate do homem-habitante, quer do homem-produtor. Essa população percebe e toma consciência do espaço em que vive e trabalha. Por isso a importância das relações: o lugar determina as relações e estas o lugar. (SILVA, 1988:7)

¹³⁸ Leia, em entrevista concedida no dia 10/04/2007.

Ainda que o lugar não seja o tema principal dos enredos desenvolvidos, ele aparece representado no próprio nome, Valença Perus, inserido nos versos:

O Valença vem sacudir geral
Vai noite todo nesse alto astral
Só pra ter a glória de contar a história
Do meu carnaval!¹³⁹

Ou, ainda, projetando-o na cidade:

Vem São Paulo
Abre alas Jorge Amado vai passar
É o Valença na avenida
Prestigiando a cultura popular.¹⁴⁰

O sentimento de pertencimento da entidade se fundamenta no espaço, daí a sua vitalidade, e na identidade do lugar a que pertence. O uso do espaço que foi apropriado, ainda que sem o consentimento formal do poder público, reforça o sentimento coletivo de conquista e define uma trajetória de grupo social. De acordo com Carlos:

O sentimento da constituição do lugar é essencialmente coletivo: para Roncayolo¹⁴¹ é definido pela forte ligação com um local particular, é uma relação entre os homens derivada da prática e constituindo uma referência para os indivíduos. Assim os lugares enquanto áreas definidas da metrópole podem ser analisados enquanto espaço material onde se inscrevem os atos de gerações e onde o processo de apropriação aparece como condição necessária à vida que se realiza no e através do uso. Mas o uso não é um simples ato de consumo, ele coloca acento sobre as relações entre as pessoas com o espaço no plano do imediato, no nível das relações de vizinhança, na construção de uma identidade concreta. (CARLOS, 1996:69)

¹³⁹ Samba enredo de 2006: Vossa Majestade o Carnaval – autores: Mascate; Vadô Milhan; Osmar; Beto.

¹⁴⁰ Samba enredo de 2005: Amado Jorge e suas quatro mulheres – autores: Eduardo; Edmilson; André Luis.

¹⁴¹ Nota do autor: Marcel Roncayolo, *La ville et ses territoires*. Paris: Folio Essais.

Essa representação do lugar de origem e estabelecimento é muito comum nas Escolas e, muitas vezes, faz parte do nome próprio, como por exemplo, a Nenê da Vila Matilde, Unidos de São Miguel, Unidos da Vila Maria, nomes de bairros da cidade de São Paulo.

Acho que isso vem do nascedouro. É assim, muitos bairros que tem aí, a única referência que o bairro tem é a Escola de Samba, porque não tem mais nada além dela. Eu acho que quando se grita o nome do bairro do tipo “alô comunidade da Vila alguma coisa” (exemplo) gratifica o componente e o presidente que fundou aquela Escola naquele bairro, porque você nunca ouve falar daquele lugar, o muito que aparece no jornal é pra falar de violência. Por exemplo, pra comunidade da Nenê, a Vila Matilde é tudo, é um saudosismo da velha guarda, da vida. O Largo do Peixe tem até hoje e eu lembro quando era criança vi muitas vezes o pessoal da Escola jogar tiririca naquele largo. Na Vila Matilde acho que de cinco moradores, quatro são Nenê. Mesmo aqueles que moraram e mudaram lá pras Cohab de Tiradentes, continuam na Escola e se sentem da Vila Matilde¹⁴².

No samba enredo de 2007, a Nenê da Vila Matilde reforça claramente essa representatividade e a sua tradição:

Alô! Alô! Vila Matilde vai passar
Radiante de alegria lá vou eu
Nesta festa popular
São 70 anos de tradição no ar
Competência que ninguém pode duvidar
Se cheguei aqui foi por merecer...

Mas se para os integrantes, no estudo de caso, o Valença tem um papel na representação social do lugar, para alguns moradores representa o conflito, o ilegal, o fora da ordem. Num depoimento colhido junto a uma moradora é expressa a rejeição:

Eu não gosto da Escola, pois todos nós sabemos que é ponto de drogas. O barulho incomoda a todos, mas principalmente aos vizinhos. O Valença é conhecido na região pela invasão da área

¹⁴² Leia, em entrevista concedida em 10/04/2007.

pública, pelo barulho, pelas drogas, pelas brigas, mas não pelo trabalho social que eles dizem que fazem no local. O desfile que eles realizam na Av. Dr. Silvio de Campos, na minha opinião, só serve para juntar um bando de gente que fica fazendo xixi na porta dos comércios, pois tem uma "meia dúzia de pessoas" que passam desfilando, com quase nada das fantasias e um carro alegórico desfalcado, juntando muita gente na Avenida para fazer algazarra, porque desfile mesmo, não tem.¹⁴³

A opinião da moradora contradiz com o que foi observado durante o período de observação de campo, mas esse é o seu olhar para a entidade. A vida carrega em si a contradição.

Esses conflitos também se refletem, muitas vezes, na forma de apropriação do espaço e a sua representação para o lugar. Se, por um lado, assim como a presença do Valença incomoda muitos moradores daquele lugar, também a presença de novos moradores em bairros formados, em sua maioria, por loteamentos irregulares, tais como o Recanto dos Humildes e Recanto do Paraíso, provoca incômodos para uma parcela da população local.

Em entrevista com uma moradora, questionada de como eram as relações entre os moradores, sua resposta foi a seguinte:

É uma relação de cidadezinha do interior. Todos se conhecem, são amigos, mas não gostam muito dos "intrusos" (como por exemplo, não gostam muito dos moradores do Recanto dos Humildes e Recanto do Paraíso). Os moradores de lá são considerados intrusos, principalmente, pela classe social.¹⁴⁴

A classe social a que essa moradora se refere é a de baixa renda e, portanto, a ocupação de loteamentos e construções irregulares que propicia uma vida precária e de constante ameaça, seja proveniente da própria luta pela sobrevivência (emprego, educação, saúde), ou por parte do poder público, o qual, pela legislação municipal vigente que dispõe sobre o uso e ocupação do solo, não deve permitir que isso aconteça, e se tal fato ocorre, deve promover a

¹⁴³ Entrevista com moradora próxima à quadra do Valença feita em 02/03/2007. A identidade foi preservada pela pesquisadora.

desapropriação das áreas invadidas, ou ainda, pelos próprios riscos da natureza (chuvas, deslizamento por acomodação de solo, córregos poluídos etc.).

Perus, como se viu relatado em capítulo anterior, tem um histórico de formação que contempla três etapas: a primeira marcada pela presença de imigrantes; a segunda caracterizada pela vinda de operários em busca de trabalho propiciado pela presença da Fábrica de Cimento; por último, com a ausência de oferta de trabalho, a transformação em bairro-dormitório.

Evidentemente, essas etapas não apresentam um quadro estanque, e sim um processo de vida e transformação. O lugar guarda resíduos de todo o processo. Cada morador, pela sua própria história, tem para si um sentido do espaço vivido, porém a percepção de cada um não tem, necessariamente, a comunhão de todos.

Para os componentes do Valença, a Escola tem representatividade no/do lugar, o que não é compartilhado por aqueles moradores que não apreciam a entidade carnavalesca.

Massey faz um relato pessoal que exemplifica essas diferenças no sentido/sentimento do lugar:

Kilburn¹⁴⁵ é um lugar pelo qual tenho muita afeição; há muitos anos que moro por lá. Essa cidade certamente tem uma “característica própria”. Mas é possível sentir tudo isso sem aderir a noções estáticas ou defensivas – e nesse sentido reacionárias – do “lugar”, a que me referi acima. Primeiramente, embora Kilburn possa ter uma característica própria, não se trata absolutamente de uma identidade coesa, coerente, de um sentido particular do lugar, partilhado por todos. Nada poderia ser mais diferente disso. O itinerário das pessoas pelo lugar, seus refúgios favoritos e as conexões que realizam (fisicamente, pelo telefone, pelo correio ou na memória e na imaginação) entre esse lugar e o resto do mundo variam muito. Se se reconhece que as pessoas têm identidades múltiplas, pode-se dizer a mesma coisa dos lugares. Ademais, essas identidades múltiplas podem ser uma fonte de riqueza ou de conflitos, ou de ambas. (MASSEY, 2000:183)

¹⁴⁴ Entrevista feita por e-mail em 02/03/2007. A identidade da entrevistada foi preservada por iniciativa da pesquisadora.

¹⁴⁵ Kilburn é um bairro de Londres – Inglaterra.

Assim como uma das moradoras entrevistadas que mora em Perus praticamente a vida toda, muitos componentes do Valença nasceram lá e moram até hoje. O sentimento de pertencer ao lugar, do reconhecimento do mesmo como parte importante de suas vidas, se assemelha, mas guarda em si a história de cada um. Porém, o que dá sentido ao lugar não são as histórias em particular, mas o conjunto dessas relações de coerência e de conflito.

Sobre esse aspecto, Massey afirma:

(...) o que dá a um lugar a sua especificidade não é uma história longa e internalizada, mas o fato de que ele se constrói a partir de uma constelação particular de relações sociais, que se encontram e se entrelaçam num *locus* particular. Se você voltar do satélite para o globo, retendo todas essas redes de relações sócias, de movimentos e comunicações na mente, então, cada lugar pode ser visto como um ponto particular, único, dessa interseção. Trata-se, na verdade, de um lugar de *encontro*. Assim, em vez de pensar os lugares como áreas com fronteiras ao redor, pode-se imaginá-los como momentos articulados em redes de relações e entendimentos sociais, mas onde uma grande proporção dessas relações, experiências e entendimentos sociais se constroem numa escala muito maior do que costumávamos definir para esse momento como o lugar em si, seja uma rua, uma região ou um continente. (MASSEY, 2000:184)

Dessa forma, no espaço que é essencial para a vida se formatam os seus conteúdos e os seus sentidos na apropriação e uso que se faz do mesmo. Para os componentes e freqüentadores do Valença, aquele espaço é o lugar do encontro, da festa, da troca. Para outros, é apenas um espaço invadido e que representa ilegalidade e incômodo.

Se para muitos o Carnaval representa apenas a imagem da folia e, muitas vezes, do ilícito¹⁴⁶, para outros ele representa a possibilidade da troca, do aprendizado, da alegria, da luta, enfim do cotidiano que está profundamente intrincado ao lugar, ao espaço vivido.

¹⁴⁶ Além da comentada ligação de algumas entidades carnavalescas do Rio de Janeiro com o jogo do bicho, e mais recentemente com as chamadas máquinas caça-níqueis, refere-se aqui também à idéia de que o ambiente carnavalesco é, especialmente, freqüentado por traficantes de drogas, malandros, prostitutas etc.

Quando a Escola sai em seu desfile pela passarela (Sambódromo ou a rua) cantando o enredo do ano, na busca pela vitória, está representando para muitos componentes essa vida invisível às lentes da mídia e aos olhos dos habitantes de uma cidade fragmentada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou compreender alguns aspectos do processo de urbanização e o uso do espaço, em especial na periferia da cidade de São Paulo, mediado pela construção do Carnaval.

Por meio da pesquisa bibliográfica e da observação em campo, e ainda, pela própria convivência com aqueles que produzem o Carnaval, pode-se comprovar as hipóteses iniciais levantadas, isto é, a formação e organização das Escolas de Samba na periferia partem de iniciativas voluntárias de determinados grupos na comunidade em que se encontram e é lá que fixam as suas raízes. O espaço ocupado pode ser tanto os baixos de um viaduto, como é o caso do Valença - Escola referência para o estudo de caso apresentado - como pode ser a própria rua transformada em palco, quadra, oficina de alegoria etc. que, de acordo com a presidente da UESP, é a condição da maioria dos grupos carnavalescos.

A situação de grande precariedade favorece a solidariedade entre aqueles que freqüentam esses agrupamentos e forma uma rede de voluntários que se empenham para que a Escola seja montada e desfile no Carnaval. Para que isso aconteça, os esforços do grupo são quase que ilimitados, como foi descrito na observação de campo, tudo pelo desejo de concretizar a festa e participar do concurso com a finalidade de ser o campeão.

Os resultados desses esforços, por fim, são cooptados e transformados em mais uma possibilidade de comercialização ou de uso político. No primeiro caso, em especial as grandes Escolas nas quais as relações internas são mais profissionalizadas, mas ainda assim tem grande necessidade de sua comunidade de origem na sua formação. O espetáculo é transformado pela mídia numa mercadoria de entretenimento que acrescenta elementos irreais para, então sim, coroar a sua “colaboração” com o Carnaval.

No caso das pequenas Escolas que desfilam pelas ruas da cidade transformadas em passarelas para aquele fim, também acabam sendo cooptadas pelo poder público que, naquele momento, passa a oferecer lazer e

entretenimento para a população presente no desfile. Ainda que o mesmo contribua com verba para as Escolas, não colabora para que essas se organizem adequadamente, como pôde ser constatado através dos depoimentos colhidos.

Podemos aqui fazer uma analogia com o conceito de Marx a respeito da alienação a qual o trabalhador está sujeito, pois não negociando a força de seu trabalho, não sabe que consente em ser expropriado de parte de seu tempo de trabalho na geração do lucro capitalista. Apropriando-se desse conceito, observa-se que àqueles que são os criadores e artistas do Carnaval, festa presente no imaginário de boa parte da sociedade, distribui-se uma irrisória fatia do que se lucra com o espetáculo, mantendo-os à sua própria sorte durante o processo de organização da Escola, ou seja, a maioria sem espaço para se organizar ou, quando foi possível conquistá-lo, sofrem ameaças constantes de retomada do mesmo.

Isto posto, chegou-se a uma nova questão que não foi apontada no início do estudo, mas que nos parece bastante apropriada: Por que o poder público, ele próprio gerador de espaços improdutivos como os baixos de viadutos, não possibilita a ocupação dessas áreas, por meio de concessão do espaço para fins de uso social, aos inúmeros grupos que produzem cultura e lazer e lutam por um espaço para desenvolverem as suas atividades? Essa questão se coloca não apenas às entidades carnavalescas, mas a todos da comunidade que possam desenvolver atividades voltadas a ela sem a intenção de exploração comercial ou de privatizar aquele espaço.

A questão levantada diz respeito a esse tipo de situação, a qual poderia ser realizada não de uma forma isolada e dependente de projetos e interesses de um subprefeito, mas de maneira organizada e dentro de uma política de ocupação social do espaço. Não se quer aqui, evidentemente, sugerir que se faça como no passado quando da cessão por parte do poder público de espaços, especialmente das várzeas, aos clubes esportivos os quais se transformaram em verdadeiras estruturas comerciais, o que já se comentou neste trabalho anteriormente.

O princípio é o uso social do espaço improdutivo com normas e regras que permitam isso sem o abuso e distorção daquilo que é de direito público e não

privado que privilegia a exploração comercial e a acumulação do capital. Não nos parece que seja tão difícil criar regras e critérios para essa ação sem prejuízo à comunidade.

O que chama a atenção e nos remete a uma nova questão é por que iniciativas como a descrita anteriormente no capítulo 1, neste caso, especialmente ligada ao esporte, ganham muito facilmente a simpatia da mídia, do poder público e da opinião pública, sendo que a mesma situação provoca, muitas vezes, aversão e ameaça, especialmente do poder público, quando a ocupação é feita por uma Escola de Samba?

Não estará o imaginário desses representantes imbuído de preconceitos no qual o Carnaval, uma das maiores festas populares do Brasil, representa o proibido, a libertinagem, a transgressão que muitos desejam, mas que ocultam em si durante os trezentos e sessenta e um dias do ano para extravasar nos dias de Momo?

Ainda se acrescenta mais uma questão: será que se essa manifestação carnavalesca em São Paulo e em boa parte do território nacional fosse produzida por uma maioria branca, sofreria a mesma repressão que sofre a maioria negra que é quem produz a festa?

Deve ser considerado ainda, que na cidade de São Paulo, com algumas poucas exceções, a grande maioria das Escolas de Samba estão localizadas na periferia, a qual concentra a maior parte da população negra paulistana.

A pesquisadora Maria Nilza da Silva mapeou o município de São Paulo baseada no Censo de 2000 da Fundação IBGE, apontando que as maiores concentrações de negros estão nas extremidades, isto é, a partir das áreas centrais e consideradas mais nobres, a população negra centrífuga em direção aos extremos¹⁴⁷.

Questões étnicas não foram o foco desta pesquisa, mas não se pode desconsiderar que elas estejam presentes na forma como se deu a ocupação do espaço na cidade de São Paulo e na expressão e tradição cultural que se enraizou

¹⁴⁷ Território e raça: Fronteiras urbanas numa metrópole brasileira.

nos diversos bairros e, posteriormente, também na periferia que se formou com a expansão da metrópole.

Não se quer dar uma abordagem leviana sobre essas questões colocadas, mas pretende-se que elas possam ser aprofundadas em outra pesquisa. Porém faz-se necessário alertar que o conflito de interesses está presente, ainda que muitas vezes dissimulado, o qual foi apontado em diversas oportunidades desse estudo.

Outra reflexão que se pode trazer para essas considerações finais é quanto ao gerenciamento do Carnaval paulistano por parte do poder público. Ainda que, a princípio essa não seria uma preocupação da geografia, passa a ser quando se percebe que o que poderia ser núcleos de preservação e de produção cultural nos locais onde as Escolas de Samba estão presentes, perde a sua potencialidade por não haver uma política cultural que os fomentem.

Diferentemente do que ocorre em cidades como o Rio de Janeiro, Salvador e Recife que, acrescidas de atributos naturais como, por exemplo, a praia e o mar, atraem ao evento carnavalesco grandes fluxos de turistas nacionais e internacionais¹⁴⁸, em São Paulo, o Carnaval, ainda que sob o gerenciamento do órgão municipal de turismo, não corresponde aos objetivos como expressivo atrativo turístico¹⁴⁹.

Ao nosso entender, isso pode ser uma das razões pela qual o poder público municipal paulistano não crie uma política voltada às Escolas de Samba, crítica presente no depoimento da presidente da UESP. Esse modelo de gestão, como citado no capítulo 2, já data da época de 1967 quando o poder público impôs a condição de que as entidades estivessem organizadas em torno de uma associação para receberem subsídios financeiros. Para que isso ocorresse rapidamente, foi copiado o modelo organizacional e gerencial do Carnaval carioca.

¹⁴⁸ Em consulta feita no período de maio de 2007 à RIOTUR - órgão responsável pelo turismo e gerenciamento do Carnaval no Rio de Janeiro a informação obtida é de que nesse ano de 2007 não foi realizada pesquisa quantitativa sobre o receptivo de turistas para o Carnaval. Os dados de que a empresa dispunha são referentes ao movimento turístico do verão 2007 que registrou um aumento, aproximadamente, de 2% comparando ao verão passado, o que resultou em cerca de 2 milhões e quinhentos mil turistas.

Não se pretende dizer que o Carnaval de São Paulo seja inferior a esse ou aquele, mas sim que ele cumpre um papel diferenciado das outras cidades citadas, pelas próprias características que a cidade de São Paulo tem com relação ao turismo receptivo, o qual está muito mais focado em negócios e em eventos comerciais.

Dessa forma, a sugestão é de que se a Secretaria de Cultura da cidade passasse a gerenciar, no papel do poder público, as atividades carnavalescas, poder-se-ia vislumbrar uma mudança no interesse pelas atividades das Escolas, não excluindo a integração com o órgão de turismo para a realização do evento em si. Compreende-se que, havendo a possibilidade de cessão de espaços ociosos, tais como os sugeridos anteriormente, as Escolas de Samba poderiam ser verdadeiras oficinas de arte e cultura para os vários públicos, como dito em depoimentos, de crianças, jovens, adultos e idosos. Ali seria possível trabalhar com música, artesanato, pintura, escultura, tudo aliado aos diversos monitores de que a própria Secretaria de Cultura dispõe ou ainda com os “mestres” em geral autodidatas que as próprias Escolas formam.

Essas sugestões, ainda que não plenamente desenvolvidas no trabalho que se apresentou, não puderam deixar de serem expostas, uma vez que, reconhecendo as carências e os desejos de ter uma vida melhor e mais feliz, presentes na periferia de São Paulo, buscou-se apresentar pequenas propostas e idéias como resultado de uma longa reflexão.

Tanto a vida quanto a festa, que integra a própria vida, ocupam espaço e dele extraem a sua continuidade e esperança de conquistas, assim como o direito à cidade.

¹⁴⁹ De acordo com informações divulgadas durante o período do carnaval no site da Prefeitura de São Paulo, a previsão para 2007 era de receber no Sambódromo 27.000 pessoas de fora da capital.

GLOSSÁRIO CARNAVALESCO

A montagem de uma Escola de Samba que participa dos desfiles carnavalescos, tem uma terminologia própria, relativa às atividades e aos elementos pertencentes à sua organização. Alguns desses termos são:

Alas: São os agrupamentos dos componentes, que divididos em Blocos (alas) representam a evolução do enredo, caracterizados com um mesmo tipo de fantasia. Cada ala tem um chefe, que faz parte do grupo de pessoas responsáveis pela harmonia do desfile.

Ala das Baianas: Na tradição carioca, as baianas, mulheres com trajes típicos da Bahia, estavam presentes nos cortejos das festas religiosas dos tempos de colônia muito antes de estarem nos desfiles carnavalescos. Nos anos de 1920, no Rio de Janeiro, essas figuras eram homens trajados tipicamente de baianas que ficavam espalhados nas laterais da Escola de samba, armados de canivetes para proteger a Escola dos rivais. Aos poucos, foram substituídos por cordas e as baianas tornaram-se uma ala. (RIOTUR, 1991:337).

O traje das baianas não precisa seguir o tema do enredo, apenas as cores é que devem respeitar as da Escola de Samba. Em São Paulo, as baianas foram inseridas bem depois, já quando foram introduzidos os regulamentos, no final dos anos 60, exceção feita à Escola de Samba Lavapés, considerada uma das primeiras Escolas que tradicionalmente desfilava com uma ala de baianas e cujos componentes eram provenientes do Bloco das “Baianas Teimosas” (1933/34). (MORAIS, 1978:82).

Hoje, na cidade de São Paulo, a obrigatoriedade da presença da ala das baianas depende do regulamento do concurso.

Alegorias e Adereços: São os elementos plásticos que compõem a Escola/o Bloco e que ilustram o enredo do desfile. O número de alegorias varia conforme o regulamento que as entidades LIGA e UESP estabelecem de acordo com cada grupo de entidades concorrentes. Essa variação dá-se também com relação ao número de componentes das alas, bateria, entre outros, de acordo com o grupo a que a Escola pertença e o regulamento do concurso.

Até a década de 50, as alegorias eram muito simples. Havia um preconceito com relação ao uso delas no Carnaval Popular, uma vez que eram a base dos desfiles das Grandes Sociedades. (RIOTUR, 1991:311).

Porém, a partir dos anos 70, inicia-se, no desfile do Rio de Janeiro, uma nova era no uso desse recurso, e as Escolas dão um salto de qualidade, utilizando-se de novos materiais, tais como: o verniz, tinta plástica, isopor, dando mais volume e brilho. (id., p.311)

Atualmente, nas grandes Escolas/Blocos, as alegorias são ricamente montadas, com enormes estruturas mecânicas, muitas cores e adereços.

Barracão: É o espaço físico onde se desenvolvem os trabalhos para a montagem da Escola/do Bloco. Lá são construídos os adereços, as alegorias e as fantasias. Nesse espaço trabalham os carpinteiros, serralheiros, costureiras, decoradores e, naturalmente, o carnavalesco. Em geral, existe um chefe do barracão, que é quem coordena os trabalhos, estabelece prioridades, desenvolvendo, junto ao carnavalesco, novas técnicas e novos materiais para serem utilizados na confecção das fantasias e alegorias.

Bateria: É o grupo de instrumentistas, ou batuqueiros, como são conhecidos, que tocam os instrumentos sonoros da Escola/do Bloco e que na verdade é uma orquestra formada por instrumentos de percussão. A raiz desse ritmo é africana, sendo introduzido aos desfiles no começo do século XX pelos escravos alforriados. No princípio, os instrumentos eram bastante primitivos, feitos de caixas

de madeiras e forrados com couro de gato. Atualmente esses instrumentos são industrializados. (id., ibid., p.315).

Existe a figura do Mestre de Bateria que exerce a função de maestro da bateria. Ele é quem dá o tom da batida e tem conhecimento profundo de todos os instrumentos de percussão utilizados.

A quantidade de componentes varia de acordo com o porte da Escola/do Bloco e do regulamento.

Carnavalesco: É o responsável pela criação e desenvolvimento do enredo do desfile da agremiação. O tema é escolhido, muitas vezes, através de um concurso entre pretendentes, e dele é elaborado o roteiro, quando são desenvolvidos a pesquisa e o enredo, propriamente dito. Logo após, deve o carnavalesco desenvolver os desenhos dos figurinos, alegorias e adereços. Na realidade, ele é como o diretor artístico da Escola para aquele desfile. Também é função dele a elaboração do resumo do enredo que será entregue para a composição do samba-de-enredo e o acompanhamento da escolha do mesmo, assim como dos trabalhos desenvolvidos no barracão. Essas atribuições podem variar de acordo com o porte da Escola/Bloco. Em geral, essa função de carnavalesco é remunerada financeiramente pela agremiação. A sua responsabilidade é muito grande, pois, toda a plasticidade e visual da Escola/Bloco depende da sua criatividade e profissionalismo.

Chefe de ala e de harmonia: São os responsáveis, durante o desfile, pelo conjunto da agremiação na avenida. São eles que imprimem a velocidade da apresentação para o cumprimento do tempo estipulado em regulamento. Cuidam também para que não se formem “buracos” entre as alas e carros, harmonizando o visual. A diferença entre um e outro é que o de harmonia percorre o grupo todo se deslocando de um lado a outro e o de ala mantém o ritmo dos passos ensaiados apenas na sua ala, não se deslocando pela avenida toda. Antes do desfile, durante os ensaios, os chefes de harmonia ajudam a manter a ordem na

quadra e auxiliam a diretoria nas tarefas. Os das alas buscam arregimentar interessados para compor as suas alas.

Comissão de Frente: A comissão de frente surgiu nos desfiles das Grandes Sociedades, onde pessoas vestidas a rigor, em geral montadas a cavalo, vinham à frente dos carros alegóricos saudando o público e os jurados. (RIOTUR, 1991:338).

Nos dias atuais, também, o papel da comissão de frente é o de abrir o desfile à frente da Escola/do Bloco, seguindo regras estabelecidas em regulamento, quanto ao número de integrantes, cores, entre outras.

Concentração: Área que antecede a pista do desfile reservada para que as agremiações aguardem a sua hora de entrar na avenida. Em geral, os acabamentos dos carros alegóricos são feitos nesse espaço onde, também, os chefes de harmonia e de ala acertam os componentes e dão as orientações finais.

Destaques: São os componentes que desfilam, isoladamente, no carro alegórico ou no chão, cujas fantasias representam também elementos do enredo, porém de maneira luxuosa e imponente.

Dispersão: Área posterior à pista de desfile reservada para a dissolução das alas e prévia desmontagem dos carros alegóricos. Os trabalhos nessa área devem ser ágeis e eficientes, pois, se houver sobrecarga e demora, podem ocorrer atrasos no desfile da agremiação levando-a, em algumas ocasiões, a perder pontos, dependendo do previsto em regulamento do concurso.

Enredo: É o tema central do desfile. Na história dos desfiles das Escolas houve uma evolução com relação aos temas escolhidos. Até a década de 50, os autores

escolhiam motivos relacionados à história do Brasil. A partir da década de 60, com Fernando Pamplona e o seu enredo o Quilombo dos Palmares, iniciou-se uma diversificação, abrindo para várias abordagens de temas. (RIOTUR, 1991:309)

Existem dois momentos na criação do enredo: o literário, onde se desenvolve pesquisa sobre o assunto, e o plástico-visual que ocorre quando se desenvolvem os figurinos. É feito também um Roteiro ou Ordem do Desfile, que é o Argumento para montagem das alas, destaques, alegorias e adereços.

Fantasia: São as roupas confeccionadas a partir do figurino criado e desenhadas pelo carnavalesco¹⁵⁰, utilizadas pelas alas e destaques e seguem fielmente ao enredo.

Mestre-Sala e Porta-Bandeira: Essa dupla representa figura importante na Escola/no Bloco, pois transporta (porta-bandeira) e defende (mestre-sala) o estandarte da entidade. Sua origem se deu na época dos “ranchos” do Rio de Janeiro, onde o baliza, hoje mestre-sala, tinha a função de defender o estandarte, pois, quando do encontro de duas agremiações rivais, era comum uma tentar roubar da outra. (RIOTUR, 1991:333).

Na cidade de São Paulo, a presença do casal só foi inserida em meados de 1969. (MORAIS, 1978:72).

Os movimentos do casal são ricos em graça e leveza, e sua dança e coreografia têm um treinamento especial. Pode haver mais de um casal de mestre-sala e porta-bandeira numa mesma Escola, depende de seu porte e do regulamento.

Passistas: Grupos de sambistas que desfilam entre as alas de forma livre, sambando com bastante maestria, tanto no pé como nas mãos, fazendo malabarismos com pandeiros e chapéus. Os passistas precisam ter o chamado

¹⁵⁰ Podem ser desenhadas por um figurinista que trabalhe junto ao carnavalesco.

samba no pé, ou seja, maestria na demonstração dos passos característicos do samba. Costumam ficar espalhados na avenida e chamam grande atenção do público. Nessa função encontram-se tanto homens como mulheres. As suas fantasias não seguem os padrões das alas que eles acompanham.

Samba-de-Enredo: É a canção originada do enredo. Nela conta-se a história que a Escola/o Bloco está representando. Ele pode ser descritivo, onde especifica detalhes do enredo, ou interpretativo, isto é, passa a idéia do tema, sem detalhá-lo. O Puxador do Samba é o cantor principal da Escola/do Bloco, é aquele que deve manter a animação dos componentes através de uma voz forte, firme e muito ritmo. Normalmente, ele é acompanhado de outros cantores que o auxiliam e de instrumentos de corda para manter a harmonia da melodia.

Referência Bibliográfica

ARANTES, Otília; MARICATO, Ermínia; VAINER, Carlos. **A cidade do pensamento único: desmanchando consensos**. 3ª ed. Petrópolis: RJ, 2002. 192p.

BRUHNS, Heloisa Turini. **Futebol, carnaval e capoeira: Entre as gingas do corpo brasileiro**. Campinas, SP: Papirus, 2000. 91-130p.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania**. 2ª ed. São Paulo, SP: Ed.34/Edusp, 2003. 400p.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade**. São Paulo, SP: Contexto, 2004. 154p.

_____. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Ed. Hucitec, 1996. 149p.

CASTRO, Valdir José de. **A publicidade e a primazia da mercadoria na cultura do espetáculo**. In: CASTRO, Valdir José de; COELHO, Cláudio Novaes Pinto (org). **Comunicação e sociedade do espetáculo**. São Paulo: Paulus, 20006. 211p.

CHAUÍ, Marilena. **Simulacro e poder: uma análise da mídia**. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2006. 142p.

COSTA, Haroldo. **Na Cadência do Samba**. Rio de Janeiro: Novas Direções, 2000. 288 p.

COX, Harvey. **A Festa dos Foliões**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1974. 183p.

CRECIBENI, Nelson. **Convocação geral: a folia está na rua: o carnaval de São Paulo tem história de verdade**. São Paulo: O Artífice, 2000. 15-32p.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, Malandros e Heróis**. 6ªed. Rio de Janeiro, RJ: Rocco, 1997. 350p.

DAMIANI, Amélia Luisa. **Urbanização crítica e situação geográfica a partir da metrópole de São Paulo**. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino (org.). **Geografias de São Paulo: representação e crise da metrópole**. Vol.1. São Paulo, SP: Ed. Contexto, 2004. 19 – 58p.

_____. **O lugar e a produção do cotidiano.** In: CARLOS, Ana Fani Alessandri.(Org) **Novos caminhos da Geografia.** São Paulo: Ed. Contexto, 2002. 161 – 172p.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo.** Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. 238p.

DOMINGUES, Petrônio José. **Uma história não contada: negro, racismo e branqueamento em São Paulo no pós-abolição.** São Paulo, SP: Ed. Senac São Paulo, 2004. 133 – 202p.

MORAES, Eneida de. **História do Carnaval carioca.** Edição revista e ampliada por Haroldo Costa. Rio de Janeiro: Record, 1987.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil.** 11ª edição. São Paulo: Edusp, 2003 (Didática, 1), 275-289p.

GABLER, Neal. **Vida, o Filme: como o entretenimento conquistou a realidade.** São Paulo: Companhia das Letras, 1999. 293p.

GOMES JÚNIOR, Odilon. **História resumida do bairro de Perus.** Agenda Comercial Folha X, Perus, ano 5, 6ª ed., p.49-50, jun. 2001.

HORI, Ieda Marques Britto. **Samba na cidade de São Paulo 1900 – 1930: Contribuição ao estudo da resistência e da repressão cultural.** 1981. 73p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Departamento de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

LANGENBUCH, Juergen Richard. **A estruturação da grande São Paulo – estudo de geografia urbana.** Rio de Janeiro – IBGE, 1971. 354p.

_____. In **Espaço & Debate: periferia revisitada.** N.42. São Paulo, Núcleo de Estudos Regionais e Urbanos – NERU, 1981. 85-91p.

LEFEBVRE, Henry. **O direito à cidade.** 2ª ed. São Paulo, SP: Centauro, 2001. 145p.

_____. **A revolução urbana.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999. 178p.

LEOPOLDI, José Sávio. **Escola de Samba, ritual e sociedade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1978. 148p.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no Pedaco: Cultura popular e lazer na cidade**. São Paulo: Hucitec/UNESP, 1998. 166p.

MARICATO, Ermínia (org). **A produção capitalista da casa (e da cidade) no Brasil industrial**. 2ª ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1982.

MARTINS, José de Souza. **O Cativo da Terra**. 8ª ed. São Paulo, SP: Hucitec, 2004. 97-115p.

MASSEY, Doreen. Um sentido global do lugar...In ARANTES, Antonio (org). O espaço da diferença. Campinas – SP: Papius Editora, 2000. 178 – 185p.

MORAIS, Wilson Rodrigues de. **Escolas de samba de São Paulo, Capital**. São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978. 168p.

MORAIS FILHO, Melo. **Festas e tradições populares no Brasil**. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1979. p. 29-38.

MOURA, Paulo Cursino de, 1897-1943. **São Paulo de outrora: evocações da metrópole. Série Reconquista do Brasil**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1980. 244-247p.

NABHAN, Neusa Neif; SANTOS, Yolanda Lhullier dos; URBANO, Maria Aparecida. **Arte em desfile: Escola de samba paulistana**. São Paulo: EDICON, 1987. 05p.

NORONHA, Celi Bonina de. **Tribos Urbanas: Uma visualidade brasileira na arte do carnavalesco**. 1994. 142p. Dissertação (Mestrado em Artes) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.

PINHEIRO, Marlene M. Soares. **A travessia do avesso: sob o signo do carnaval**. São Paulo: Annablume, 1996. 146p.

PORTO, Antônio Rodrigues. **História Urbanística da Cidade de São Paulo**. São Paulo: Carthago Editorial, 1992. 189p.

PRADO JR., Caio. **A cidade de São Paulo: geografia e história**. 13ª edição. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1983.

PROENÇA, Heloísa Maria de Salles Penteado (coord.). **São Paulo em números**. São Paulo, SP: Secretaria Municipal de Planejamento, 2000. 76p., ilus., mapas, tabelas.

_____. **Perfil Socioeconômico do Município de São Paulo**. São Paulo, SP: Secretaria Municipal de Planejamento, 2000. 96p., illus., mapas, tabelas.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Carnaval Brasileiro: o vivido e o mito**. 1ª reimpr. da 1ª ed. de 1992. São Paulo: Brasiliense, 1999. 237p.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Algumas Experiências Urbanísticas no início da República: 1890-1920. Cadernos de Pesquisa do LAP- Laboratório de Estudos sobre Urbanização, Arquitetura e Preservação**. 1ª ed. ago/1994 - 2ª tiragem dez/03. Fau – USP. 61p.

RIBEIRO, Ivana Maria Franco. **Pedagogia da possibilidade: do sonho a realidade. O currículo de uma Escola de samba, inspirado em Paulo Freire, como um caminho de reversão da exclusão social**. Vol. I. 2000. 114p. Dissertação (Mestrado em Educação), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

RIOTUR, Empresa de Turismo do Município do Rio de Janeiro S.A.. **Memória do Carnaval**. Rio de Janeiro: Oficina do Livro, 1991. 407p.

SAES, Flávio. **São Paulo republicana: vida econômica**. In: PORTA, Paula (org.). **História da cidade de São Paulo: A Cidade na Primeira Metade do século XX**. São Paulo, Paz & Terra, 2004

SCARLATO, Francisco Capuano. **População e Urbanização Brasileira**. In: ROSS, Jurandyr L. Sanches (org.). **Geografia do Brasil**. 4ª edição, 1ª reimpressão. São Paulo, SP: Edusp, 2003. 381-400p.

SEABRA, Odette Carvalho de Lima. **São Paulo: a cidade, os bairros e a periferia**. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; OLIVEIRA, Arioaldo Umbelino (org.). **Geografias de São Paulo: representação e crise da metrópole**. Vol.1. São Paulo, SP: Ed. Contexto, 2004. 271 – 311p.

SEBE, José Carlos. **Carnaval, carnavais**. São Paulo: Ática, 1986. 96p.

SEGAWA, Hugo. **Prelúdio da Metrópole: Arquitetura e Urbanismo em São Paulo na passagem do século XIX ao XX**. 2ª ed. Cotia – SP: Ateliê Editorial, 2004. 21 a 42p.

SILVA, Armando Corrêa da. **O espaço fora do lugar**. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1988. 128p.

SOARES, Reinaldo da Silva. **O cotidiano de uma Escola de samba paulistana: O caso Vai-Vai**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Departamento

de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 1999.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **O centro e as formas de expressão da centralidade urbana. Revista de Geografia, v. 10.** Presidente Prudente – SP: UNESP, 1991, p. 1-18.

TINHORÃO, José Ramos. **As festas no Brasil colonial.** São Paulo: Ed. 34, 2000. 176p.

TRINDADE, Liana Salvia. In: PORTA, Paula (org.). **História da Cidade de São Paulo, v.3: A cidade na primeira metade do Século XX.** São Paulo, SP: Paz e Terra, 2004. 101 – 109p.

URBANO, Maria Aparecida. **Carnaval & Samba em evolução na cidade de São Paulo.** São Paulo: Ed Plêiade, 2006. 282p.

Artigos

SILVA, Maria Nilza da. **Território e Raça: Fronteiras urbanas numa metrópole brasileira.** Trabalho apresentado no XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizados em Caxambu – MG – Brasil, de 18 a 22 de setembro de 2006. Disponível no www.abepnpo.unicamp.br/encontro2006. Acesso em 08/05/2007 às 10 horas.

Relatório oficial:

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO. **Relatório Final de Governo – 1989-1992** – publicação produzida pela Assessoria de Imprensa do Gabinete da Prefeita e distribuída gratuitamente para a população. 1992. Relatório.

Jornal

JORNAL DA TARDE. Reportagem contra-capá. São Paulo. p.2A. 24 abril 2007.

_____. Caderno Variedades. Ed. 13313. São Paulo. p.1 e 2. 04 fev 2007.

_____. Caderno Variedades. São Paulo. p.1C. 09 jan 2007.

JORNAL DESTAK. Ed.122. São Paulo. Manchete e p.12. 09 jan 2007.

O ESTADO DE SÃO PAULO – OESP. Caderno Metrópole. São Paulo. 18 ago 2004.

_____ Caderno Metrópole. São Paulo. p.C1. 01 jan 2006.

_____ Serra vai cobrar aluguel de clubes. Caderno Metrópole. São Paulo. p. C1 e C3. 15 jan 2006.

Sites:

www.estadao.com.br/ultimas/cidades/carnaval/2007/fev/16/256.htm

www.globo.com/sptv. Programas apresentados nos dias 08/02/2007 e 13/02/2007
acesso em 14/02/2007

www.prefeitura.sp.gov.br/subprefeituras/sppr/organização/0002 acesso em
07/09/2004 as 13h17min

www.prefeitura.sp.gov.br

CD:

FILME, Geraldo. Ensaio. Série gravada do programa dirigido por Fernando Faro.
Gravação da Fundação Padre Anchieta – TV Cultura. 1992

Revista:

ARCHITECTURA E CONSTRUÇÕES. São Paulo. Revista mensal sem nome da
editora. Dezembro, 1929. P.10